



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**A OBRA *DEI GESTA PER FRANCOS* DE GUIBERTO DE NOGENT:  
UMA INTERPRETAÇÃO MONÁSTICA DA PRIMEIRA CRUZADA**

**WEMERSON DOS SANTOS ROMUALDO**

**MONOGRAFIA – GRADUAÇÃO**

**GOIÂNIA**

**2022**

**WEMERSON DOS SANTOS ROMUALDO**

**A OBRA DEI GESTA PER FRANCO DE GUIBERTO DE NOGENT:  
UMA INTERPRETAÇÃO MONÁSTICA DA PRIMEIRA CRUZADA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)  
apresentado como requisito para obtenção do título de  
Licenciado em História. Curso de História pertencente  
à Escola de Formação de Professores e Humanidades  
da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Cristina de Sousa  
Nascimento

**GOIÂNIA**

**2022**

**WEMERSON DOS SANTOS ROMUALDO**

**A OBRA *DEI GESTA PER FRANCOS* DE GUIBERTO DE NOGENT:  
UMA INTERPRETAÇÃO MONÁSTICA DA PRIMEIRA CRUZADA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)  
apresentado como requisito para obtenção do  
título de Licenciado em História, pela Pontifícia  
Universidade Católica de Goiás.

Trabalho aprovado, Goiânia, 07/12/2022

---

DRA. RENATA CRISTINA DE SOUSA NASCIMENTO (UFJ/ UEG/ PUC GOIÁS)  
Orientadora/Presidente da Banca

---

DR. FABIANO FERNANDES (UNIFESP)  
Avaliador 1

---

DR. HUGO RINCON AZEVEDO (UFG/ PUC GOIÁS)  
Avaliador 2

GOIÂNIA

2022

## DEDICATÓRIA

Aos pesquisadores de História Medieval.



**Figura I:** Papa Urbano II pregando no Concílio de Clermont. Iluminura do manuscrito *Les passages d'outremer* (1472-1475) de Jean Colombe (1430-?). Biblioteca Nacional da França, Fr.5594, f.19r.  
Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:CouncilofClermont.jpg>.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade do conhecimento, pela força, motivação, pelas capacidades e habilidades que me garantiram almejar e alcançar este passo importante da vida. Não foram poucas as dificuldades, maiores foram as oportunidades (!) que entre meio a cansaços e algumas decepções pude aproveitar. São sentimentos de gratidão, dever cumprido, felicidade e realização. Ainda maior, sem mensura, o desejo de continuar, pesquisar, aprofundar e essencialmente ensinar, divulgar. Há muito o que aprender, há muito o que corrigir! Em tudo, agradeço as oportunidades e às pessoas em meu caminho.

Em primeiro, aos meus pais, José e Sandra, grandes pessoas, exemplos de fato. Geradores, cuidadores, educadores, provedores de tudo o que necessitei e ainda necessito. Seguidos de minha irmã, Ana, meu cunhado, Renan e meu sobrinho, Heitor. Igualmente grandes pessoas. Sem eles não poderia ter o privilégio de ter passado tanto tempo disponível estudando na universidade, a oportunidade do lar, do auxílio, do companheirismo, do amor familiar. Imensamente grato.

À Profa. Renata, excepcional mulher, pesquisadora, orientadora e amiga. A possibilidade de ter sido seu aluno e orientando é um dos grandes privilégios da minha vida, me sinto honrado. Os ensinamentos desprendidos da sala de aula, orientações feitas em toda e qualquer hora, em todos e quaisquer lugares foram um diferencial. Uma pesquisadora nata, de ensino inerente, de gentileza e sutileza sem medidas. Pesquisadora séria, exemplo para mim de professora, exemplo de pessoa. Todo agradecimento seria o mínimo para elucidar a importância em meu processo formativo, como pesquisador e como pessoa. Sem ela, não chegaria até aqui! Desejo que este vínculo continue!

Ao Prof. Ivan, com quem tive mais disciplinas durante a graduação, por escolha pessoal por reconhecer suas qualidades. Pesquisador e professor exigente, didática excepcional, métodos de avaliação que pretendo me inspirar. Contribuiu para a regular qualidade da minha escrita, contribuiu para o meu olhar metodológico, para que hoje eu desse este passo para me tornar historiador. Despertou em mim o interesse pelo grego e latim.

À Profa. Simone, exigente, gentil, sincera, autêntica. Pelas conversas pude aprender sua didática, metodologia, maneira de pesquisar e ensinar. Pelas aulas e correções tive certeza, imensa qualidade, excepcional na didática e objetividade para a Teoria da História (tão necessária!). Pelo grupo de estudos me fez olhar para a História do Brasil com outros olhos. Privilégio em ser seu aluno.

Ao Prof. Carlile, importante para este trabalho. Solícito em me fornecer a Autobiografia de Guiberto de Nogent, tão essencial para minhas pesquisas e ainda em me disponibilizar a sua tradução desta fonte. Tem uma parcela de contribuição neste trabalho.

Às Profas. Danielli, Maria Cristina Nunes, Maria Cristina Dutra e Rosemary, excelentes professoras e pesquisadoras, comprometidas, sérias. Contribuíram de maneira ímpar durante a graduação. Alguns elementos de suas aulas guardarei como exemplo. Quando nos tornamos professores, somos uma junção de características de nossos professores.

À Profa. Taís, amiga de graduação, de grupo de estudos e da vida. Minha grande companheira nos momentos importantes da vida acadêmica. Mais experiente como pesquisadora e professora, me auxiliou muito e diversas vezes na pesquisa e na escrita. Uma irmã, família, por quem tenho grande admiração e respeito!

Ao Grupo de Pesquisa Sacralidades Medievais, coordenado pela Profa. Renata. Por meio deste tive oportunidades únicas de estudo, eventos, publicação. Conheci grandes pesquisadores, amigos e futuros colaboradores de pesquisa. Uma alegria!

Ao Outremer (Grupo de Estudos sobre Ordens Militares e Cruzadas), coordenado pelo Prof. Dirceu e Prof. Fabiano. Como o nome já indica influenciou na escolha deste tema de pesquisa, no acesso a leituras e discussões fundamentais. Imensamente grato pela oportunidade de participar.

Ao GEMUNA (Grupo de Estudos do Mundo Antigo), coordenado pelo Prof. Ivan. Por meio deste pude ampliar conhecimentos, realizar leituras importantes como de imaginário, mito, de épicos e clássicos gregos e romanos. Experiência extracurricular importantíssima.

Ao GEPHBRAS (Grupo de Estudos e Pesquisa em História do Brasil), coordenado pela Profa. Simone. No qual tive a oportunidade de aprender mais sobre a História do Brasil, em discutir temáticas políticas, religiosas e culturais.

Ao Christus Históricos, coordenado pelo Prof. Cláudio e pelo Prof. Pedro. Um grupo de estudos sobre História do Cristianismo, onde tive a oportunidade de aprender e publicar. Grato pela amizade e apoio dos coordenadores e membros.

Aos amigos que fiz na PUC, alguns já em exercício, outros que não estão mais no convívio diário da universidade, mas que são importantes e acompanham minha trajetória: Amanda, Ana Lina, Cássio, Débora, Igor, Jaqueline, Júlia, Raquel, Taís, Thercyo, Vinícius, Yasmin. De modo especial à Paula e Sarah, companheiras de período, amigas de todos os dias, dos sucessos e insucessos da universidade. Companheiras de vida!

Aos meus amigos e companheiros de caminhada de vida por tantos anos em Américo de Campos, minha cidade natal. Alguns não mais mantenho contato, mas fizeram parte da minha história: Anadir, Ana (Dona Ana), Ana Lúcia, Ana Luzia (Analu), Aniely, Beatriz (Bia), Berenice, Beth, Célia, Conceição, Danilo, Dayara, Eliza, Euripes (Lipe), Guilherme, Heloisa, Ivone, Jean, Juliana, Laís, Larissa, Leonardo, Letícia, Luana, Maria Emília, Marli, Natália, Rafael, Renata, Rita, Pe. Roberto, Rosa Helena (Rosinha), Roseli, Silvana, Sueli, Terezinha, Thaís, Thiago, Victor Gabriel, Viviani, Ynahê. Haveria ainda mais nomes, que guardo com carinho, de pessoas que comigo conviveram diariamente até os meus vinte anos, pessoas que revejo e visito em minhas viagens de férias, cujos nomes preencheriam algumas páginas.

Aos meus amigos e companheiros do tempo de seminário, tempo frutífero dos estudos de filosofia, latim e história do cristianismo: Ademir (*in memoriam*), Pe. Alan, Alexandre, Brenno, Bruno, Dhionem, Pe. Fernando, Jorge, Miguel, Pe. Murilo, Pe. Paulo, Renan. E em especial à querida Profa. Silvia Cury, professora de antropologia filosófica que me auxiliou sobremaneira em meus estudos, por quem tenho admiração e carinho.

Aos meus professores do ensino básico, por sua motivação e contribuição, Alessandra, Alana, Carlos, Claudinei, Cristiane, Cristina, Fátima, Joyce, Laila, Leonice, Lidiamara, Lígia, Mariana, Natália, Renata, Rosilene, Rui, Sônia, Vivien.

Aos meus amigos da Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, onde tive a oportunidade de estagiar, Clodovil, Evani, Juliana, Maria Eduarda, Públio Max, Sebastião, Sinara.

Aos meus amigos e companheiros da Paróquia Nossa Senhora Rosa Mística, em Goiânia, que sempre me apoiam: Ana Lídia, Camila, Claudia, Danilo, Pe. Eduardo, Eliane, Evani, Laura, Luciano, Mário Filho, Maycon, Murilo, Nicolly, Públio Max, Rosane, Silvia, Vitória, Wellington.

À PUC Goiás e ao Curso de História, em especial ao coordenador Prof. Ivan, pelo seu empenho na qualidade do curso, na promoção de eventos, no compromisso social e político. Agradeço ainda ao CNPq, pelo apoio por meio das bolsas de Iniciação Científica em meus três projetos, dois já concluídos de 2020-2022 e um terceiro ainda em andamento de 2022-2023. Auxílio importante para manutenção na universidade e na aquisição de livros e materiais da pesquisa. Por fim aos avaliadores deste trabalho, Prof. Fabiano Fernandes e Prof. Hugo Rincon, pelo aceite de participação na banca, leitura atenta, apontamentos e correções que enriqueceram este breve estudo.

*Omni patientia pervenit*

St. Teresa D'Ávila



## RESUMO

O pensamento de uma guerra justa, herança do Império Romano, aos poucos se desenvolveu no seio cristão para uma concepção de guerra santa. Os contextos globais do final do século XI permitiram que a guerra santa se traduzisse em uma nova concepção, as Cruzadas, um movimento entendido a partir da longa duração. Diversas narrativas foram fomentadas em decorrência desses eventos, textos contemporâneos aos eventos e posteriores, dado o seu impacto. Analisar este ou estes movimentos demanda um olhar plural, a partir de um prisma que não reduza as Cruzadas a somente expedições militares. A obra *Dei gesta per francos* de Guiberto de Nogent (1055-1125) é uma narrativa da Primeira Cruzada que, possibilita a análise dos aspectos religiosos, sociais, intelectuais e étnicos no início desse movimento, e ainda o estudo das percepções de um monge intelectual contemporâneo a essa primeira expedição.

Palavras-chave: Narrativas. Cruzadas. Guiberto de Nogent.

## RESUMEN

El pensamiento de una guerra justa, el legado del Imperio Romano se desarrolló gradualmente dentro del presagio cristiano para una concepción de la guerra santa. Los contextos globales de finales del siglo 11 permitieron que la guerra santa se tradujera en una nueva concepción, las Cruzadas, un movimiento entendido desde la larga duración. Varias narrativas fueron promovidas como resultado de estos eventos, textos contemporáneos a los eventos y más tarde, dado su impacto. Analizar este o estos movimientos requiere una mirada plural, desde un prisma que no reduzca las Cruzadas a expediciones militares solamente. La obra *Dei gesta per francos* de Guiberto de Nogent (1055-1125) es una narración de la Primera Cruzada que permite el análisis de los aspectos religiosos, sociales, intelectuales y étnicos al inicio de este movimiento, y también el estudio de las percepciones de un monje intelectual contemporáneo a esta primera expedición.

Palabras clave: Narrativas. Cruzadas. Guiberto de Nogent.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura I – Papa Urbano II pregando no Concílio de Clermont.....	04
Figura 1 – Mapa do mundo T e O, centrado em Jerusalém.....	41
Figura 2 – Mosteiros sobre a influência cluniacense no século XI.....	46
Figura 3 – Mapa do Império Romano do Oriente c. 1050.....	48
Figura 4 – Cidade Constantinopla no período da Primeira Cruzada .....	50
Figura 5 – Representação de Guiberto de Nogent .....	66
Figura 6 – Mapa da França medieval .....	69
Figura 7 – Manuscrito B.N.Lat. 18417 .....	80
Figura 8 – Manuscrito B.N.Lat. 18416 .....	81
Figura 9 – Mapa dos territórios latinos na Primeira Cruzada.....	96
Figura 10 – Lança Sagrada .....	100

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2. RUMO À JERUSALÉM: A “GUERRA DE DEUS” .....</b>	<b>19</b>
<b>2.1 O imaginário bélico: da violência sagrada à formação da ideia de Cruzada .....</b>	<b>22</b>
2.1.1 <i>Guerra santa</i> .....	26
2.1.2 <i>Concílio de Clermont e a pregação da Cruzada</i> .....	33
<b>2.2 O contexto histórico da Cristandade: entre Oriente e Ocidente .....</b>	<b>42</b>
<b>2.3 Guerra santa e penitencial, peregrinação, indulgências e remissão dos pecados .....</b>	<b>54</b>
2.3.1 <i>Remissão dos pecados por meio de penitências e indulgências</i> .....	55
2.3.2 <i>Peregrinação</i> .....	59
<b>3. A PRIMEIRA CRUZADA NA NARRATIVA DE UM ABADE MEDIEVAL .....</b>	<b>63</b>
<b>3.1 Guiberto de Nogent, um monge no período das Cruzadas .....</b>	<b>64</b>
3.1.1 <i>Sobre a produção escrita de Guiberto de Nogent</i> .....	72
<b>3.2 A obra <i>Dei gesta per Francos</i> como fonte para a Primeira Cruzada .....</b>	<b>74</b>
3.2.1 <i>Panorama</i> .....	77
3.2.2 <i>A questão dos judeus, cristãos gregos e muçulmanos em <i>Dei gesta per Francos</i></i> .....	86
3.2.3 <i>Uma leitura da Primeira Cruzada</i> .....	95
<b>3.3 As Cruzadas, a Lança Sagrada e outras relíquias .....</b>	<b>100</b>
<b>4. CONCLUSÃO .....</b>	<b>110</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>116</b>

## 1. INTRODUÇÃO

*Mas na guerra, mais do que em qualquer outra questão, devemos começar olhando para a natureza do conjunto*<sup>1</sup>.

As Cruzadas fazem parte do grupo das maiores guerras da história<sup>2</sup>, a respeito delas muito já foi escrito e produzido, sejam as crônicas e histórias contemporâneas e posteriores; a definição de fontes, edições e produções acadêmicas que não cessam de acontecer; as representações artísticas ainda na Idade Média e posteriormente; os livros didáticos e materiais escolares de história; as produções cinematográficas, comerciais e os jogos virtuais ou de tabuleiro.

Assim como com qualquer objeto historiográfico, os estudos sobre as Cruzadas têm a sua própria história e se constituem como *representações* desse objeto. Seria longa a discussão a respeito do conceito de representação, contudo, para compreendermos o que pretendemos dizer tomemos como significado deste conceito “a forma como um grupo social vê e explica um elemento de sua sociedade”<sup>3</sup>, acrescentamos, também de outras sociedades. Paul Zumthor, em seu livro *Falando de Idade Média*, estabelece o caminho, que ele denomina *comunicações*, para uma fonte medieval: primeiro, uma *comunicação original* que podemos compreender como o acontecimento; segundo a *1ª comunicação mediatizada*, ou seja, a produção das fontes, manuscritos, obras de arte e outros materiais que já contam com influências sócio-históricas, culturais, religiosas; terceiro a *2ª comunicação mediatizada*, normalmente produzida por pessoas eruditas e destinadas a outras com capacidade/possibilidade de acesso; quarto a *comunicação consumível*, entendida como destinada a qualquer pessoa que se interesse pelo assunto<sup>4</sup>.

A compreensão de outros conceitos se faz necessária e têm lugar em nosso trabalho: *longa duração*, *imaginário* e *psico-história*. Tomemos como *longa duração* uma perspectiva histórica de fenômenos longos em temporalidade, por exemplo, buscar as raízes do pensamento de *guerra santa*

---

<sup>1</sup> CLAUSEWITZD, C. von. **Da Guerra**. [S. l. n.] - Versão do tradutor: Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle, 2014. (Ebook), p. 75.

<sup>2</sup> MARCHINI NETO, D. Expeditio crucis: cruzadas e peregrinos. In: NASCIMENTO, R. C. S. (org.). **Sacralidades Medievais**: Textos e temas. Goiânia: Tempestiva, 2021, p. 65.

<sup>3</sup> Verbete *Imaginário* em SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de Conceitos Históricos**. – 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009, p. 214.

<sup>4</sup> ZUMTHOR, P. **Falando de Idade Média**. São Paulo: Perspectiva, 2009, (Coleção debates), p. 38.

na noção de *guerra justa* de Cícero, é uma análise do longo desenvolvimento de um objeto historiográfico ou como definiu Jacques Le Goff uma noção de Longa Idade Média que se estende da Antiguidade Tarde até o século XIX na análise de pensamento, tal discussão e definição foi realizada por Fernand Braudel no século XX<sup>5</sup>.

O conceito de *imaginário* foi amplamente discutido também no século XX por Gaston Bachelard, Gilbert Durand, Jean-Jacques Wunenburger, Jacques Le Goff e outros. O compreendemos como o conjunto do universo simbólico, das imagens visuais e mentais, das formas de representação, os aspectos característicos de uma cultura, sociedade ou época e a sua relação com o pensamento e ação humanas<sup>6</sup>. O conceito de *psico-história* é a perspectiva de incorporar nas discussões historiográficas conhecimentos e olhares do campo da Psicologia, analisar os objetos buscando as nuances psicológicas dos indivíduos, como por exemplo, analisar a autobiografia de uma personagem histórica e dar importância a elementos que aparentemente transpareçam suas neuroses, seus desejos e como esses elementos estão relacionados à época<sup>7</sup>.

Retomando a discussão de Paul Zumthor sobre as *comunicações*, uma outra questão se coloca em relação ao singular da palavra *acontecimento*, seriam as Cruzadas um movimento isolado e engendrado entre 1099 e 1272, definido como uma campanha bélica, com o objetivo de conquistar novas terras no Oriente?

Uma guerra não se “irrompe de uma maneira totalmente inesperada, nem pode alastrar-se instantaneamente”<sup>8</sup>, existem fatores as vezes bem anteriores à realização do conflito, que incidem sobre a sua formulação. Por sua vez, a realização necessita de um contexto favorável ao conflito, de grupos étnicos, sociais, religiosos e políticos que nutrem diferenças. Notamos aqui que o belicismo por si só não responde à motivação de uma guerra, esta é a nossa perspectiva neste trabalho, analisar as Cruzadas, especificamente a Primeira Cruzada, a partir de olhares que não focam apenas o seu aspecto militar.

Em um primeiro momento, analisamos o conceito de *guerra santa*, buscando suas origens na influência do pensamento romano de uma guerra com causa justa, fortalecida no pensamento

<sup>5</sup> Ver BRAUDEL, F. **La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II**, 1949. & BRAUDEL, F. História e ciências sociais: a longa duração. **Revista de História**, v. 30, n. 62, p. 261-294, 1965.

<sup>6</sup> BARROS, José D. Assunção. História, imaginário e mentalidades: delineamentos possíveis. **Conexão-Comunicação e Cultura**, v. 6, n. 11, 2007.

<sup>7</sup> BARROS, J. D'A. Imaginário, Mentalidades e Psico-História – uma discussão historiográfica. **Revista Labirinto, UNIR**, vol 7, dez, p. 1-28, 2005.

<sup>8</sup> CLAUSEWITZ, C. von. **Da Guerra**. [S. l. n.] - Versão do tradutor: Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle, 2014. (Ebook), p. 75.

cristão pelos escritos de Agostinho de Hipona. Ao longo do medievo, contexto em que conflitos militares eram comuns, notamos uma ambiguidade no pensamento cristão que rejeita a violência, insiste numa religião de paz, contudo se utiliza dessa violência em favor da religião. Gregório VII (1020-1085)<sup>9</sup> e Urbano II (1042-1099)<sup>10</sup> cunham as bases de uma sacralização da guerra que será adotada pelos papas subsequentes, é neste momento que se desenvolvem as Cruzadas.

Em seguida, dedicamos nosso olhar para o Concílio de Clermont, realizado em 27 de novembro de 1095. Nesta oportunidade, o papa Urbano II – junto a outras matérias – encoraja os cristãos do Ocidente a partirem em direção a Jerusalém, com o objetivo de libertarem os lugares santos do domínio muçulmano e protegerem os cristãos gregos (recentemente separados pelo Cisma de 1054). É provável que Urbano II tenha pregado mais de uma vez e sua mensagem foi espalhada por outros clérigos a outras regiões, rapidamente as pessoas aderiram à causa com a promessa da remissão de seus pecados e a oportunidade de visitarem a Terra Santa. Contando as diversas ondas da Primeira Cruzada, somam-se mais de 100 mil pessoas que participaram da expedição.

Para compreender esta expedição, dedicamos um tópico para analisar os contextos em que a Cruzada se desenvolveu. O pensamento cruzadístico e a sua realização não dependeu apenas de um contexto europeu, foi resultado de contextos tanto ocidentais quanto orientais que envolveram instabilidades e conflitos políticos, transformações religiosas, econômicas e sociais, fluxo de pessoas e de conhecimento, relações entre cristãos, judeus e muçulmanos tanto na Europa, quanto no Oriente Médio. Para completar a discussão, analisamos as Cruzadas como guerras santas acrescidas de status penitencial e valor de peregrinação, sendo esses dois fatores motivações essenciais para que as pessoas tomassem a cruz e partissem para o Oriente. Assim, pretendemos no primeiro capítulo analisar como se formou a ideia de Cruzada, quais os contextos que possibilitaram seu desenvolvimento e as motivações de seus participantes.

A segunda parte deste trabalho é dedicada à análise de uma fonte medieval específica sobre a Primeira Cruzada. Guiberto de Nogent, um monge beneditino que viveu entre 1055 e 1125 no

---

<sup>9</sup> Nascido na Itália, foi eleito papa por aclamação popular em 1073. Com a publicação de *Dictatus Papae*, expôs o seu pensamento de reforma religiosa, que viria a ser conhecida como Reforma Gregoriana. Se manteve em conflitos entre poder espiritual e temporal, principalmente na questão das investidas episcopais. Ver RUST, Leandro Duarte. **A Reforma Papal (1050-1150): trajetórias e críticas de uma história**. EdUFMT, 2013.

<sup>10</sup> Monge beneditino com intensa influência da Reforma Cluniáca, sucedeu a Gregório VII no papado. Foi um dos grandes defensores da Reforma Gregoriana e continuou os conflitos com imperador Henrique IV do Sacro Império. Convocou o Concílio de Clermont e proclamou a Primeira Cruzada. Ver SOMERVILLE, Robert; KUTTNER, Stephan. **Pope Urban II, The Collectio Britannica, and the Council of Melfi**. Oxford: Clarendon Press, 1996.

Norte da França, escreveu um livro por volta de 1108 intitulado *Dei gesta per francos* (As ações de Deus em favor dos francos), em que narra a história da Primeira Cruzada. Primeiro, analisamos a vida do autor, sua formação enquanto monge e intelectual, dando ênfase ao contexto no qual ele estava inserido a quais influências incidiram sobre sua produção. Os séculos XI e XII são um período de intensas mudanças, conflitos e produção intelectual. Robert Levine afirma que muitas obras com teor historiográfico foram produzidas neste período, tanto na Europa, quanto na Ásia<sup>11</sup>.

Em seguida, nos atentamos à fonte. Apresentamos o lugar que ela ocupa em comparação com outras fontes do mesmo período, especialmente em comparação com a *Gesta Francorum*, possivelmente a primeira narrativa sobre a Primeira Cruzada, escrita por uma testemunha ocular anônima. Guiberto não participou da Primeira Cruzada, mas este evento provavelmente ficou registrado em sua memória. Apresentamos os aspectos da materialidade da fonte, as edições e traduções. Optamos por analisá-la de uma forma panorâmica, apresentando os conteúdos presentes nos livros que a compõem e suas características. Seguimos destacando dois elementos diferenciais de *Dei gesta per francos*: a visão expressa pelo autor sobre os cristãos do Oriente, judeus e principalmente muçulmanos, neste caso vistos de forma pejorativa; e a compreensão sagrada da Cruzada, a partir de uma visão teológico-exegética do autor e como ele interpretou a Primeira Cruzada.

O terceiro tópico refere-se às relíquias, objeto de estudo de nossos projetos de Iniciação Científica a partir de outro livro de Guiberto de Nogent, *De pignribus sanctorum*. Uma proliferação de relíquias de santos e até mesmo atribuídas a Jesus, aconteceu como consequência da Primeira Cruzada. A história de Guiberto contém o relato da *inventio* da Lança Sagrada ou Lança do Destino, que ao analisarmos, pretendemos encontrar a atitude crítica deste autor em relação a este culto tão difundido na Cristandade medieval. Assim, pretendemos no segundo capítulo compreender o contexto em que se insere o autor, o contexto de produção de sua obra, e como estes contextos influenciaram nas suas visões e interpretações da Primeira Cruzada, constituindo *Dei gesta per francos* como uma fonte para o estudo das Cruzadas.

É importante dizer que alguns elementos não se encontram em nossa discussão. Este trabalho não tem por objetivo realizar um estudo cronológico e descritivo dos passos militares da Primeira Cruzada, descrever os exércitos, as batalhas, derrotas e conquistas. Não apresentamos

---

<sup>11</sup> LEVINE, R. Introduction. In: ABBOT OF NOGENT-SOUS-COUCY GUIBERT. **The deeds of God trough the franks**. Introduction, traduction and notes by Robert Levine. Hamburg: Tredition Classics, [2014], p. 5.



detalhadamente as ações dos líderes da Primeira Cruzada, o surgimento das ordens militares, a fundação do reino e dos condados cristãos latinos no Oriente. Optamos por analisar outras faces deste acontecimento histórico, analisar mais profundamente: as motivações das pessoas que partiram na expedição, os pensamentos que se desenvolveram nos campos religiosos, culturais, sociais.

Jonathan Riley-Smith no prefácio de seu livro *As Cruzadas: uma história*, se dedica a explicar a historiografia das Cruzadas iniciada ainda no século XVII. O autor ressalta que até meados do século XX prevaleceu neste campo de estudo visões mais políticas e materialistas das Cruzadas. Como um movimento iniciado em 1097 com Urbano II e encerrado em 1291 com a morte de Luís IX. Novos ares surgem nos estudos das Cruzadas a partir do século XX e concepções mais pluralistas ganham força. Esses novos olhares sobre as Cruzadas pretendem analisá-las de uma maneira mais ampla, considerando a cultura, a sociedade e a economia. Alguns historiadores<sup>12</sup> começaram a ver como motivações para as Cruzadas os períodos de fome que os camponeses constantemente enfrentavam na Europa medieval e outros elementos sociais. Com essas novas possibilidades de estudo o número de pesquisadores de Cruzadas tem crescido a partir de 1960<sup>13</sup>.

Portanto, as Cruzadas podem ser analisadas de diversos pontos de vista:

como uma migração de povos e apropriação colonial de terras, como resultado de processos de reestruturação econômica e social na Europa, como um surto espontâneo de ideias religiosas, como expressão da disputa dos papas pelo poder, como um episódio decisivo na luta entre o islamismo e o cristianismo etc. Sem dúvida, todos esses pontos de vista são possíveis<sup>14</sup> [tradução nossa].

Uma outra questão é se as Cruzadas realmente se encerram no século XIII. Sabemos que o ideal cruzadístico de defesa de territórios cristãos, de expansão da fé, de luta contra infiéis e hereges permanece no imaginário europeu pelo menos até o período das colonizações. Ainda em seu prefácio Riley-Smith chama atenção para a possibilidade da longa duração do movimento cruzadístico ou pelo menos do pensamento, estendendo até o século XVIII possibilidades de se analisar conflitos nos Bálcãs, na África e no Oriente como novas cruzadas<sup>15</sup>. Cruzadas foram realizadas não somente em territórios orientais e contra muçulmanos, a Quarta Cruzada (1202-

<sup>12</sup> Claude Cahen (1909-1991); Conor Kostick (1964-); Peter Frankopan (1971-).

<sup>13</sup> RILEY-SMITH, J. *As Cruzadas: uma história*. Campinas: Ecclesiae, 2019, *passim*.

<sup>14</sup> BOEHM, L. "Gesta Dei per Francos" –oder "Gesta Francorum"? Die Kreuzzüge als historiographisches Problem. *Saeculum*, v. 8, n. JG, p. 43-81, 1957, p. 43.

<sup>15</sup> RILEY-SMITH, J. *As Cruzadas: uma história*. Campinas: Ecclesiae, 2019, *passim*.

1204) por exemplo foi dirigida contra cristãos orientais, os cruzados tomaram Constantinopla, fundaram um império cristão latino e com isso intensificaram o Cisma do século XI.

Além disso, cruzadas foram dirigidas também no próprio território europeu, a Cruzada Espiritual em 1147 e a Cruzada Albigense em 1209 contra movimentos religiosos considerados heréticos. Percebemos assim que o desenvolvimento de uma ideia de Cruzada expressa principalmente no Concílio de Clermont em 1095, continuou a se desenvolver ao longo dos séculos e permaneceu até a Modernidade. Essa continuidade, no entanto, é um tema ainda pouco explorado e demanda ainda mais estudos<sup>16</sup>.

Este trabalho é uma representação, um olhar, um ponto de vista de uma fonte medieval, que por sua vez é também uma *representação* de um acontecimento marcante na história. Os trabalhos de Jonathan Riley-Smith, Christopher Tyerman, Maria Cecilia Gaposchkin, Paula Pinto Costa, Peter Frankopan, Jonathan Harris e outros tantos pesquisadores têm se destacado muito no âmbito internacional, assumindo a perspectiva de uma visão mais pluralista das Cruzadas. O contexto nacional não se diferencia, foram publicados importantes trabalhos pelos professores Fabiano Fernandes, Dirceu Marchini Neto, Bruno Tadeu Salles e Magda Rita Ribeiro de Almeida Duarte, também com visões pluralistas, que contribuem muito para a discussão sobre as Cruzadas.

Para atingirmos os objetivos de nossa pesquisa, realizamos primeiro leitura e análise de bibliografia sobre a temática e o autor da fonte, Guiberto de Nogent. Em seguida, uma transcrição e tradução da edição de *Dei gesta per francos* realizada no século XVII por D. Lucae D'Achery, seguida de leitura e análise detalhada, acompanhada de leitura e análise bibliográfica sobre a fonte, especialmente as edições críticas de Robert Levine e Monique-Cécile Garand.

---

<sup>16</sup> MARCHINI NETO, D. Expediit crucis: cruzadas e peregrinos. In: NASCIMENTO, R. C. S. (org.). **Sacralidades Medievais: Textos e temas**. Goiânia: Tempestiva, 2021, p. 68.

## 2. RUMO À JERUSALÉM: A “GUERRA DE DEUS”

*“Tomai o caminho do Santo Sepulcro, arrancai aquela terra àquele povo abominável e submetei-a a vosso poder”<sup>17</sup>*

Em Clermont se definiu Jerusalém como meta da expedição<sup>18</sup>, a Cidade Santa, era sem dúvida o grande objetivo das Cruzadas. Os inimigos foram escolhidos porque estavam com sua posse, e o ódio fomentado permaneceria no imaginário cristão ao longo dos séculos. Junto ao objetivo sacro somou-se o desejo da expansão não somente da fé, mas do poder – o poder do pontífice sobre a Cristandade – um projeto universalista do papado<sup>19</sup>, e o poder de nobres leigos sobre novas terras e novos povos, seu ímpeto bélico seria legado do Ocidente para o Oriente.

Com a participação de pouco mais de 100 mil pessoas, a Primeira Cruzada tentaria retomar tudo aquilo que fora definido como “a herança de Cristo”, Jerusalém e todos os outros lugares sagrados no Oriente Próximo. Jerusalém fora tomada pelos muçulmanos em 638 e no contexto das Cruzadas “quase todas as cenas bíblicas familiares aos fiéis estavam sob controle muçulmano”<sup>20</sup>, junto a isso, a parcial destruição da Basílica do Santo Sepulcro no século XI, pelos Fatímidas, parece ter gerado nos cristãos (clérigos e peregrinos) um desejo ardente de sua libertação das mãos desses inimigos muçulmanos.

As Cruzadas não se constituem como guerras comuns, mas podem ser vistas como uma empreitada militar sacralizada, ligada à peregrinação e acompanhada de privilégios espirituais<sup>21</sup>. Ao tratar dos elementos espirituais, a figura da cruz é central. A cruz já era símbolo do cristianismo, utilizada como emblema dos estandartes, com as Cruzadas passou a ser o símbolo estampado nas vestes, nomeadora da expedição e de seus participantes, isso baseado na interpretação de Mateus 16:24 “então disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo,

---

<sup>17</sup> Fala atribuída a Urbano II. FLORI, J. **Guerra santa**: formação da ideia de Cruzada no Ocidente cristão. Campinas: Editora Unicamp, 2013, p. 317.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 316.

<sup>19</sup> BARROS, J. D’A. Cristianismo e política na Idade Média: as relações entre o papado e o império. **Horizonte**: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 7, n. 15, p. 53-72, 2009, p. 71.

<sup>20</sup> TYERMAN, C. **The Crusades: a very short introduction**. New York: Oxford University Press, 2004, p. 57.

<sup>21</sup> FLORI, J. *Op. cit.*, p. 307.

*tome sua cruz e siga-me*”. O surgimento do ideal de Cruzada e dos cruzados teve papel importante nas guerras em outros lugares, como na Península Ibérica com a Reconquista, aumentando a violência contra os muçulmanos ali estabelecidos<sup>22</sup>.

Em sua maioria, as fontes já estudadas e os trabalhos produzidos apresentam visões ocidentais sobre o empreendimento das Cruzadas, desse modo, fica evidente que uma história das Cruzadas seria muito diferente se composta a partir do ponto de vista dos muçulmanos sírios, egípcios e andaluzes, dos judeus europeus e do Oriente Próximo, livônios e prussianos<sup>23</sup>, visto que não foram os muçulmanos do Oriente os únicos a serem declarados como inimigos dos cristãos latinos, em determinado momento até mesmo os cristãos gregos e os orientais foram perseguidos e rechaçados.

Urbano II se tornou a grande personalidade vinculada às Cruzadas, mas antes dele Gregório VII tentara um empreendimento à Jerusalém em 1074, fomentando a sacralização da guerra. Além disso, outras personalidades se tornaram tão icônicas e importantes para as Cruzadas como Ademar- de Le Puy (1045-1098)<sup>24</sup>, Pedro, o Eremita (1053-1115)<sup>25</sup>, Godofredo de Bouillon (1058-1100)<sup>26</sup>, Balduíno da Bolonha (1058-1118)<sup>27</sup>, (Roberto II da Normandia (1050-1134), Roberto II de Flandres (1065-1111), Estêvão II de Blois (1045-1102), Raimundo IV de Toulouse (1045-1105)<sup>28</sup>, Boemundo de Taranto (1058-1111)<sup>29</sup> e tantos outros nomes que agiram nessa primeira expedição, cujas ações contribuem e muito para uma compreensão mais ampla da Primeira Cruzada.

<sup>22</sup> FERNANDES, F. A hagiografia de Martinho de Soure e a fronteira de Coimbra na primeira metade do século XII: guerra, fé e memória. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, n. 6, p. 113-131, 2014, p. 15.

<sup>23</sup> TYERMAN, C. **Las guerras de Dios**. Una nueva historia de las Cruzadas. Barcelona: Crítica, 2010, p. xiii.

<sup>24</sup> Bispo de Le Puy, foi escolhido como legado papal por Urbano II a acompanhar as expedições da Primeira Cruzada. Acompanhou as batalhas no Oriente até falecer em Antioquia em 1098. Ver BRUNDAGE, James A. Adhemar of Puy: The Bishop and His Critics. **Speculum** v. 34, n.2, p. 201–212, 1959.

<sup>25</sup> Monge francês que replicou o discurso de Urbano II e pregou sobre a Cruzada em território francês. Foi o líder do primeiro contingente de pessoas a partirem para Jerusalém, movimento sem sucesso que ficou conhecido como a *Cruzada Popular*. Permaneceu no Oriente durante o período da Primeira Cruzada e provavelmente retornou para a Europa no início do século XII. Ver VAN DAELE, Freddy. **Pierre d'Hérimont dit l'Ermite**. Hosdent-sur-Mehaigne: Alfred Van Daele, 2008.

<sup>26</sup> Foi o primeiro líder do Reino Latino de Jerusalém, mas recusou o título de rei a assumiu o governo da cidade como *Defensor do Santo Sepulcro*. Ver RILEY-SMITH, Jonathan. The title of Godfrey of Bouillon. **Historical Research**, v. 52, n. 125, p. 83-86, 1979.

<sup>27</sup> Era irmão de Godofredo de Bouillon, foi primeiro conde de Edessa. Com a morte de Godofredo é proclamado rei de Jerusalém em 1100.

<sup>28</sup> Também conhecido como Raimundo de Saint-Gilles, foi conde do território cristão de Tripoli.

<sup>29</sup> Conhecido também como Boemundo I, foi o primeiro governante do Principado cristão de Antioquia.

É claro que esse empreendimento cristão não foi marcado somente por vitórias, mas também por derrotas e deserções, o destino dos cruzados transitava entre a vitória, a deserção, a prisão ou a morte. Seus partícipes, distante do que imaginamos normalmente, não foram simplesmente cavaleiros e outros guerreiros, aliás os cavaleiros compunham a menor parte dos exércitos cruzados. Entre o montante havia grande número de não combatentes, mas que possuíam papéis decisivos como o das mulheres que levavam mantimentos para os exércitos durante os cercos, especialmente na batalha de Dorileia, considerada a mais acirrada das batalhas da Primeira Cruzada<sup>30</sup>.

A época da Primeira Cruzada coincide com um período de movimentos de reforma da Igreja, os cruzados foram tratados como “religiosos temporários, professados no que lhes parecia um mosteiro militar em movimento. Sua imagem da cruzada estava de acordo com os ideais dos reformadores do século XI, cujo objetivo principal era infundir a vida secular com valores monásticos”<sup>31</sup>.

Os cruzados têm sido objeto de interpretações assustadoramente variadas: tidos como prova da insensatez da fé religiosa e da selvageria enraizada na natureza humana, ou promovidos como expressões gloriosas da cavalaria cristã e do colonialismo civilizatório. As cruzadas foram apresentadas como um episódio sombrio da história Europa [...] ou defendidas como guerras meramente justas, provocadas por agressões dos muçulmanos e motivadas pela recuperação de território cristão<sup>32</sup>.

Como afirmou Asbridge na citação acima, há uma variedade de interpretações e estudos a respeito das Cruzadas, nossa proposta é analisar os antecedentes dessas expedições, mantendo o foco na sua primeira expressão e com um olhar além da questão bélica. A ideia não é estabelecer uma História da Violência de maneira geral, mas analisar a transformação da violência dentro do pensamento cristão e o seu uso como uma ação aceitável em defesa da fé cristã e até mesmo sacralizada. Para complementar, destacar o contexto histórico da época da Primeira Cruzada e elencar seus elementos religiosos, em especial a peregrinação e a remissão dos pecados.

---

<sup>30</sup> KOSTICK, C. Courage and cowardice on the First Crusade, 1096–1099. **War in History**, v. 20, n. 1, p. 32-49, 2013, p. 41-42.

<sup>31</sup> RILEY-SMITH, J. **The First Crusade and the idea of Crusading**. London/New York: Continuum, 2003, p. 2.

<sup>32</sup> ASBRIDGE, T. **A chegada dos cruzados**. Barueri: Novo Século Editora, 2021, p. 22.

## 2.1 O imaginário bélico: da violência sagrada à formação da ideia de Cruzada

*“Como era possível que sacerdotes do cristianismo, da religião considerada de essência pacifista, encontrasse sentido nessa fusão entre fé e beligerância?”<sup>33</sup>*

O cristianismo atravessou os séculos se declarando como uma religião essencialmente pacifista assim como ordenara Jesus Cristo, em que definiu a paz como uma das bem-aventuranças e que os promotores da paz seriam reconhecidos como filhos de Deus<sup>34</sup>. Contudo, historicamente sabemos que essa face promotora da paz nem sempre esteve em voga e por inúmeras vezes a violência e a fé cristã estiveram em uma intrínseca relação. A pergunta sobre como essa religião dita pacifista não só promoveu guerras, mas as sacralizou, nos leva a buscar o desenvolvimento da noção de violência e guerra dentro do cristianismo e da própria sacralização da guerra.

Urbano II não foi o primeiro a atrelar a fé cristã e a guerra, na segunda metade do século XI, em 1074, Gregório VII tentou iniciar uma guerra no leste do Mediterrâneo em socorro aos cristãos do Império Romano do Oriente que, “segundo ele alegava, estavam sendo ‘chacinados diariamente feito gado’ pelos muçulmanos da Ásia Menor [...]”<sup>35</sup>, contudo esse projeto fracassou. Ainda assim Gregório VII também não é o precursor deste atrelamento, é preciso antes de tudo estabelecermos um caminho que se inicia na questão de guerra justa e posteriormente de uma guerra sacra, que atinge o seu ápice nas Cruzadas.

Antes de trilharmos esse caminho, precisamos compreender que essas expedições surgiram em um contexto social, cultural, religioso e político específico, portanto, as Cruzadas são a grande manifestação do imaginário e da sociedade da Idade Média central<sup>36</sup>. Assim, poderíamos supor que essas expedições são menos definidas pelo seu destino e pelos seus adversários e mais pelas

<sup>33</sup> RUST, L. D. **Bispos guerreiros: violência e fé antes das cruzadas**. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 14.

<sup>34</sup> Mateus 5, v. 9. **BÍBLIA DE JERUSALÉM**. São Paulo: Paulus, 2017. (12ª reimpressão).

<sup>35</sup> ASBRIDGE, T. **A chegada dos cruzados**. Barueri: Novo Século Editora, 2021, p. 35.

<sup>36</sup> CHAVES, T. S. R. A Primeira Cruzada e o Reino de Jerusalém: novas perspectivas historiográficas. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**, ANPUH - São Paulo, julho de 2011, p. 6.

“características políticas e culturais que se faziam presentes em numerosos teatros de guerra da Cristandade medieval, como o sul da Gália”<sup>37</sup>.

Logo, foi justamente o contexto político, cultural, social e religioso que possibilitou a formação da ideia de Cruzada e a sua realização. Os muçulmanos como adversários surgem pela questão da fé, é claro, porém mais ainda porque eram justamente eles que estavam com a posse de Jerusalém e da Terra Santa, afinal, se focarmos no problema da fé outras populações também eram consideradas inimigas: os pagãos vândicos, baltos e lituanos, os mongóis xamanistas, os russos e gregos ortodoxos, hereges cátaros e hussitas, e outros católicos que “a Igreja considerava inimigos”<sup>38</sup>. Contudo não podemos deixar de lado o lugar da Cidade Santa no imaginário medieval, “as fontes não deixam dúvidas de que Jerusalém foi a principal atração, com quase todos os indivíduos que assinaram uma carta neste período expressando seu desejo de viajar para o lugar onde Cristo andou na terra”<sup>39</sup>, algo que iremos retomar mais à frente quando falarmos de peregrinação.

Antes de se formar propriamente dita a ideia de Cruzada, que se tornou uma verdadeira instituição durante os séculos XII e XIII<sup>40</sup> e os ideais permaneceram por mais séculos<sup>41</sup>, se faz necessário analisar o pensamento base dessa ideia, ou seja, sobre *guerra santa*. A ideia de uma guerra sacralizada encontra seu espaço de florescimento nas transformações dos séculos X a XII, mas suas origens no estabelecimento de uma *guerra justa*, é uma ideia que forjada no Ocidente desde a Antiguidade e ao longo do tempo adquire valores cristãos, principalmente por Santo Agostinho (354-430 d.C.)<sup>42</sup>:

<sup>37</sup> RUST, L. D. A medida da Terra Santa: a bula Ad liberandam (1215) e a institucionalização das cruzadas. **Mirabilia: electronic journal of Antiquity and Middle Ages**, n. 10, p. 85-105, 2010, p. 86.

<sup>38</sup> RILEY-SMITH, J. **As Cruzadas: uma história**. Campinas: Ecclesiae, 2019, p. 52.

<sup>39</sup> FRANKOPAN, P. **The First Crusade: the call from the east**. Cambridge / Massachusetts: Harvard University Press, 2012, p. 107.

<sup>40</sup> PIERRARD, P. **A história da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1982, p. 107-108.

<sup>41</sup> A ideia de uma guerra contra inimigos da fé, de expansão da Cristandade e ampliação do poder papal permanece no Ocidente por vários séculos. Outras guerras religiosas foram travadas na Europa depois das Cruzadas, poderíamos até supor uma certa continuidade desses ideais no período das grandes navegações em que os povos originários precisavam ser evangelizados, até mesmo pela força, contudo um outro grande estudo sobre as consequências e permanências das Cruzadas precisaria ser feito.

<sup>42</sup> Um dos principais teólogos e filósofos cristãos, estabeleceu as bases para os principais temas da teologia cristã ocidental. Foi muito influenciado pelo neoplatonismo de Plotino e discípulo de outro autor da Patrística, Ambrósio de Milão. Entre suas obras mais famosas estão *Confissões* e *A cidade de Deus*. Foi bispo de Hipona, faleceu em 430 e proclamado santo por *vox populi*. Ver JACOPO DE VARAZZE. **Legenda Áurea: vida dos santos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003 & SANTO AGOSTINHO (354-430). **Confissões**. Tradução de Lorenzo Mammì – 1ª edição. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2017.

Não serão então justas as leis que permitem a um viajante matar a seu assaltante, para que ele mesmo não seja morto? Ou ainda, o fato de ser permitido a um homem ou a uma mulher, cuja virtude querem violentar, de exterminarem o seu agressor, antes de serem estuprados? Ora, a própria lei ordena ao soldado de matar o inimigo. E no caso de ele se recusar a isso, teria punição por parte de seus chefes. Porventura, ousaríamos afirmar que tais leis são injustas e mesmo não serem leis? Porque a mim me parece que uma lei que não seja justa não é lei<sup>43</sup>.

Não estabeleceremos aqui um longo histórico de transformação dessas ideias bélicas, mas um panorama, buscando suas origens e posteriormente algumas transformações já na Idade Média central. A violência, em maior ou menor medida, é parte das civilizações. Quando os conflitos não conseguem se resolver por meio de um caminho diplomático, o uso da força se demonstra como uma solução cabível. A violência ocorre ou no âmbito micro (no caso de uma disputa individual, familiar) ou no âmbito macro (envolvendo clãs, cidades, reinos), é neste último que encontramos a guerra. As guerras são praticadas desde que a humanidade começou a se organizar em grupos relacionais maiores, tais grupos passaram a possuir territórios e poder religioso, cultural e político.

No contexto do Império Romano o belicismo era parte da sociedade, a carreira militar era elemento necessário e importante para os homens, especialmente aqueles que seguiriam uma carreira política. Dentro do *Cursus Honorum*, o caminho de honra para ascender às magistraturas romanas, um homem deveria antes de tudo servir por pelo menos dez anos na carreira militar para posteriormente ocupar cargos políticos<sup>44</sup>.

É neste contexto que Cícero, em *De Officiis*, relaciona guerra e justiça. Para ele, as guerras não deveriam travadas somente pela glória do imperador, mas que houvesse causas justificáveis para estes conflitos<sup>45</sup>. Ou seja, o objetivo de uma guerra “seria reparar e evitar a repetição de uma injúria quando a solução pelo debate não fosse possível e mesmo com a necessidade do recurso à força militar, a paz deveria ser o objetivo final da guerra”<sup>46</sup>. Essa concepção de um fim justo para a guerra fazia parte do direito romano, que definia

<sup>43</sup> AGOSTINHO. **O livre-arbítrio**. São Paulo: Paulus, 1995 (Patrística), Livro I, 5, 11.

<sup>44</sup> COLLAR, A. **Religious networks in the Roman Empire**: The spread of new ideas. Cambridge University Press, 2013, p. 44.

<sup>45</sup> “*Cum vero de império decertatur belloque quaeritur gloria, causas omnino subesse tamen oportet easdem, quas dixi paulo ante iustas causas esse bellorum. Sed ea bella, quibus imperii proposita gloria est, minus acerbe gerenda sunt*”. MARCO TULLIO CICERONE. **De Officiis**. *Quel che è giusto fare*. - A cura di Giusto Picone e Rosa Rita Marchese. Turim, Giulio Einaudi Editore, 2019 (ebook), Livro I, 12, 38.

<sup>46</sup> BORGONGINO, B. U. A Guerra Santa e a participação da cavalaria nas Cruzadas no Oriente. **Medievalis**, v. 5, n. 1, p. 1-14, 2014, p. 3.



A guerra justa poderia, portanto, ser travada para defesa, recuperação de propriedade legítima ou punição, desde que sancionada pela autoridade legítima, que é o Estado. [...] Consequentemente, todas as guerras externas de Roma contra hostes, inimigos públicos, especialmente bárbaros, eram consideradas guerras justas<sup>47</sup> [tradução nossa].

Muitos elementos do Império Romano influenciaram na maneira como o cristianismo se construiu, e, em relação à violência não seria diferente. A definição de Cícero em que a paz seria o objetivo final em muito tinha a ver com o ideal pacifista cristão, contudo com o cristianismo não só sendo reconhecido, mas se tornando a religião oficial do império no século IV, “os cristãos assumiram deveres como bons cidadãos, encorajados a lutar em guerras justas pela defesa do império cristão”<sup>48</sup> e desse modo a violência justa passou a fazer parte da vivência cristã.

Isso ocorreu de tal maneira que Santo Agostinho, um dos maiores pensadores cristãos escreveu a respeito da justificação da violência. Embora não tenha escrito uma obra especificamente sobre isso, em comentários espalhados pode-se perceber três fundamentos: (1) justa causa, defesa, recuperação ou com o objetivo da paz; (2) autoridade legítima, no caso cristão sabemos que essa autoridade seria identificada no bispo de Roma; (3) a intenção correta dos participantes<sup>49</sup>. Essa tríade formaria a base do pensamento de guerra justa cristã<sup>50</sup>.

Assim, as guerras justas

têm por objetivo o restabelecimento da paz rompida por culpa do inimigo, a recuperação das terras e bens espoliados, a punição dos culpados; essas guerras devem ser empreendidas sem espírito de vingança nem esperança de lucros, e sim unicamente por iniciativa da autoridade legítima. As injustas, ao contrário, quebram a paz, atacam e pilham; empreendidas sem aval do poder legítimo, elas se assemelham a roubos ou pilhagens<sup>51</sup>.

Para Agostinho “a violência era justificada em resposta à injúria”, Urbano II usaria essa fórmula de uma resposta belicosa justificada para a libertação, ou seja, seria uma resposta àquilo que ele definia como injúria causada pelos muçulmanos em ameaçar os cristãos do Oriente e tomar

<sup>47</sup> TYERMAN, C. **The Crusades**: a very short introduction. New York: Oxford University Press, 2004, p. 69.

<sup>48</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>49</sup> Ver Livro I, Capítulos XX e XXI; Livro II, Capítulo XVII; Livro XV, Capítulo IV etc. SANTO AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. Vol 1 e 2. Tradução, prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira. 2ª ed. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

<sup>50</sup> TYERMAN, C. *Op. cit.*, loc. cit.

<sup>51</sup> FLORI, J. **A Cavalaria**: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média. São Paulo: Madras, 2005, p. 133.

posse das terras mais sagradas para o cristianismo. Libertação foi a palavra mais usada por Urbano para justificar a necessidade de uma Cruzada<sup>52</sup>.

Não encontraríamos em *De Officiis* de Cícero a noção de guerra santa e mesmo Agostinho, em *De civitate Dei* não apresenta essa associação, de uma sacralização da violência,

Uma guerra justa não era necessariamente uma guerra santa, embora todas as guerras santas fossem, por si só, justas. Enquanto a guerra santa dependia da vontade de Deus, constituía um ato religioso, era dirigida por clérigos ou governantes divinamente sancionados e oferecia recompensas espirituais, a guerra justa formava uma categoria jurídica justificada pela necessidade, conduta e objetivo seculares, atraindo benefícios temporais [...] Em outros lugares da cristandade, enquanto os ideais do pacifismo permaneceram ferozmente defendidos pelo movimento monástico e seu ideal de vida contemplativa [...]<sup>53</sup>.

Mesmo com uma causa justa para as guerras, a violência e mais ainda o homicídio na guerra eram considerados pecados, e os combatentes precisavam encontrar maneiras de remir esses pecados. Essa necessidade de remissão dos pecados foi um dos motivos que atraiu partidários das Cruzadas, devido à promessa do perdão dos seus pecados e, portanto, a possibilidade de salvação. Mas, para que uma guerra pudesse ter em si a remissão dos pecados, um novo elemento deveria ser adicionado, um elemento sagrado. Por isso, ao longo do século XI a teologia cristã, baseada em Santo Agostinho, sacralizou uma forma específica de violência, cria-se a Guerra Santa, cuja maior expressão seriam as Cruzadas.

### 2.1.1 Guerra Santa

*“Esta história, que sempre considerei ter sido realizada somente pelo poder de Deus, e pelas mãos de homens que Ele quis”<sup>54</sup>[tradução nossa]*

Ao definir que a história das Cruzadas fora realizada pelo poder de Deus, Guiberto de Nogent (1055-1125) elenca esse caráter sagrado deste tipo de guerra. Esses homens escolhidos

<sup>52</sup> RILEY-SMITH, J. **The First Crusade and the ideia of Crusading**. London/New York: Continuum, 2003, p. 17.

<sup>53</sup> TYERMAN, C. **The Crusades: a very short introduction**. New York: Oxford University Press, 2004, p. 70.

<sup>54</sup> *“Quam enim certum semper tenui solo Dei numine, et per quos voluit consummatam [...]”*. GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. **Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per Francos [...]**. Omnia studio et opera D. Lucae d'Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica), Prefácio.

eram os francos, homens devotos que tudo faziam pela vontade de Deus, dentre os povos da Europa os mais fiéis à fé e ao papa de acordo com Guiberto<sup>55</sup>. De acordo com uma fala atribuída a Saladino seria preciso “Atentai nos Franj! Vede com que afínco eles batem pela sua religião, ao passo que nós, os muçulmanos, não demonstramos o mínimo ardor em travar a guerra santa”<sup>56</sup>, afinal os francos foram os principais participantes da Primeira Cruzada<sup>57</sup>. Uma história sagrada de uma guerra sagrada combatida por homens escolhidos, não poderia demonstrar de melhor forma o elemento sacralizador das guerras no contexto das Cruzadas.

A transformação de *guerra justa* em *guerra santa* não se deu por meio de um salto, mas alguns aspectos conectam esses dois pensamentos. “Como duas das maiores religiões do mundo [cristianismo e islamismo] chegaram a defender a violência em nome de Deus, convencendo seus seguidores que lutar por sua fé lhes abriria as portas do Céu ou do Paraíso?”<sup>58</sup>. A resposta para essa pergunta tem a ver com o próprio contexto em que, “a violência era inerente ao mundo medieval”<sup>59</sup>, nem mesmo a Igreja, que se dizia essencialmente pacifista, estava a salvo deste ambiente de violência e na realidade mantinha relações ambíguas com a guerra em geral<sup>60</sup>.

Sabemos que as sés episcopais, mosteiros e abadias possuíam suas próprias terras e neste ambiente em que uma autoridade centralizada era uma ideia fraca na Europa, violência e a guerra eram inevitáveis<sup>61</sup>, era necessário o uso da violência para assegurar os próprios bens. Como os clérigos e monges não poderiam usar da violência eles mesmos, recorriam aos guerreiros, que mediante uma remuneração, eram encarregados da defesa das terras, enquanto os monges reforçavam cada vez mais sua aversão pela violência<sup>62</sup>.

Além da questão das terras eclesiásticas, muitas províncias estavam divididas em unidades menores, onde castelões e cavaleiros aterrorizavam as vizinhanças e se tornaram as únicas autoridades que as pessoas conheciam<sup>63</sup>. Essa violência que era praticada em todos os lugares e contratada pela Igreja não poderia sair de controle, afinal isso poderia ameaçar não somente a

<sup>55</sup> LEVINE, R. Introduction. In: ABBOT OF NOGENT-SOUS-COUCY GUIBERT. **The deeds of God trough the franks**. Hamburg: Tredition Classics, [2014], p. 19.

<sup>56</sup> MAALOUF, A. **As Cruzadas vistas pelos árabes**. Lisboa: Edições 70, 2013, p. 20.

<sup>57</sup> CHAVES, T. S. R. A Primeira Cruzada e o Reino de Jerusalém: novas perspectivas historiográficas. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**, ANPUH - São Paulo, julho de 2011, p. 5.

<sup>58</sup> ASBRIDGE, T. **A chegada dos cruzados**. Barueri: Novo Século Editora, 2021, p. 23.

<sup>59</sup> RUST, L. D. **Bispos guerreiros: violência e fé antes das cruzadas**. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 15.

<sup>60</sup> FLORI, J. **A Cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média**. São Paulo: Madras, 2005, p. 127.

<sup>61</sup> HARRIS, J. **Byzantium and the Crusades**. London / New Delhi / New York / Sydney: Bloomsbury, 2014, p. 59.

<sup>62</sup> FLORI, J. *Op. cit.*, p. 132.

<sup>63</sup> RILEY-SMITH, J. **As Cruzadas: uma história**. Campinas: Ecclesiae, 2019, p. 67.

segurança, mas também o florescer da Cristandade. Nesse momento a Igreja começa a formular maneiras de tentar controlar a violência, as encontra por meio da *Paz de Deus*, que protegia os não combatentes, e por meio da *Trégua de Deus*, que limitava a guerra a certos dias.

A *Paz de Deus* foi um movimento que surgiu por volta do século X, em assembleias parecidas com os antigos tribunais carolíngios, onde os homens se reuniam em torno de das relíquias recolhidas nas igrejas locais e na presença deste “poder sobrenatural” decretavam a imunidade dos santuários religiosos, a proteção do clero e dos pobres da violência e da exploração<sup>64</sup>. Essa proposta de paz era uma tentativa de se obrigar os cavaleiros a um juramento solene, “o juramento da ‘paz de Deus’ segundo o qual eles se comprometem, sob pena de perjúrio e excomunhão, a renunciar a qualquer “exação” ou violência cometidas contra as igrejas, suas pessoas e seus bens [...]”<sup>65</sup>. Além disso essas assembleias não possuíam uma simples intenção pacifista, como a violência e poder desses castelões e cavaleiros eram considerados ameaçadores, “a Igreja quis essencialmente proteger suas propriedades das usurpações dos senhores laicos, libertar-se do domínio deles, que ela julgava ilegítimo”<sup>66</sup>.

Em complementação à *Paz de Deus*, é desenvolvida a *Trégua de Deus* alguns anos depois, que por sua vez tentava restringir mais ainda a ação desses guerreiros e conseqüentemente a violência. Nesta trégua definiu-se como proibido o uso das armas “da noite de quinta-feira à manhã de segunda-feira, em memória da prisão, da paixão e da ressurreição de Cristo”<sup>67</sup>. A definição de paz nestes dias específicos demonstra ao aumento da piedade e da devoção em relação a aspectos da Paixão de Cristo, se inicia um apressamento maior dos cristãos pelos aspectos do sofrimento, das chagas, inclusive uma grande proliferação de relíquias ligadas a esse episódio da vida de Jesus, como a Coroa de Espinhos, o Sangue Sagrado, a Lança Sagrada e a Vera Cruz. A *Trégua de Deus* pode ser lida como o desejo *hic et nunc* por parte da Igreja de estabelecer o reino de Deus de alguma maneira, “agir diretamente sobre o mundo para torná-lo de acordo com a vontade divina”, apontando para uma intervenção frequente da Igreja em assuntos seculares<sup>68</sup>.

<sup>64</sup> RILEY-SMITH, J. **As Cruzadas**: uma história. Campinas: Ecclesiae, 2019, p. 67.

<sup>65</sup> FLORI, J. **A Cavalaria**: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média. São Paulo: Madras, 2005, p. 134.

<sup>66</sup> *Idem*. **Guerra santa**: formação da ideia de Cruzada no Ocidente cristão. Campinas: Editora Unicamp, 2013, p. 99.

<sup>67</sup> *Idem*. **A Cavalaria**: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média. São Paulo: Madras, 2005, *loc. cit.*

<sup>68</sup> VAUCHEZ, A. **A espiritualidade na Idade Média ocidental**: (séculos VIII a XIII). Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1995, p. 58.

Há na *Trégua de Deus*, um desejo da Igreja em controlar os conflitos, “principalmente as guerras privadas, que ela não pensa, entretanto, em proibir”<sup>69</sup>. Essa ambiguidade em defender a paz e controlar as guerras, mas não proibir, vai garantir cada vez mais uma aproximação entre violência e fé. A Igreja queria obrigar todos os cavaleiros a jurar respeito a essas disposições de paz. Isso

foi fortemente expresso no Concílio de Limoges em 1031, quando a ira de Deus foi invocada “sobre todos os cavaleiros, sobre suas armas e seu cavalo”. Mas os próprios bispos e mosteiros eram senhores com seus próprios cavaleiros, enquanto a própria Igreja, em nome do movimento pela paz, estava preparada para organizar ações militares contra os rompedores da paz<sup>70</sup> [tradução nossa].

Leão IX (1002-1054)<sup>71</sup> e seus sucessores recorreram à violência para a defesa da Igreja, com a formação de um exército papal cujos *milites* recebiam remissão e perdão dos pecados. “Alexandre II (1061-73) concedeu a primeira indulgência para combatentes de guerra na Hispania em 1063 e lhe deu o direito de portar um *vexillum sancti Petri*, uma bandeira de São Pedro, que era uma marca de aprovação papal para uma aventura militar”<sup>72</sup>. Ou seja, ao mesmo tempo que a Igreja tentava controlar a guerra, quando esta ameaçava o seu florescer e os seus bens, os grandes líderes eclesiásticos sancionavam e apoiavam algumas guerras, concedendo benefícios àqueles que lutassem justamente ou em seu favor.

Essas primeiras promessas de remissão dos pecados foram pontos cruciais para a sacralização definitiva da violência e da guerra. Além disso, com as reformas religiosas iniciadas no século X, os leigos passaram a ser vistos como uma vocação distinta e uma de suas funções dadas por Deus, seria a de lutarem para proteger a Igreja<sup>73</sup>. Se lutar fazia parte de uma vocação e uma guerra poderia, ao invés de levar o combatente à condenação por cometer homicídio, mas este lucrava do perdão dos pecados, logo era possível que toda uma ação bélica fosse considerada de teor sagrado e aos poucos a guerra justa assumia características de guerra santa<sup>74</sup>.

A guerra santa cristã, portanto, derivou da Bíblia seus elementos essenciais: mandamento divino; identificação com os israelitas, escolhidos de Deus; e um

<sup>69</sup> FLORI, J. **A Cavalaria**: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média. São Paulo: Madras, 2005, p. 134.

<sup>70</sup> RILEY-SMITH, J. **The First Crusade and the ideia of Crusading**. London/New York: Continuum, 2003, p. 4.

<sup>71</sup> Foi eleito papa em 1049 e o antecessor de Gregório VII. Estabeleceu as bases para os pensamentos da reforma de Gregório ao se posicionar contra a simonia, o atrelamento dos poderes espirituais e temporais e contra o nicolaísmo (clérigos que se casavam ou possuíam concubinas).

<sup>72</sup> RILEY-SMITH, J. *Op. cit.*, p. 5.

<sup>73</sup> *Ibidem*, *loc. cit.*

<sup>74</sup> FLORI, J. **A Cavalaria**: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média. São Paulo: Madras, 2005, p. 135.

senso de atuação em eventos que levam ao Apocalipse. A visão histórica e emocional do santo guerreiro abarcava o temporal e o sobrenatural. A luta era muito material, mas o propósito era transcendente. No entanto, é difícil ver como mesmo a interpretação mais belicosa das Escrituras sozinha poderia ter produzido tal aceitação e posterior promoção da guerra sem a necessidade de conciliar o cristianismo com o estado romano nos séculos IV e V d.C.<sup>75</sup>.

Desse modo, percebemos que a noção de *Guerra Santa* não é só o resultado de uma interpretação violenta das Escrituras, de todas as guerras e conflitos apresentados no Primeiro Testamento, mas também tem a ver com desenvolvimento do pensamento cristão a respeito do lugar da violência em relação à fé e foi definida pelos reformadores dos séculos X a XII, em especial Gregório VII (1020-1085).

Quase tudo o que os reformadores militantes queriam em termos de justificação se encontrava nos escritos de Agostinho, mas, embora Agostinho tivesse elaborado uma justificativa cristã satisfatória e abrangente da violência, ele nunca a reuniu em uma única obra; em vez disso, estava espalhado por um enorme corpus de material, abrangendo mais de quarenta anos de escrita. Foi obra de Anselmo<sup>76</sup> extrair essas passagens e reuni-las em extratos facilmente digeríveis, com as contradições eliminadas. Ele foi assim capaz de apresentar um corpo coerente de pensamento emanado de um dos intelectuais mais importantes que a civilização cristã produziu. E entre as ideias de Agostinho citadas por ele estava a da guerra aprovada e até comandada diretamente por Deus, que poderia intervir fisicamente em favor de seus instrumentos de força escolhidos<sup>77</sup> [tradução nossa].

Em um de contexto de crises políticas e religiosas em seu pontificado, Gregório VII almejou reformar a Cristandade. Podemos destacar três pontos importantes dessa reforma: (1) definir os direitos e responsabilidades do papado; (2) a substituição do direito da Igreja Germânica pelo Direito Canônico; (3) conquistar e garantir a liberdade de eleição para o cargo de papa<sup>78</sup>. Nesse período,

os bispos estavam inteiramente sujeitos ao imperador ou a outros governantes temporais, que lhes concediam à investidura através de dois instrumentos simbólicos importantes, o báculo e o anel, imagens em torno das quais, em breve,

<sup>75</sup> TYERMAN, C. **The Crusades**: a very short introduction. New York: Oxford University Press, 2004, p. 68.

<sup>76</sup> Santo Anselmo de Lucca (1036-1086) era sobrinho do Papa Alexandre II (1015-1073). Foi legado papal durante o conflito de Gregório VII (1020-1085) com o imperador Henrique IV (1050-1106) do Sacro Império Germânico. Escreveu textos exegéticos e ascéticos, foi contrário a antipapas e às investiduras por parte do imperador. Ver OTT, Michael. St. Anselm of Lucca, the Younger. **The Catholic Encyclopedia**. Vol. 1. New York: Robert Appleton Company, 1907. 14 Nov. 2022 <<http://www.newadvent.org/cathen/01550d.htm>>.

<sup>77</sup> RILEY-SMITH, J. **The First Crusade and the ideia of Crusading**. London/New York: Continuum, 2003, p. 6.

<sup>78</sup> BOLTON *apud* BARROS, J. D'A. Cristianismo e política na Idade Média: as relações entre o papado e o império. **Horizonte**: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 7, n. 15, p. 53-72, 2009, p. 62.

iria se desenvolver uma verdadeira guerra de representações entre o papado e o império. O “báculo” era o símbolo da jurisdição; o “anel” o símbolo da união mística com a Igreja<sup>79</sup>.

Essa realidade caótica que englobava disputas entre Henrique IV, reis e nobres, e o clero, arrastaram o papa para a guerra. Esse contexto nebuloso em que imperava violência, disputas de poder, é atestado por Guiberto Nogent, quando afirma que a *Guerra Santa* foi algo instituído por Deus como um recurso escatológico: “Deus instituiu em nosso tempo guerras santas, a fim de oferecer novos meios de salvação aos cavaleiros e povos, que, seguindo o exemplo dos antigos pagãos, estavam a se despedaçar e a massacrar uns aos outros”<sup>80</sup>.

Gregório VII (1020-1085) buscou justificar a violência para poder usá-la em defesa da Igreja ao mesmo tempo em que poderia autorizá-la. Logo, o papa passou a ser a autoridade legítima para proclamar uma guerra, que sob o seu poder espiritual se tornava sinônimo de aprovada por Deus, para defender a Igreja contra seus inimigos, portanto, uma causa justa, assim se completam todos os requisitos para uma guerra santa. A partir disso, entendemos que o conceito de *Guerra Santa* é uma “empreitada militar ordenada por Deus e cujo triunfo derivaria do auxílio divino, consistia na base jurídica e moral para o uso da força armada pelas autoridades cristãs”. Combater contra pagãos e defender a Igreja de Roma, esses dois fatores atendiam à legitimidade das atividades bélicas por parte dos cristãos<sup>81</sup>.

Estabelecida ao longo do tempo, a noção de *Guerra Santa* terá como grande expoente o movimento das Cruzadas no pontificado de Urbano II. Embora,

na visão de Villey, Cruzada e guerra santa não devem ser usadas como sinônimos. A guerra santa era uma concepção muito mais ampla do que a Cruzada: embora o século XI tenha mostrado várias manifestações da guerra santa, não havia nada antes de 1095, mesmo na Hispania, que deveria ser chamado de Cruzada. Os historiadores deveriam reservar este termo para campanhas que satisfizessem amplamente as categorias jurídicas que os canonistas posteriores iriam inventar: deveria haver, isto é, uma pregação da cruz; privilégios espirituais claros e

<sup>79</sup> BARROS, J. D’A Cristianismo e política na Idade Média: as relações entre o papado e o império. **Horizonte**: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 7, n. 15, p. 53-72, 2009, p. 61.

<sup>80</sup> “[...] instituit nostro tempore praelia sancta Deus, ut ordo equestris et vulgus oberrans, qui vetustae paganitatis exemplo in mutuas versabantur caedes, novum reperirent salutis promerendae genus [...]”. GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. **Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per Francos [...]**. Omnia studio et opera D. Lucae d’Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica), Livro I, I.

<sup>81</sup> FLORI *apud* BORGONGINO, B. U. A Guerra Santa e a participação da cavalaria nas Cruzadas no Oriente. **Medievalis**, v. 5, n. 1, p. 1-14, 2014, p. 3.5.

expressos devem ser anexados à participação; e obrigações especiais devem ser impostas àqueles que participaram por terem tomado a cruz<sup>82</sup> [tradução nossa].

A marcha para Jerusalém contaria com todos os requisitos não só de uma guerra justa, mas de uma guerra santa por excelência e ainda acrescida de outras categorias que caracterizariam esse movimento em específico como uma Cruzada. Talvez o esboço dessa expedição por uma “vingança de Jerusalém” tenha sido formado no início do século XI, quando o sultão Al-Hakim destruiu a Igreja do Santo Sepulcro em 1009<sup>83</sup>, indicando que esse pensamento foi forjado ao longo de todo século XI e não foi simplesmente uma resposta ao pedido de Aleixo I (1048-1118), durante o Concílio de Piacenza.

A violência aprovada pela sociedade e sustentada ou defendida pela religião<sup>84</sup>, não foi uma novidade no século XI. O que atualmente conhecemos como Cruzadas, representam a manifestação deste fenômeno e constitui uma característica da cultura da Europa ocidental que permaneceu por pelo menos 500 anos. As cruzadas foram guerras justificadas pela fé, conduzidas contra inimigos reais ou imaginários que foram definidos como tais pelas elites religiosas e políticas<sup>85</sup>. É questionável essa definição de inimigos, ou seja, é evidente que talvez essa ameaça muçulmana não tenha sido da magnitude apresentada por essa elite religiosa e política. Mas a invenção ou definição desses inimigos foi o suficiente para justificar a violência contra eles. Um sacerdote anglo-normando chamado Raul Glaber escreveu que “não é cruel quem assassina o cruel, aquele que leva à morte os malvados é um servo do Senhor, porque eles são malvados e há razões para matá-los”<sup>86</sup>. Sendo assim, o homicídio se torna justificável na *Guerra Santa* e até mesmo a *Trégua de Deus* poderia ser violada em favor de um enfrentamento contra estes inimigos, “essas limitações não se apliquem àqueles que perseguem, para castigá-los, os violadores da paz”<sup>87</sup>.

A guerra sacra “pode ser definida como uma forma de guerra autorizada direta ou indiretamente por Deus (ou Cristo) e combatida para cumprir as suas supostas intenções”. As cruzadas foram claramente expressões dessa guerra autorizada por Deus, “mas ainda assim tinham

<sup>82</sup> COWDREY, H. E. J. Pope Urban II's preaching of the First Crusade. **History**, Vol. 55, No. 184, p. 177-188, 1970, p. 179.

<sup>83</sup> FLORI, J. **Guerra santa**: formação da ideia de Cruzada no Ocidente cristão. Campinas: Editora Unicamp, 2013, p. 309.

<sup>84</sup> Não estamos desvinculando religião e sociedade, tal atitude seria um erro no contexto medieval. Com religião queremos dizer os discursos religiosos, a sistematização do pensamento, regras e dogmas religiosos.

<sup>85</sup> TYERMAN, C. **Las guerras de Dios**. Una nueva historia de las Cruzadas. Barcelona: Crítica, 2010, p. ix.

<sup>86</sup> RAOUL GLABER. **De expugnatione Lyxbonensi**. In: *Ibidem*, p. 38.

<sup>87</sup> FLORI, J. **A Cavalaria**: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média. São Paulo: Madras, 2005, p. 134.



de se adequar às condições padrões de justa causa, autoridade legítima e intenção correta”<sup>88</sup>, como já vimos essa autoridade legítima encontrou no pontífice romano a sua manifestação e o poder espiritual que lhe era atribuído, favorecia com que este falasse e agisse em nome de Deus como seu vigário na terra, portanto, supostamente soubesse das intenções e vontades divinas. A intenção correta ou melhor dizendo, motivações, eram de acordo com a documentação da época, a luta contra os infiéis muçulmanos e a defesa da Cristandade<sup>89</sup>.

Desse modo, o conceito de Guerra Santa “evocado pelo clero ocidental em favor das Cruzadas à Jerusalém derivava da transformação gradual e cristianização da noção ciceroniana de Guerra Justa, fomentada pelas sucessivas mudanças políticas ocorridas desde o fim do Império Romano”<sup>90</sup>. Resumindo, todos os aspectos de *Guerra Justa* e posteriormente de *Guerra Santa* encontram no movimento das Cruzadas uma forte expressão.

O decreto de Clermont instituiu uma guerra santa, sua causa e motivo religioso, um ato de caridade cristã por “amor a Deus e ao próximo” (os cristãos orientais). Além de combinar a violência com um imperativo moral transcendente, Urbano apelou para uma forma de 'nostalgia religiosa primitiva' encarnada na ambigüamente liminar Cidade Santa de Jerusalém, perdida para a cristandade desde sua captura pelos muçulmanos em 638, mas central para a imaginação cristã como a cena da Crucificação e Ressurreição<sup>91</sup>.

E é a respeito dessa temática que trataremos a seguir.

### 2.1.2 Concílio de Clermont e a pregação da Cruzada

Concílio tem sua etimologia no latim *concilium* que significa uma reunião ou uma assembleia, no caso eclesiástico se trata de uma reunião em certa medida “constitucional”, com a participação do papa, dos bispos, padres e na Idade Média, dos imperadores, reis e nobres. Ao longo dos quase dois milênios do cristianismo, muitos concílios e sínodos<sup>92</sup> foram realizados e em

<sup>88</sup> RILEY-SMITH, J. **As Cruzadas**: uma história. Campinas: Ecclesiae, 2019, p. 57.

<sup>89</sup> BORGONGINO, B. U. A Guerra Santa e a participação da cavalaria nas Cruzadas no Oriente. *Medievalis*, v. 5, n. 1, p. 1-14, 2014, p. 5.

<sup>90</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>91</sup> TYERMAN, C. **The Crusades**: a very short introduction. New York: Oxford University Press, 2004, p. 14.

<sup>92</sup> Tanto sínodo quanto concílio são assembleias eclesiásticas, mas com algumas diferenças. Concílios se definem como reuniões que contam com a presença de todos os bispos a fim de definirem questões de doutrina e disciplina da Igreja, ao todo foram realizados 21 concílios na história. Já os sínodos se constituem como reuniões de bispos, mas as vezes

cada período histórico, essas grandes assembleias eclesíásticas possuem um conjunto mais ou menos coerente em relação às suas temáticas. Os concílios do primeiro milênio, por exemplo, visaram estabelecer elementos doutrinários principalmente em repostas às diversas heresias, já os concílios medievais e do início da Modernidade foram “convocados para reformar a Igreja e para esclarecer algumas questões doutrinárias”<sup>93</sup>.

O Concílio de Clermont se insere justamente na época da Reforma Gregoriana, este Concílio de certa maneira pretendia reformar a França, mas acabaria por transformar toda a Cristandade com a pregação da Primeira Cruzada. Um dos temas centrais desta assembleia foi a renovação da excomunhão de Felipe I pela bigamia e a afirmação da doutrina sobre o casamento, além de tratar de questões relativas à Paz de Deus<sup>94</sup> e à Reforma Gregoriana, em especial proibindo os clérigos de manterem uma relação de vassalagem com os leigos. Em 27 de novembro, aos fins do Concílio Urbano II fez um apelo aos cavaleiros para que lutassem em defesa dos cristãos de Constantinopla, mas reforçando que os ibéricos<sup>95</sup> permanecessem em seu território lutando contra os mouros<sup>96</sup>. Cerca de 400 bispos e abades, além de outros homens cultos e da nobreza participaram deste concílio<sup>97</sup>. Nesta convocação de Urbano II em favor dos cristãos gregos – vinda de um pedido de Aleixo I Comneno (1048-1118) durante o Concílio de Piacenza –, havia a intenção de uma tentativa de retorno a uma unidade da Igreja de Roma e da Igreja do Oriente<sup>98</sup>.

Os concílios papais da Idade Média, especialmente após a Reforma Gregoriana, podem ser vistos como um “esforço para emancipar seu próprio poder dos laços que impôs a simbiose com a

---

com um caráter mais local ou ainda com uma seleção de bispos especialistas (uma assembleia mais representativa) e não uma convocação geral. Talvez não possamos atribuir essa diferenciação às assembleias eclesíásticas realizadas durante a Idade Média, é pouco provável que realmente todos os bispos da Cristandade estivessem reunidos em cada localidade dessas reuniões. Além disso, no caso de Clermont questões sobre o matrimônio foram discutidas, assunto este que se constitui como uma normativa geral da Cristandade.

<sup>93</sup> BELLITTO, C. M. **História dos 21 Concílios da Igreja**: de Nicéia ao Vaticano II. São Paulo: Loyola, 2010, p. 15.

<sup>94</sup> FLORI, J. **Guerra santa**: formação da ideia de Cruzada no Ocidente cristão. Campinas: Editora Unicamp, 2013, p. 314.

<sup>95</sup> As guerras ibéricas contra os mouros tiveram um papel importante na formação da ideia de uma guerra santa. Esse conflito que se estendia desde o século VIII estava além de uma questão territorial, mas envolvia a fé, uma disputa entre cristãos e muçulmanos. COWDREY, H. E. J. Pope Urban II's preaching of the First Crusade. **History**, Vol. 55, No. 184, p. 177-188, 1970, p. 178.

<sup>96</sup> PAREDES, J. et al. **Diccionario de los Papas y Concilios**. Ariel, 1998, p. 175.

<sup>97</sup> “*Illic, praeter episcoporum et abbatum examina, quos circiter quadringentos per prominentes ferulas fuisse aliqui numeraverant, totius Franciae et appendicium comitatum litteratura confluit*”. [...]”. GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. **Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per Francos [...]**. Omnia studio et opera D. Lucae d'Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica), Livro II, II.

<sup>98</sup> PAREDES, J. et al. *Op. cit, loc. cit.*

autoridade do imperador, as tradições e os direitos locais”<sup>99</sup>. Gregório VII, “desde que se tornou papa em 1088, estava ansioso para melhorar as relações com o imperador bizantino Aleixo I Comneno (1048-1118) e promover a união das Igrejas orientais e ocidentais”<sup>100</sup>, uma tentativa que não teria nenhum sucesso.

Clermont era território do Reino da França, uma proximidade entre o papado e os francos remontava há muitos séculos, “a passagem da dinastia Merovíngia para a dinastia Carolíngia, através de Pepino, o Breve, é precisamente assinalada por uma aliança entre o reino franco e o papado, que ficou selada, simbolicamente, pela unção, recebida por Pepino, das mãos de Estevão II”<sup>101</sup>, futuramente o papado viria a se estabelecer na França e não seria de se espantar que os mais participativos nas Cruzadas fossem os francos. De acordo com Guiberto de Nogent, seria costume de os papas solicitar ajuda dos franceses, ele exalta “a grandeza da alma” de Urbano II, especialmente por ter convocado essas expedições para a Terra Santa, e afirma que milagres foram realizados por intermédio dele, inclusive após a sua morte<sup>102</sup>. Podemos perceber aqui uma perspectiva de atribuir a Urbano II uma santidade, um corpo que se torna santo e realiza milagres, o papa recebe prestígio, pelo menos pelas palavras de Guiberto, por ter proclamado a Cruzada.

A Cruzada foi “orquestrada de forma elaborada”, os ouvintes do discurso de Urbano II durante o Concílio de Clermont certamente ficaram tocados e motivados pela insistência do pontífice no dever cristão e na promessa de salvação. As diversas ondas de expedições cruzadísticas se organizaram com velocidade e entusiasmo, que podem ser interpretadas como o surgimento de uma espontânea revolta<sup>103</sup>. Essa ideia de Cruzada se espalhou para além das proximidades de Clermont e mesmo da França, cristãos das ilhas britânicas, germânicos e da Península Itálica se juntaram à causa. Diversos discursos foram ditos em igrejas e cidades, os monges foram os maiores entusiastas da Cruzada, “muitas comunidades religiosas eram centros de recrutamento”<sup>104</sup>. O início

<sup>99</sup> ALBERIGO, G. et al. **Historia de los Concilios Ecumenicos**. Salamanca: Ediciones Sigüeme, 1993, p. 159.

<sup>100</sup> COWDREY, H. E. J. Pope Urban II's preaching of the First Crusade. **History**, Vol. 55, No. 184, p. 177-188, 1970, p. 177.

<sup>101</sup> BARROS, J. D'A. Cristianismo e política na Idade Média: as relações entre o papado e o império. **Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 7, n. 15, p. 53-72, 2009, p. 57.

<sup>102</sup> “*Cujus quanta magnanimitas exstitit, hujus profectionis incentivo innotuit, quod dum primus ipse praebuit, quonam pacto id fieret, totus mundus obstupuit*”. [...]”. GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. **Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per Francos [...]**. Omnia studio et opera D. Lucae d'Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica, Livro II, I.

<sup>103</sup> FRANKOPAN, P. **The First Crusade: the call from the east**. Cambridge / Massachusetts: Harvard University Press, 2012, p. 10.

<sup>104</sup> RILEY-SMITH, J. **As Cruzadas: uma história**. Campinas: Ecclesiae, 2019, p. 81.

imediatamente de todo esse movimento foi com certeza a pregação de Urbano em 1096 aliada ao contexto político, social e as motivações religiosas vinculadas à Jerusalém que serão abordadas mais à frente.

Estabelecer esse discurso é extremamente difícil, pois as memórias sofreram influências da notícia da conquista de Jerusalém<sup>105</sup>. Nas crônicas e histórias da Cruzada existem cinco versões mais antigas da pregação de Urbano II e que contêm diferenças consideráveis em suas narrativas: em Fulquério de Chartres (escrito em 1101), Roberto, o Monge (1107), Baldrico de Dol (c.1108-1110), Guiberto de Nogent (c.1109), e Guilherme de Malmesbury (c.1140)<sup>106</sup>.

Cada fonte medieval a respeito da pregação de Urbano II em Clermont apresenta perspectivas diferentes, contudo “constata-se certa recorrência no que concerne ao conteúdo, incluindo o apelo para o fim de nefastos conflitos entre cristãos, no espírito da Trégua de Deus, e o chamado para a participação numa guerra santa contra os infiéis em Jerusalém”<sup>107</sup>. Esse último apelo também aparece nas cartas que Urbano II teria escrito aos fiéis de Flandres e ao clero e o povo de Bolonha, cuja ênfase era justamente a sua preocupação em libertar Jerusalém do jugo pagão<sup>108</sup>.

O decreto de Clermont estabeleceu – não diretamente – os motivos para essa expedição violenta: “as certezas da fé; o medo da condenação; autoimagem temporal; lucro material, social e sobrenatural; a atração da guerra por uma aristocracia militar; uma causa inequivocamente boa; e um objetivo icônico de alta ressonância no mundo imaginativo dos cristãos ocidentais [...]”<sup>109</sup>. Os reis da França, da Inglaterra e o sacro imperador germânico estavam em conflito com o papa, ao passo que os monarcas espanhóis estavam em sua própria guerra santa contra os muçulmanos da Península Ibérica. Ao se concentrar na alta nobreza, Urbano II viu uma oportunidade de promover a autoridade papal em assuntos temporais e a partir desse momento as cruzadas representaram uma expressão da ideologia e liderança dos papas<sup>110</sup>. Essa ausência de reis na Primeira e na Quarta Cruzadas, demonstraram mecanismos únicos de coerência e ordem “uma mistura de lealdade, incentivo e dinheiro, e mantidos e administrados por meio de laços de senhoria, clientela, associação juramentada ou, para os inadimplentes, coerção legal”<sup>111</sup>.

<sup>105</sup> RILEY-SMITH, J. **The First Crusade and the idea of Crusading**. London/New York: Continuum, 2003, p. 15.

<sup>106</sup> COWDREY, H. E. J. Pope Urban II's preaching of the First Crusade. **History**, Vol. 55, No. 184, p. 177-188, 1970, p. 177.

<sup>107</sup> BORGONGINO, B. U. A Guerra Santa e a participação da cavalaria nas Cruzadas no Oriente. **Medievalis**, v. 5, n. 1, p. 1-14, 2014, p. 10.

<sup>108</sup> COWDREY, H. E. J. Pope Urban II's preaching of the First Crusade. **History**, Vol. 55, No. 184, p. 177-188, 1970, p. 186.

<sup>109</sup> TYERMAN, C. **The Crusades**: a very short introduction. New York: Oxford University Press, 2004, p. 14.

<sup>110</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>111</sup> *Ibidem*, p. 93.

Guiberto de Nogent deixa em sua obra um discurso que ele afirma ser aquele feito por Urbano II durante o Concílio de Clermont, dizendo que possivelmente não está nos mesmos termos que o papa havia dito, mas que pelo menos conservava o mesmo sentido:

[...] Se a piedade dos Macabeus mereceu em tempos o maior louvor porque lutaram pelas cerimônias e pelo templo, se é permitido a vós, cavaleiros cristãos, pegar em armas para defender a liberdade do vosso país, se considerais que devem ser feitos os maiores esforços para visitar os templos dos apóstolos ou de qualquer outro santo, **qual é o atraso em levantar a cruz, o sangue, o monumento do Senhor, em visitá-lo e em dedicar-se a este serviço para a salvação das vossas almas?** Até agora travaram guerras injustas; na vossa fúria sem sentido atiraram uns contra as casas dos outros, os traços da ganância ou do orgulho, e ao fazê-lo trouxeram sobre vós as penas da morte eterna e de uma certa condenação. Agora propomos-vos guerras que trazem em si mesmas a gloriosa recompensa do martírio, que será para sempre objeto do louvor do tempo presente e da posteridade. [...] Pois se Jerusalém é a fonte da qual tudo o que diz respeito à pregação do cristianismo fluiu, então as pequenas correntes que se espalharam por todos os lados e por toda a face da terra devem fluir de volta ao coração de todos os fiéis católicos, para que eles possam estar bem cientes de tudo o que devem a esta fonte abundante. [...] Lembrai-vos, suplico-vos, dos inúmeros homens que pereceram da forma deplorável, depois tomai a vossa posição pelos lugares santos, dos quais vieram até vós os primeiros elementos de piedade, e **acreditai sem dúvida que Cristo irá perante aqueles que vão à guerra por Ele**, que Ele será o vosso porta-bandeira, e servirá de precursor para cada um de vós<sup>112</sup> [tradução e grifos nossos].

Analisando este trecho do discurso, nos atentemos primeiro às expressões sublinhas que encontram paralelo, em conteúdo, com um outro trecho da pregação da Cruzada contida na crônica de Roberto, o monge: “Então deixem todas as brigas entre vocês cessarem, as brigas se calem, as batalhas terminem e os conflitos de todas as divergências caiam em repouso. Partam no caminho

<sup>112</sup> “[...] *Si Machabaeis olim ad maximam profuit pietatis laudem, quia pro caeremoniis et templo pugnarunt, et vobis, o milites Christiani, legitime conceditur ut armorum studio libertatem patriae defendatis. Si limina etiam apostolorum, vel sanctorum quorumlibet, tanto sudore petenda putatis, quid crucem, quid sanguinem, quid monumentum eruere, quid visitare, quid pro his eruendis animarum pretia impendere detrectatis? Indebita hactenus bella gessistis, in mutuas caedes, vesana aliquoties tela solius cupiditatis aut superbiae causa torsistis; ex quo perpetuos interitus, et certa damnationis exitia meruistis. Nunc vobis bella proponimus quae in se habent gloriosum martyrii munus, quibus restat praesentis et aeternae laudis titulus [...] Si enim ex Jerosolymitano, quidquid Christianae praedicationis est fonte manavit, rivuli, quaquaversum toto terrarum orbe dispersi, catholicae multitudinis corda retorqueant, ut solerter attendant quid fonti tam irriguo debeant. [...] Recolite, precor, eorum millia qui detestabiliter perierunt, et pro sanctis locis agite, unde vobis pietatis rudimenta venerunt, ante vos, in sua bella mittendos, Christum fore signiferum indubitanter credite, et praecursorem individuum. [...]”]. GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. **Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per Francos [...]**. Omnia studio et opera D. Lucae d'Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica), Livro II, Capítulo II.*

para o Santo Sepulcro e libertem essa terra de uma raça perversa”<sup>113</sup>. Percebemos nos dois trechos um conteúdo base, a diminuição das guerras entre os cristãos no ocidente e que o foco a partir daquele momento fosse a guerra para libertar Jerusalém, a guerra para enfrentar os muçulmanos. Se fôssemos comparar todos os discursos presentes nas diferentes fontes, encontraríamos este e outros paralelos que consistem como ideias centrais na pregação das Cruzadas. Os outros três destaques deste trecho do discurso são muito significativos para a formação da ideia da Cruzada: a cruz, a centralidade em Jerusalém e a vontade/permissão divina.

O papa Urbano II (1042-1099) chegou à conclusão de que algum tipo de voto deveria ser necessário, assim, introduziu um voto aos participantes que seria simbolizado pelo uso da cruz<sup>114</sup>. Guiberto de Nogent ressalta que em seguida ao discurso, o papa

[...] instituiu um sinal para distinguir aqueles que tomariam esta honrosa empreitada, e para servir como uma espécie de cinto de cavaleiro; ou melhor, imprimindo em todos aqueles que deveriam lutar por Deus o selo da Paixão do Senhor, ordenou que cosessem nas suas túnicas, vestes, ou capas, um pequeno pedaço de algum material, cortado em forma de cruz<sup>115</sup> [tradução nossa].

Essa apropriação do “símbolo mais numinoso do cristianismo, como distintivo, estandarte e talismã” é decorrente da centralidade na fé cristã da paixão e ressurreição de Jesus e cujos lugares de memória e celebração desses episódios embelezam “a Cidade Santa de Cristo”<sup>116</sup>. A cruz se tornou o símbolo de identificação do cristianismo, as relíquias da Cruz se tornaram aquelas de maior prestígio e devoção na Cristandade, os aspectos da paixão e da morte de Jesus na cruz ocuparam lugar central na piedade religiosa da Idade Média Central.

A Cruz era central para o cerimonial sagrado da Semana Santa, especialmente a Adoração da Cruz na Sexta-feira Santa. No Ocidente, a prática, que se consolidou por volta de 700, centrava-se, quando disponível, em uma relíquia da Verdadeira Cruz, e envolvia a prostração ritual diante da relíquia. Além disso, havia as festas da Invenção da Cruz (3 de maio) e a festa da Exaltação da Cruz (14 de setembro). A festa da Invenção foi introduzida no rito galicano no Ocidente no século VII,

<sup>113</sup> ROBERTO, O MONGE. *Historia Hierosolymitana*. In: FRANKOPAN, P. **The First Crusade**: the call from the east. Cambridge / Massachusetts: Harvard University Press, 2012, p. 103.

<sup>114</sup> RILEY-SMITH, J. **The First Crusade and the ideia of Crusading**. London/New York: Continuum, 2003, p. 22.

<sup>115</sup> “[...] *et signum satis conveniens hujus tam honestae professionis instituit, et veluti cingulum militiae, vel potius militaturis Deo passionis Dominicae stigma tradens, crucis figuram, ex cujuslibet materiae panni, tunicis, byrris et palliis iturorum, assui mandavit*” [...]. GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. **Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per Francos [...]**. Omnia studio et opera D. Lucae d'Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica, Livro II, Capítulo II).

<sup>116</sup> TYERMAN, C. **The Crusades**: a very short introduction. New York: Oxford University Press, 2004, p. 13.

aparentemente para comemorar a recuperação bizantina da Verdadeira Cruz dos persas pelo imperador Heráclio. A festa da Exaltação, que comemorava a descoberta de Helena de a Verdadeira Cruz em Jerusalém, remonta ao século IV na Terra Santa e foi importada para o Ocidente, para Roma, também no século VII<sup>117</sup> [tradução nossa].

A ideia expressa no evangelho de Mateus<sup>118</sup> de tomar a cruz, adquiriu um significado militar,

a cruz tornou-se um sinal de obediência através do sacrifício físico do combate marcial, uma bandeira de guerra, um ícone da vitória militar pela fé, a marca daqueles, nas palavras de uma carta de um cruzado que partiu em 1096, que lutou 'por Deus contra os pagãos e sarracenos' e se viam como '*milites Christi*', guerreiros ou cavaleiros de Cristo<sup>119</sup> [tradução nossa].

“A cruz era militante, pois era o poder que esmagava o inimigo (o diabo), mas também era um sinal de serviço e paixão, em última análise, o mecanismo da salvação individual”<sup>120</sup>. Esse “símbolo numinoso” é o que une essas duas concepções, a cruz é o símbolo da derrota e da vitória ao mesmo tempo. No imaginário cristão é o símbolo do sofrimento e da morte, mas o sofrimento necessário, pelo qual é preciso passar para se alcançar a glória celeste, glória esta que seria alcançada por aqueles que estivessem dispostos a lutar por Cristo na libertação da Terra Santa.

Se a cruz se tornou o símbolo central da Cruzada, Jerusalém se tornou o seu objetivo central. Há um texto, sobre o qual há muita discussão por parte dos historiadores sobre sua autenticidade, que parece enunciar os principais temas que viriam a ser o objeto da futura pregação da cruzada: uma carta que poderia ser atribuída ao papa Sérgio IV (970-1012) em 1010 ou forjada pelo círculo de Urbano II (1042-1099) no contexto das pregações das Cruzadas. De acordo com Jean Flori, o papa (seja lá qual for) desenvolve alguns importantes argumentos:

Cristo, que sofreu na cruz para nos salvar, deixou aos cristãos seu túmulo para que, por meio dele, numerosos penitentes ganhassem o céu (2). Ora, aquele Santo Sepulcro acabava de ser destruído inteiramente pelas “mãos ímpias dos pagãos”; o papa indagava-se sobre o sentido daquele acontecimento no quadro da história profética: tal destruição era “anormal”, pois em nenhum lugar da Bíblia estava anunciada. Ao contrário, o Sepulcro devia substituir até o fim dos tempos (3). Portanto, era inaceitável. Por esse motivo, o papa anunciava sua intenção de embarcar e comandar pessoalmente uma campanha militar, com todos os cristãos que quisessem segui-lo. Segundo dizia, queria, “com a ajuda de Deus, atacar e

<sup>117</sup> GAPOSCHKIN, M. C. **Invisible Weapons**. Liturgy and the Making of Crusade Ideology. Ithaca and London: Cornell University Press, 2017, p. 55.

<sup>118</sup> Mateus 16, v. 24. **BÍBLIA DE JERUSALÉM**. São Paulo: Paulus, 2017. (12ª reimpressão)

<sup>119</sup> TYERMAN, C. **The Crusades**: a very short introduction. New York: Oxford University Press, 2004, p. 64.

<sup>120</sup> GAPOSCHKIN, M. C. **Invisible Weapons**. Liturgy and the Making of Crusade Ideology. Ithaca and London: Cornell University Press, 2017, p. 53.

matar os agarenos e restaurar o santo túmulo do Redentor” (4). Escrevia também o pontífice romano que era preciso combater na terra os inimigos de Cristo para rejubilar-se com ele no céu<sup>121</sup>.

A partir desses argumentos se torna inquestionável a centralidade da Cidade Santa e do Santo Sepulcro na formação da ideia de Cruzada, Jerusalém ocupa o pivô do sentimentalismo devocional dos peregrinos e o seu resgate, mesmo que por meios violentos, poderia conduzir os homens à salvação. Sendo ou não pertencente a Sérgio IV, se prestarmos atenção ao segundo argumento iremos notar a referência àquela destruição do Santo Sepulcro em 1009. Tal destruição pode ter sido muito sentida pelos peregrinos do início do século XI, além disso Jerusalém estava sob o domínio muçulmano desde o século VII e isso indica que poderia haver dificuldades de acesso aos lugares santos de Jerusalém. É possível que esse ressentimento tenha permanecido ao longo dos séculos, despertando em outros peregrinos esse desejo de retomada da Cidade Santa, ao ponto que bastou um discurso (ou muitos deles) nas condições certas, para que um grande contingente de cristãos se voluntariasse para essa expedição.

Urbano II, sem dúvida, apelou também para uma recordação religiosa, que fazia memória a captura de Jerusalém pelos muçulmanos em 638<sup>122</sup>. A atitude dos cristãos do século XI em relação à Terra Santa era obsessiva. Jerusalém era o centro do mundo (Figura 1), “o ponto na terra em que o próprio Deus se concentrou quando escolheu redimir a humanidade intervindo na história; no mesmo lugar, no fim dos tempos, os últimos eventos que levariam ao juízo Final seriam encenados”<sup>123</sup>.

O terceiro destaque se relaciona a toda discussão sobre *Guerra Santa* e a formação da ideia de Cruzada já realizada por nós neste capítulo, uma guerra proclamada pelo papa – autoridade legítima – em favor da Igreja, para libertar os cristãos e a Cidade Santa, com lucros espirituais já se configura como uma guerra aprovada por Deus e, portanto, uma guerra de acordo com a sua vontade, que contaria obviamente com a sua proteção.

---

<sup>121</sup> FLORI, J. **Guerra santa**: formação da ideia de Cruzada no Ocidente cristão. Campinas: Editora Unicamp, 2013, p. 309.

<sup>122</sup> TYERMAN, C. **The Crusades**: a very short introduction. New York: Oxford University Press, 2004, p. 14.

<sup>123</sup> RILEY-SMITH, J. **The First Crusade and the ideia of Crusading**. London/New York: Continuum, 2003, p. 21.





**Figura 1:** Mapa do mundo T e O, centrado em Jerusalém. Produzido possivelmente na Polônia por volta de 1485. Esta fotografia foi tirada no Museu Regional Olomouc. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Exhibition\\_Temple\\_of\\_Sciences\\_and\\_Muses,\\_Museum\\_of\\_Arts\\_in\\_Olomouc\\_08.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Exhibition_Temple_of_Sciences_and_Muses,_Museum_of_Arts_in_Olomouc_08.jpg).

O discurso iniciador da Cruzada foi replicado por muitos pregadores em toda Cristandade ocidental, especialmente na França. Urbano empregou uma linguagem que já havia utilizado em outros contextos, associando a vontade de Deus com triunfos militares<sup>124</sup>, a linguagem e os inúmeros discursos produziram uma reação que se dividiu em várias ondas compostas de

<sup>124</sup> RILEY-SMITH, J. *The First Crusade and the idea of Crusading*. London/New York: Continuum, 2003, p. 16.

cavaleiros, de outros combatentes sem montaria, de clérigos, mulheres e crianças não combatentes que totalizaram por volta dos 114 mil<sup>125</sup>. Os números parecem pouco para a atualidade, mas na Idade Média, uma centena de milhares era um número bastante expressivo e somente discursos não teriam conduzido este contingente a marchar para Oriente. Outros fatores, motivações outras devem ser levados em consideração para analisarmos o que levou essas pessoas a fazerem os votos, assumirem a cruz e partirem rumo à Jerusalém em uma *Guerra de Deus*.

## 2.2 O contexto histórico da Cristandade: entre Oriente e Ocidente

*Mas a fé dos orientais, sempre hesitante, inconstante, muito obscura, empenhada em busca de novidades, e sempre ultrapassando os limites da verdadeira crença, desertou da autoridade dos primeiros pais da Igreja*<sup>126</sup>  
[tradução nossa].

As relações entre Oriente e Ocidente sempre foram complexas, ambíguas, mas jamais unilaterais. A citação de Guiberto de Nogent (1055-1125) explicita uma realidade de que o Oriente possuía Igrejas cristãs divididas em suas próprias doutrinas teológicas<sup>127</sup>, portanto, não há um todo homogêneo, todavia, explicita ainda mais a visão que o Ocidente medieval possuía a respeito do Oriente: um lugar inferior, que havia de desviado da verdadeira fé. É claro que não podemos dizer que esse pensamento é predominante, havia aqueles que não olhavam para o Oriente dessa forma, que viajavam para Oriente em peregrinação ou em busca de conhecimento. A visão de Guiberto de Nogent seja talvez a visão de um clérigo a respeito da fé, da unidade de toda Cristandade e não a

<sup>125</sup> RILEY-SMITH, J. **As Cruzadas**: uma história. Campinas: Ecclesiae, 2019, p. 83.

<sup>126</sup> “*Orientalium autem fides, cum semper nutabunda constiterit, et rerum molitione novarum mutabilis et vagabunda fuerit, semper a regula verae credulitatis exorbitans, ab antiquorum Patrum auctoritate descivit*”. [...]”. GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. **Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per Francos [...]**. Omnia studio et opera D. Lucae d'Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica, Livro I, Capítulo II.

<sup>127</sup> CAHEN, C. **Oriente y Occidente en tiempos de las cruzadas**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2016, p. 14.

visão real de todo o Ocidente Medieval. É sobre essas interpretações e a interação entre Oriente e Ocidente que iremos discorrer neste tópico.

Estudar as Cruzadas possibilitam estudos também a respeito da história das relações econômicas entre Oriente e Ocidente, bem como questões políticas e culturais. Contudo é preciso uma atenção as fontes e até mesmo uma crítica à bibliografia, pois quase tudo que se tem escrito tem sido do ponto de vista Ocidental<sup>128</sup>. É claro que em um trabalho como este de graduação, fazer uma longa revisão e crítica a essa visão ocidentalista se torna inviável, mas a nossa proposta é tentar apresentar as duas realidades, oriental e ocidental, no contexto do surgimento das Cruzadas buscando superar a imagem de uma Europa tão organizada em uma unidade da Cristandade, que justifique a sua marcha para um Oriente em crise. A realidade é que ambas as partes dessa relação estavam em épocas de profundas mudanças e crises, e a unidade seria a característica mais distante desse contexto.

Desde a Antiguidade a Europa é um mosaico político, étnico e religioso com limites e fronteiras que se misturam e se integram. Nessa perspectiva, a Europa não viveu momento algum de unidade durante a Idade Média, mesmo nos contextos do Império Carolíngio e do Sacro Império Germânico, nem mesmo a Cristandade era um todo unificado, havendo particularidades nas Igrejas das diferentes regiões, cujos bispos desfrutavam de autonomia e independência do controle papal. A breve experiência do Império Carolíngio não foi suficiente para criar um todo unificado no Ocidente medieval, durante o século IX a Europa foi novamente dividida pela fragmentação política, social, econômica e pelas guerras. A fragmentação do império e ausência de um governo mais centralizado rompeu os arranjos de poder não só na esfera secular, mas também dentro da Igreja<sup>129</sup>.

Por toda a Europa, contando com a autonomia do controle papal, os bispos deviam mais lealdade aos governantes temporais. No século XI os papas tentariam estabelecer um controle maior sobre a Cristandade – as Cruzadas podem ser estudadas levando em consideração essa perspectiva –, mas a realidade é que seu efetivo poder e controle não ultrapassava muito os limites da Itália central e nos anos durante e após o século XI alguns chegariam a ser exilados de Roma<sup>130</sup>.

---

<sup>128</sup> CAHEN, C. **Oriente y Occidente en tiempos de las cruzadas**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2016, p. 8.

<sup>129</sup> ASBRIDGE, T. **A chegada dos cruzados**. Barueri: Novo Século Editora, 2021, p. 26-28.

<sup>130</sup> *Ibidem*, 28-29.

O ambiente europeu era um ambiente fragmentado, Urbano II (1042-1099) começara seu pontificado ainda fora de Roma.

O século XI foi um período de disputas e guerras na esfera secular e eclesiástica, tanto internas como externas. Diversos papas rivais disputavam entre si e com o papa que ocupava o cargo, a legitimidade do poder da Igreja. Era um período de disputas entre o papado e os poderes temporais, muitos governantes foram excomungados nesse período, as vezes eram perdoados somente para que pudessem ser excomungados novamente<sup>131</sup>. A Primeira Cruzada não contou com a presença de reis ou do imperador: Guilherme II (1056-1100) da Inglaterra estava em conflito com Urbano II (1042-1099), pois apoiava o antipapa Clemente III (1029-1100); Henrique IV (1050-1106) do Sacro Império e Filipe I (1052-1108) da França estavam excomungados; os reis ibéricos estavam lutando sua própria guerra santa nas fronteiras com o domínio muçulmano<sup>132</sup>.

Compreendemos assim que a Europa não possuía um poder central, nem o papa, nem o imperador, nem os reis conseguiram manter e controlar um todo unificado. Uma autoridade centralizada era uma ideia fraca na Europa Ocidental, os conflitos, a violência e a guerra eram, portanto, realidades inevitáveis<sup>133</sup>. Nesse sentido, a Cruzada é fruto de discórdia e desunião, de uma Europa repleta de turbulências e crises.

Contudo, as crises e turbulências políticas e eclesiásticas não compõem o único elemento dessa realidade europeia, há questões sociais que formam este contexto e levaram pessoas que não estava no estamento militar a partirem nas expedições cruzadísticas. Quando analisamos a Primeira Cruzada notamos que essa expedição se deu em várias ondas de exércitos, a primeira delas liderada por Pedro, o Eremita (1053-1115) ficou conhecida como Cruzada dos Camponeses ou Cruzada Popular, isso porque não continha nenhum nobre como aconteceria nas ondas subsequentes, mas foi formada por camponeses<sup>134</sup>.

Dentre as transformações enfrentadas pela Europa no século XI estava o aumento demográfico que forçava as famílias que possuíam terras a tomarem medidas que impedissem a subdivisão de suas propriedades “seja mediante o exercício do direito de primogenitura seja por meio de um método anticoncepcional primitivo, segundo o qual somente a um homem de cada

---

<sup>131</sup> FRANKOPAN, P. **The First Crusade: the call from the east**. Cambridge / Massachusetts: Harvard University Press, 2012 p. 13-14.

<sup>132</sup> TYERMAN, C. **The Crusades: a very short introduction**. New York: Oxford University Press, 2004, p. 24.

<sup>133</sup> HARRIS, J. **Byzantium and the Crusades**. London / New Delhi / New York / Sydney: Bloomsbury, 2014, p. 59.

<sup>134</sup> KOSTICK, C. **The Social Structure of the First Crusade**. Leiden-Boston: Brill, 2008, p. 95.

geração era permitido casar”. Fazer os votos e partir em uma Cruzada era uma possível solução a esse problema da divisão de terras<sup>135</sup>. Havia ainda uma outra realidade, aquela dos realmente pobres, famílias que não possuíam terras para subdividir,

Os pobres eram muito numerosos em todos os exércitos da Primeira Cruzada. É possível que muitos estivessem aproveitando a chance de buscar uma nova vida para si mesmos, mas pouco sabemos sobre eles e menos ainda sobre suas ideias e aspirações. Devem ter sofrido com uma altíssima taxa de mortalidade, e é difícil conceber que os sobreviventes tenham disposto dos meios ou da energia para voltar para casa após o fim da campanha<sup>136</sup>.

O imaginário construído a respeito das Cruzadas evoca imagens de grandes exércitos repletos de cavaleiros e guerreiros, mas a realidade é que em sua maioria esses exércitos não eram compostos de pessoas que foram treinadas para a guerra:

Multidões ainda maiores de não-combatentes mais humildes tentaram acompanhar o ritmo daqueles treinados para a guerra. Os agricultores vendiam suas terras e ferramentas, exceto um arado e alguns animais. Atrelando uma carroça aos bois, eles colocaram os pertences restantes no veículo, colocaram os filhos em cima e partiram determinados para a Terra Santa. Os servos também, com pouco mais do que algumas moedas, dependentes da caridade, a graça de Deus, fugiram da perspectiva de labuta vitalícia para seus superiores sociais e, armando-se com armas brutas, obtiveram a liberdade nas fileiras do exército de Deus<sup>137</sup> [tradução nossa].

Esses são alguns aspectos que nos permitem analisar o contexto europeu no período de formação da ideia de Cruzada e na realização dessa primeira expedição. Um outro aspecto a ser considerado refere-se à Reforma de Cluny ocorrida no século X e que espalhou suas propostas e pensamentos por praticamente toda Cristandade ocidental (Figura 2). Cluny foi possivelmente uma das bases para o desenvolvimento do pensamento reformista de Gregório VII e da publicação do *Dictatus Papae*. Os clérigos reformistas estavam engajados em livrar a Igreja de práticas corruptas “que eles atribuíram à influência excessiva dos leigos sobre os afazeres eclesiásticos”, desejavam um retorno à igreja primitiva<sup>138</sup>. No campo intelectual e cultural há o que chamamos de Renascimento do século XII. Todos esses aspectos são importantes para compreendermos o

---

<sup>135</sup> RILEY-SMITH, J. **As Cruzadas**: uma história. Campinas: Ecclesiae, 2019, p. 85.

<sup>136</sup> *Ibidem*, p. 84.

<sup>137</sup> KOSTICK, C. **The Social Structure of the First Crusade**. Leiden-Boston: Brill, 2008, p. 1.

<sup>138</sup> RILEY-SMITH, *Op. cit.*, p. 67.

contexto europeu, mas esses temas serão mais bem trabalhados no segundo capítulo ao tratarmos do contexto no qual Guiberto de Nogent se insere.



**Figura 2:** Mosteiros sobre a influência cluniacense no século XI. *In:* FROHLICH, R. Curso básico de história da Igreja. São Paulo: Paulus, 1987, p. 86.

Como afirma Jean Flori<sup>139</sup>, as Cruzadas não podem ser entendidas apenas pelo contexto do Ocidente, é preciso olharmos também para o leste, para o Oriente e compreender o local no qual os combates se desenrolaram, é preciso analisar o papel da Cristandade oriental e do Império Romano do Oriente no desenrolar dessas guerras santas. As fronteiras medievais eram religiosas, étnicas, culturais, sociais e geográficas e foram hostilizadas ou intensificadas com as Cruzadas<sup>140</sup>, mas isso não significa que essas fronteiras eram rígidas e intransponíveis, mesmo os mais diferentes povos mantinham algum tipo de relação, sempre houve contato entre oeste e leste, sempre houve contato entre Ocidente e Oriente.

<sup>139</sup> FLORI, J. **Guerra santa:** formação da ideia de Cruzada no Ocidente cristão. Campinas: Editora Unicamp, 2013, p. 306.

<sup>140</sup> TYERMAN, C. **The Crusades:** a very short introduction. New York: Oxford University Press, 2004, p. 50.

Uma das formas de interação entre essas realidades era por meio do comércio que também enfrentou transformações durante o século XI. O comércio no Mar Mediterrâneo era baseado em produtos de luxo, tecidos finos, madeira e metais<sup>141</sup>, contando com a presença de outros produtos sobremaneira oriundos de cidades mais ao Oriente,

Corinto produzia têxteis, algodão, linho e seda, além de possuir uma importante fábrica de vidro. Atenas concentrou-se em corantes e sabão. Tebas era conhecida por suas sedas de alta qualidade, valorizada acima de todas as outras pela qualidade de seu acabamento. Tessalônica, a segunda cidade do império, hospedava uma feira anual que atraía mercadores de todas as partes do mundo mediterrâneo, além de ser um centro de produção de seda e metalurgia. Na Ásia Menor, a riqueza estava na agricultura e não no comércio ou manufaturas, pois as condições pacíficas permitiram que mais terras fossem recuperadas para cultivo. No Noroeste, o principal centro regional era Nicéia, de importância histórica como o local de dois concílios ecumênicos da Igreja em 325 e 787, mas também um ponto de parada na estrada para o leste, e um mercado para produtos agrícolas e peixes de seu lago<sup>142</sup> [tradução nossa].

Entre os séculos VIII e X a moeda de troca desses contatos comerciais eram os escravos, mas com o aparecimento cada vez mais frequente das moedas árabes – devido a sua expansão comercial e territorial – fez com que o comércio de escravos declinasse e fosse substituído pela cunhagem no século XI<sup>143</sup>. As transformações comerciais não se restringem somente a questão pecuniária, mas também na própria expansão das rotas comerciais. As forças comerciais amplificaram os contatos entre as civilizações do Mediterrâneo, integrando o mundo de forma mais ampla. Além dos mercadores da Península Itálica e do Norte da África, bizantinos e árabes-muçulmanos do Oriente próximo também tiveram a sua expansão e é sobre esses dois últimos que iremos nos dedicar agora<sup>144</sup>.

Alexandria, Antioquia, Jerusalém, Constantinopla e Roma eram as cinco principais sés da Cristandade medieval, quando as três primeiras cidades foram conquistadas pelos muçulmanos as outras duas ganharam um status elevado conduzindo a uma rivalidade<sup>145</sup>. Tal rivalidade foi mais intensificada após o Cisma em 1054 – um outro aspecto que é importante de se compreender para

<sup>141</sup> TYERMAN, C. **Las guerras de Dios**. Una nueva historia de las Cruzadas. Barcelona: Crítica, 2010, p. 3-4)

<sup>142</sup> HARRIS, J. **Byzantium and the Crusades**. London / New Delhi / New York / Sydney: Bloomsbury, 2014, p. 9.

<sup>143</sup> FRANKOPAN, P. **O coração do mundo: uma nova história universal a partir da Rota da Seda, o encontro do Oriente com o Ocidente**. São Paulo: Planeta, 2019, p. 154.

<sup>144</sup> ASBRIDGE, T. **A chegada dos cruzados**. Barueri: Novo Século Editora, 2021, p. 27.

<sup>145</sup> FRANKOPAN, P. **The First Crusade: the call from the east**. Cambridge / Massachusetts: Harvard University Press, 2012, p. 17.

analisar o contexto histórico das Cruzadas – e ao longo dos séculos seguintes a reunificação das Igrejas seria um objetivo almejado por líderes da Cristandade. A própria proclamação da Primeira Cruzada por Urbano II pode ter tido como intenção uma reunificação das Igrejas sob o seu pontificado. Evidentemente não só de uma perspectiva da fé, mas também de uma perspectiva de amplificação do poder e do controle papal, mas essas ideias de reunificação das Igrejas não teriam sucesso, pelo contrário, as Cruzadas irão agravar o Cisma e a rivalidade<sup>146</sup>.

Em termos populacionais algumas cidades orientais eram maiores do que as cidades europeias, Roma e algumas outras cidades italianas não ultrapassavam os 40 mil habitantes, enquanto Bagdá e Constantinopla atingiam cerca de 500 mil, um número muito expressivo para época e que facilitava a sua proeminência no comércio e na política<sup>147</sup>. No século XI Bizâncio<sup>148</sup> era a maior entidade política da Cristandade, com um território que compreendia a Ásia Menor, a Grécia e os Balcãs ao sul do Danúbio, as ilhas do mar Egeu, do mar Jônico e Creta, além de possuir alguns postos avançados na atual região da Crimeia<sup>149</sup> (Figura 3).

---

<sup>146</sup> PIERRARD, P. **A história da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1982, p. 108.

<sup>147</sup> TYERMAN, C. **Las guerras de Dios**. Una nueva historia de las Cruzadas. Barcelona: Crítica, 2010, p. 3.

<sup>148</sup> Império Romano do Oriente seria o termo mais condizente com a realidade da época, essa terminologia de Império Bizantino é algo construído pela historiografia. De acordo com um manual escrito em Constantinopla a respeito de cartas que seriam enviadas pelos imperadores, eles mesmo se declaravam como “imperadores romanos”. FRANKOPAN, P. **The First Crusade: the call from the east**. Cambridge / Massachusetts: Harvard University Press, 2012, p. 17.

<sup>149</sup> HARRIS, J. **Byzantium and the Crusades**. London / New Delhi / New York / Sydney: Bloomsbury, 2014, p. 7.





**Figura 3:** Mapa do Império Romano do Oriente c. 1050. HARRIS, J. *Byzantium and the Crusades*. London / New Delhi / New York / Sydney: Bloomsbury, 2014, p. 8.

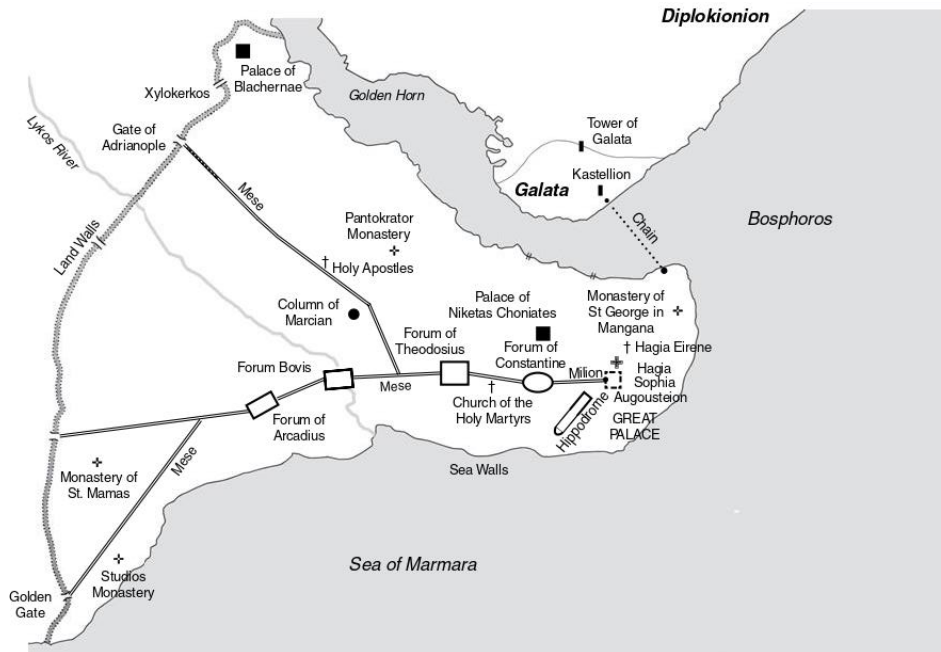
Constantinopla não era somente uma cidade com prestígio político e cujo território imperial era muito vasto, era uma cidade com grande prestígio religioso. Ao longo dos séculos, desde o IV com a tradição iniciada por Santa Helena da busca por relíquias na Terra Santa, Constantinopla foi ampliando suas coleções desses fragmentos sagrados. No período das Cruzadas a cidade possuía em sua posse os pregos da Cruz, a Coroa de Espinhos, a cabeça de João Batista, fios de cabelo da Virgem Maria, diversos fragmentos da Cruz e tantas outras relíquias de grande prestígio para a Cristandade. Diferente da Europa que não possuía essa grande quantidade de relíquias ligadas à vida Cristo, situação que seria invertida durante e após as Cruzadas com as diversas importações (*translatio*) dessas relíquias para igrejas e mosteiros no território europeu, por meio de achados milagrosos – denominados *inventio* –, mas também por compras ou furtos<sup>150</sup>.

Constantinopla era, portanto, um centro político, econômico e religioso no Oriente. Uma posição como essa não era mantida a poucos custos e esforços, alianças eram necessárias para que se mantivesse o poder. Sob o governo de Aleixo I Comneno (1048-1118) e do patriarcado de Nicolau III (?- 1111), buscou uma reunificação das Igrejas, esses sinais de reconciliação não era,

<sup>150</sup> FRANKOPAN, P. *O coração do mundo: uma nova história universal a partir da Rota da Seda, o encontro do Oriente com o Ocidente*. São Paulo: Planeta, 2019, p. 153.

como já dito, apenas no âmbito da fé. Tentativas de reaproximação com Roma poderiam significar alianças políticas e militares com outras cidades do Ocidente<sup>151</sup>, algo necessário para o Império do Oriente que disputava em suas fronteiras com a expansão do califado abássida de Bagdá.

Constantinopla era uma cidade bem fortificada, as muralhas foram construídas com 9 metros de altura e quatro metros de espessura, guarnecida com um total de 96 torres com inúmeras plataformas para arqueiros e catapultas; em frente às muralhas havia uma grande vala que seria facilmente incendiada em caso de ataques<sup>152</sup> (Figura 4). O clima de crises e turbulências vistos na Europa parecia atingir também o Oriente por volta do século XI. Por um bom tempo havia certa estabilidade e acordos no Leste em relação aos bizantinos e muçulmanos, foi durante a última década do século XI que a posição de Constantinopla no cenário político do Oriente começou a se deteriorar<sup>153</sup>.



**Figura 4:** Cidade Constantinopla no período da Primeira Cruzada. HARRIS, J. *Byzantium and the Crusades*. London / New Delhi / New York / Sydney: Bloomsbury, 2014, p. 11.

O grande enclave do Império Romano do Oriente era a Ásia Menor, cada vez mais territórios dessa região eram conquistados pela expansão do califado de Bagdá. “Igrejas ao leste estavam sendo destruídas; os cristãos, especialmente o clero, foram sujeitos a terríveis

<sup>151</sup> *Idem*. **The First Crusade: the call from the east**. Cambridge / Massachusetts: Harvard University Press, 2012, p. 20-23.

<sup>152</sup> HARRIS, J. **Byzantium and the Crusades**. London / New Delhi / New York / Sydney: Bloomsbury, 2014, p. 9.

<sup>153</sup> FRANKOPAN, P. *Op. cit.* p. 42.

perseguições” e neste contexto de crise “a assistência militar era urgentemente necessária em Bizâncio”<sup>154</sup>. A situação do império diante do avanço muçulmano conduziu Aleixo I (1048-1118) a solicitar assistência de guerreiros ocidentais antes mesmo da Primeira Cruzada. Prova disso, uma carta escrita por Anselmo de Bec relatava as recompensas tentadoras para aqueles que partissem para ser cavaleiros no Oriente<sup>155</sup>.

O recrutamento do imperador oriental era composto não somente de cavaleiros, mas de mercenários a fim de atingir sucesso militar e fortalecer a sua posição tanto para política interna, quanto externa. Com a morte do sultão turco de Bagdá, Malik Shah, em 1092 os territórios muçulmanos da Síria, Palestina e do Iraque enfrentam crises, esse cenário foi visto por Aleixo I como uma oportunidade de restaurar o controle bizantino da Ásia Menor que havia sido perdido em 1071. “Por conveniência política, o papa era uma escolha óbvia e imediata”<sup>156</sup>, enviando seus legados ao Concílio de Piacenza em 1094, já sob o pontificado de Urbano II (1042-1099), solicitando ajuda militar dos cristãos do Ocidente, cujo desenrolar seriam as Cruzadas.

As crises no Império do Oriente também eram internas. Aleixo I (1048-1118) foi surpreendido com um golpe orquestrado pela elite de seu império, uma união de oficiais superiores, senadores, aristocratas e até mesmo pessoas próximas a ele que o haviam ajudado a conquistar o poder. A insatisfação da elite se dividia no seu fracasso em reconquistar as terras que antes pertenciam ao império, e porque o imperador favorecia os membros de sua família, como Nicéforo Briênio (1062-1137) e Adriano Comneno (?-1105) (cunhado e irmão, respectivamente) que recebiam as rendas de cidades e províncias inteiras. O seu pedido de ajuda ao Ocidente claramente não é resultado de uma tentativa de reaproximação, nem somente de auxílio contra os turcos muçulmanos, mas uma tentativa de reestabelecimento do seu poder, com intenções de retomar para o império territórios e apaziguar o descontentamento de sua elite para manter apoio e se manter no poder<sup>157</sup>.

Quando falamos do contexto da Cristandade nosso olhar não deveria se voltar apenas aos cristãos latinos e gregos, muçulmanos, judeus e outros povos também compunham o mosaico populacional e cultural desse contexto medieval. Uma história das Cruzadas seria muito diferente

---

<sup>154</sup> FRANKOPAN, P. **The First Crusade: the call from the east**. Cambridge / Massachusetts: Harvard University Press, 2012, p. 10.

<sup>155</sup> FRANKOPAN, P. *Op. cit.*, p. 87.

<sup>156</sup> TYERMAN, C. **The Crusades: a very short introduction**. New York: Oxford University Press, 2004, p. 21.

<sup>157</sup> FRANKOPAN, P. **The First Crusade: the call from the east**. Cambridge / Massachusetts: Harvard University Press, 2012, p. 71-72.

se composta a partir do ponto de vista dos muçulmanos sírios, egípcios e andaluzes, dos judeus europeus e do Oriente Próximo, livônios e prussianos<sup>158</sup>. As comunidades judaicas por exemplo, sofreram violência dos exércitos cruzados na Europa e na Ásia, mesmo que as Cruzadas não tenham sido dirigidas a eles<sup>159</sup>.

As fontes europeias pouco ou nada falam da realidade dos muçulmanos no Oriente na época das Cruzadas. O que sabemos é que o Islã, enquanto entidade política, religiosa e cultural também não era um todo unificado<sup>160</sup>, havia conflitos e divisões políticas e religiosas. A dinastia sunita dos abássidas em Bagdá e a dinastia xiita dos fatímidas no Cairo, disputavam além da liderança religiosa do islamismo, territórios no Oriente Médio:

[...] a divisão que reina no seio do mundo islâmico entre sunitas, que se reclamam do califado abássida de Bagdá, e os xiitas, que se reconhecem no califado fatímida do Cairo. O cisma, que data do século VII e de um conflito no interior da família do Profeta, jamais deixou de provocar lutas encarniçadas entre os muçulmanos. Até mesmo para os homens de Estado como Saladino, a luta contra os xiitas parecerá pelo menos tão importante quanto a guerra contra os Franj<sup>161</sup>.

As terras islâmicas começaram a se fragmentar politicamente a partir do século VIII, deste momento em diante o poder centralizado do califado abássida se enfraqueceu à medida que governantes regionais foram ganhando ainda mais poder, resultando no surgimento de regimes politicamente independentes da capital Bagdá. O governo de Bagdá foi tomado por soldados mamelucos no século IX; pelos buídas (chefes militares do mar Cáspio) no século X; e pelos turcos seljúcidas no século XI. Nestes contextos o “a atuação do califado abássida era mais simbólica” e os dirigentes que tomaram o poder de Bagdá eram chamados de sultões e não de califas<sup>162</sup>.

Percebemos que de todos os lados havia crises, turbulências e transformações. O Oriente também estava em um cenário de disputas e guerras, nesse contexto a religião acentuava e definia as divisões culturais e nenhum desses grupos (cristãos, judeus, muçulmanos) possuíam uma total unidade. A situação dos não-muçulmanos se tornara também difícil nas décadas de 1070-1080, as fontes árabes registram tensões em Jerusalém, Antioquia e por quase todo território do Oriente

<sup>158</sup> TYERMAN, C. **Las guerras de Dios**. Una nueva historia de las Cruzadas. Barcelona: Crítica, 2010, p. xiii.

<sup>159</sup> *Idem*. **The Crusades**: a very short introduction. New York: Oxford University Press, 2004, p. 50.

<sup>160</sup> MILHOMEM, T. D. P. **A peregrinação a Meca em tempos de Cruzadas**: o testemunho de Ibn Jubayr (século XII). 2018. 187f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018, p. 62.

<sup>161</sup> MAALOUF, A. **As Cruzadas vistas pelos árabes**. Lisboa: Edições 70, 2013, p. 62-63.

<sup>162</sup> MILHOMEM, T. D. P. **A peregrinação a Meca em tempos de Cruzadas**: o testemunho de Ibn Jubayr (século XII). 2018. 187f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018, p. 60-62.

Médio. Um comentarista árabe de Aleppo registra que povos dos portos da Síria impediram cristãos peregrinos latinos e gregos de chegarem até Jerusalém<sup>163</sup>.

Os conflitos atingiam tanto Ocidente como Oriente, tanto o contexto de formação da idade de Cruzada quanto o contexto em que a expedição se desenrolou estavam propícios para a guerra. É discutível que a Cristandade tenha saído mais unida das Cruzadas<sup>164</sup>, aliás, podemos propor que o inverso aconteceu e as guerras da cruz agravaram a rivalidade e o cisma dos cristãos latinos e dos cristãos orientais. A paz permanente não foi uma realidade deste ambiente medieval, por um breve momento entre 1098 e 1291, tréguas e alianças floresceram entre cristãos e muçulmanos no Oriente Médio, embora as guerras fossem uma realidade constante. Contudo, parte do Reino de Jerusalém por volta do século XII eram mais pacíficas do que Inglaterra, França e Itália<sup>165</sup>

A Europa retirou “benefícios temporais” em dois séculos de “intercâmbio entre um Ocidente em pleno despertar e um Oriente de costumes mais refinados e de riquezas as mais diversas”<sup>166</sup>. Em meio ao caos, a violência e a guerra interações aconteceram, nem o Ocidente nem o Oriente saíram os mesmos no desfecho das Cruzadas. Sabemos que trocas culturais deste período formaram importantes componentes da cultura europeia, o Oriente cultural parecia estar mais próximo do Ocidente do que o Oriente geográfico. Inclusive no âmbito intelectual, o próprio Renascimento do século XII pode ter ocorrido graças a intensa movimentação de intelectuais cristãos, muçulmanos e judeus e não só isso, mas também a sua interação em trabalhos de tradução, como a obra de Aristóteles e outras obras da Antiguidade<sup>167</sup>.

Desde a Antiguidade o Oriente foi um lugar/espço exótico, de localidades que eram buscadas obsessivamente, de experiências notáveis para aqueles que viajassem ou peregrinassem para lá. A ideia de um Oriente “outro” é uma ideia construída historicamente, diferenças culturais e étnicas sempre estiveram presentes também no Ocidente. A questão é que essa relação quase dicotômica desses dois lugares geográficos e culturais se baseia em uma relação de poder, de dominação<sup>168</sup>. Seria muito difícil sabermos exatamente o pensamento medieval a respeito de um ou de outro, é uma tarefa árdua prescrutar o imaginário. O que podemos afirmar é a existência de

<sup>163</sup> FRANKOPAN, P. **The First Crusade: the call from the east**. Cambridge / Massachusetts: Harvard University Press, 2012, p. 21.

<sup>164</sup> PIERRARD, P. **A história da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1982, p. 109.

<sup>165</sup> TYERMAN, C. **The Crusades: a very short introduction**. New York: Oxford University Press, 2004, p. 111-112.

<sup>166</sup> PIERRARD, P. **A história da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1982, p. 108.

<sup>167</sup> SILVEIRA, A. D. Cristão, Muçulmanos e Judeus na Medievalística alemã: reflexões “para um novo conceito de Idade Média”. **Revista Aedos**, [s. l.], v. 2, n. 2, 2009, p. 404-405.

<sup>168</sup> SAID, E. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 13-17.

interações políticas, comerciais e culturais entre as diferentes civilizações do Ocidente e do Oriente. Por algumas vezes essas interações envolveram conflitos e guerras, mas ainda assim trocas culturais e intelectuais ocorriam.

Fragmentação política e religiosa, condições econômicas e sociais tanto no Oriente quanto no Ocidente asseguraram o terreno propício para que a ideia de Cruzada se formasse e fosse posta em prática. Por todo esse ambiente, as Cruzadas são bem mais do que guerras em busca de poder político ou posse de terras, as guerras cruzadísticas possuem outras faces que a complementam, faces que envolvem a piedade e o sentimentalismo religioso, é sobre estas outras faces do âmbito religioso que discutiremos a seguir.

### **2.3 Guerra santa e penitencial, peregrinação, indulgências e remissão dos pecados**

*“A cruzada é, de fato, ao mesmo tempo uma peregrinação, uma guerra santa e uma penitência satisfatória.”<sup>169</sup>*

As Cruzadas não se constituem como uma guerra comum, em um primeiro momento discutimos o desenvolvimento da noção de guerra santa e como essa noção sacralizada da violência se transformou em Cruzada. Apesar das Cruzadas se constituírem como guerras santas, elas possuem elementos muito característicos que não aparecem em outros conflitos bélicos realizados pelos cristãos. Na citação acima de Jean Flori, notamos que essas expedições reúnem em si um conjunto de elementos bélicos e religiosos, além dos embates militares as Cruzadas são uma peregrinação, uma caminhada dotada de sentimentos e simbolismos religiosos com direção a um lugar sagrado. Se constituem também como uma forma de penitência para a remissão dos pecados, uma oportunidade de livrar-se da culpa e da pena das ofensas cometidas a Deus.

---

<sup>169</sup> FLORI, J. A **Cavalaria**: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média. São Paulo: Madras, 2005, p. 136.

Neste contexto medieval, peregrinação, remissão dos pecados, penitência e indulgência são aspectos religiosos que se misturam e se fundem. A remissão dos pecados vem por meio da confissão, das penitências e das indulgências, estas por sua vez podem ser cumpridas e lucradas por meio de uma peregrinação. Alguns ou a maioria dos peregrinos não toma os longos caminhos de fé somente para visitar um lugar sagrado, algumas vezes a peregrinação foi uma penitência imposta pelo confessor ou ainda, se busca a peregrinação com a intenção de pagar ou compensar os seus pecados por conta própria.

Este tópico não visa estabelecer discussões teológicas a respeito destes elementos, mas sim analisar a relação destes com as Cruzadas, buscando entender como a remissão dos pecados, as penitências e indulgências e a possibilidade da peregrinação, se tornaram motivações para essas expedições ao Oriente e como se tornaram aspectos característicos deste tipo de guerra.

É sabido que a maior parte dos participantes das Cruzadas eram não-combatentes, pessoas humildes, servos e agricultores que acompanharam a marcha dos soldados<sup>170</sup>. Soldados ou não, para além das motivações militares, de poder ou liberdade, busca pela possibilidade de terras e uma nova vida, todas essas pessoas tinham também as motivações religiosas. Há com toda certeza razões políticas, econômicas e demográficas, mas não podemos excluir a dimensão religiosa das Cruzadas.

### *2.3.1 Remissão dos pecados por meio de penitências e indulgências*

Destacamos que seria importante nos debruçarmos sobre a noção de pecado ao longo da Idade Média e suas especificidades a partir do século X, já que a Idade Média Central se constitui como um período de reformas e transformações políticas, sociais e religiosas, contudo uma discussão ampla como essa não encontra espaço em um breve trabalho monográfico. Portanto, nossa discussão não irá tratar do que se constitui pecado e sua concepção medieval, mas sim da busca pela sua remissão, pelo livrar-se da culpa e da pena por meio de algumas práticas que são denominadas como penitências e indulgências. As penitências constituíam práticas de autopunição, jejuns, peregrinação ou autoflagelação como remissão dos pecados cometidos<sup>171</sup>, sobre as indulgências, explicaremos em seguida.

<sup>170</sup> KOSTICK, C. Courage and cowardice on the First Crusade, 1096–1099. **War in History**, v. 20, n. 1, p. 32-49, 2013, p. 1.

<sup>171</sup> RILEY-SMITH, J. **As Cruzadas**: uma história. Campinas: Ecclesiae, 2019, p. 51.

Em segundo lugar, é importante diferenciarmos os termos ‘culpa’ e ‘pena’ sobre a noção de pecado. Perdão ou livramento da culpa é o que acontece por meio da confissão, penitência e absolvição, livrando o fiel da culpa do pecado cometido. Entretanto, a pena que incide sobre tal pecado deveria ser paga após a morte (o tempo no Purgatório<sup>172</sup> seria o responsável por esse livramento da pena), a indulgência aliada à confissão e penitência é o perdão e livramento desta pena, em outras palavras, as indulgências plenárias se constituem como o perdão da pena de todos os pecados cometidos, uma remissão completa de todos os pecados. Entretanto, no período da Primeira Cruzada a ideia de Purgatório ainda não havia se consolidado e as indulgências faziam referência à pena somente dos pecados confessados<sup>173</sup>, indulgência e Purgatório foram ideias que se desenvolveram juntas.

Pelo contexto de violência, muitos homens da nobreza estavam cientes de que “tinham sangue em suas mãos, e que, com toda a probabilidade, pagariam por isso com a condenação eterna”, era uma elite guerreira muito preocupada com seus pecados<sup>174</sup>, com certeza estariam dispostos a qualquer tipo de reparação ou penitência ao seu alcance que os pudesse livrar se não da culpa neste mundo, mas da condenação eterna. Urbano II (1042-1099) entrega a estes homens a possibilidade de salvarem suas almas por meio de uma peregrinação que ainda lhes garantia a possibilidade de guerrear, o ímpeto bélico não seria mais um sinônimo de pecado, mas uma possibilidade de salvação se exercido a pedido do Papa e em favor da Igreja e dos cristãos. Uma carta de Urbano II aos fiéis de Flandres revela claramente que a expedição para Terra Santa tem em seu íntimo a oportunidade da remissão dos pecados:

Urbano, bispo, servo dos servos de Deus, a todos os fiéis, príncipes e súditos, que se encontram em Flandres; saudação, graça apostólica e bênção. Sua irmandade, acreditamos, tomou conhecimento com muitos relatos que uma fúria bárbara deploravelmente afligiu e devastou as igrejas de Deus em terras orientais. Mais do que isso, blasfemo dizer, apoderaram-se e impuseram intolerável servidão às igrejas e da Cidade Santa de Cristo, glorificada por sua Paixão e Ressurreição. Sofrendo com piedosa preocupação por esta calamidade, viajamos pelas regiões da Gália e nos dedicamos em grande parte a exortar seus príncipes e súditos a libertar as igrejas do Leste. Nós vos convocamos solenemente no Concílio de Auvergne [a realização de] para tal empreendimento, **como oportunidade para a remissão de todos os seus pecados**. Constituímos nosso filho muito amado, Adhemar, bispo de Puy, líder desta expedição e ordenador em

<sup>172</sup> Ver LE GOFF, J. **O nascimento do purgatório**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

<sup>173</sup> FLORI, J. **Guerra santa**: formação da ideia de Cruzada no Ocidente cristão. Campinas: Editora Unicamp, 2013, p. 326.

<sup>174</sup> HARRIS, J. **Byzantium and the Crusades**. London / New Delhi / New York / Sydney: Bloomsbury, 2014, p. 59.



nosso lugar, para aqueles que, porventura, desejem participar desta viagem, cumpram suas ordens como se fossem nossas [do papa Urbano II], e submeterem-se totalmente às suas decisões, na medida em que lhe pertence este ofício [missão]. Se, além disso, houver alguém do povo a quem Deus tenha inspirado a este voto, saibam [os informem] que ele [Adhemar] partirá com a ajuda [sob a proteção] de Deus no dia da Assunção de Maria Santíssima, e que eles poderão então se juntar aos outros que o seguem<sup>175</sup> [se unir aos que marcham] [tradução e grifos nossos].

Além de remir os seus pecados, a morte na Cruzada garantia a salvação por meio do martírio, uma morte louvável e gloriosa aos olhos dos cristãos para aqueles que morreram pela fé<sup>176</sup>. Quando Urbano II prometeu aos cavaleiros e nobres a remissão de seus pecados, era o mesmo que prometer a eles a garantia de sua salvação, esse fato adentra à sensibilidade religiosa das pessoas, é bem provável que muitos desses homens matariam pela promessa ou garantia da salvação. De uma forma ou de outra, a violência não foi questionada, foi usada a favor da Igreja e dos interesses do Papa.

A ideia de uma penitência militar servia para justificar a ação violenta das Cruzadas<sup>177</sup>, além disso a disponibilidade e o empenho de ir a Jerusalém para lutar pela Igreja, pelos cristãos, sem o desejo de ganhar outras honras, ou seja, simplesmente pela fidelidade a fé e devoção, garantia a estes a possibilidade de substituir as penitências por esta viagem. A expedição para Jerusalém pode ser definida como uma “peregrinação armada” motivada pelo entusiasmo de “se arrepender de seus pecados”<sup>178</sup>.

---

<sup>175</sup> Carta de Urbano II aos habitantes de Flandres. In: **CHRONICLES OF THE FIRST CRUSADE**. Introduction, edited and notes by Christopher Tyerman. Penguin Classics, 2012, [n.p.] (epub).

“Urban, bishop, servant of the servants of God, to all the faithful, both princes and subjects, waiting in Flanders; greeting, apostolic grace, and blessing.

*Your brotherhood, we believe, has long since learned from many accounts that a barbaric fury has deplorably afflicted and laid waste the churches of God in the regions of the orient. More than this, blasphemous to say, it has even grasped in intolerable servitude its churches and the Holy City of Christ, glorified by his Passion and Resurrection. Grieving with pious concern at this calamity, we visited the regions of Gaul and devoted ourselves largely to urging the princes of the land and their subjects to free the churches of the east. We solemnly enjoined upon them at the Council of Auvergne [the accomplishment of] such an undertaking, as a preparation for the remission of all their sins. And we have constituted our most beloved son, Adhemar, bishop of Puy, leader of this expedition and undertaking in our stead, so that those who, perchance, may wish to undertake this journey should comply with his commands as if they were our own, and submit fully to his loosings or bindings, as far as shall seem to belong to such an office. If, moreover, there are any of your people whom God has inspired to this vow, let them know that he [Adhemar] will set out with the aid of God on the day of the Assumption of the Blessed Mary, and that they can then attach themselves to his following.”*

<sup>176</sup> TYERMAN, C. **The Crusades**: a very short introduction. New York: Oxford University Press, 2004, p. 14-16.

<sup>177</sup> SALLES, B. T. **A conquista do Paraíso se faz pela guerra**: São Bernardo de Claraval e sua concepção acerca da luta e da cavalaria (1090-1153). Dissertação (Mestrado). Mestrado em História e Cultura Política. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008, p. 86.

<sup>178</sup> FRANKOPAN, P. **The First Crusade**: the call from the east. Cambridge / Massachusetts: Harvard University Press, 2012, p. 102.

Percebemos essa realidade também em Guiberto de Nogent (1055-1125), o trecho a seguir é uma fala apologética, típica de uma escrita monástica do século XII<sup>179</sup>, o foco na fala de Guiberto poderia ser a misericórdia divina que não permitiria que esses cavaleiros recebessem a condenação, e por isso, instituiu uma forma de guerra que poderia salvá-los<sup>180</sup>.

As indulgências<sup>181</sup> foram uma grande novidade e motivação para a remissão dos pecados no período das Cruzadas. O verbo *indulgere* pode significar ‘ser bondoso’, ‘complacente’, ‘condescender’, ‘cuidar de’, ‘conceder’ ou ‘ter clemência’, enquanto o substantivo *indulgentia* pode significar ‘bondade’, ‘complacência’, ‘brandura’ e ‘benefício’. A doutrina das indulgências foi sistematizada apenas no Concílio de Trento no século XVI<sup>182</sup>, mas ao longo da história do cristianismo algumas práticas foram aos poucos estabelecidas e possuíam este mesmo valor das indulgências, e essas, ocorreram no período das Cruzadas.

De acordo com Hortal, na Alta Idade Média surgiu uma prática denominada ‘redenção das penitências’ que eram impostas pelos confessores e representavam penitências mais severas do que aquelas estabelecidas nos livros penitenciais. A partir do século XI<sup>183</sup> essa prática se tornou mais comum e começou a ser oferecida “como sufrágios em favor dos defuntos e apareceu a terminologia propriamente dita das *indulgências*”, em seguida na Baixa Idade Média essa prática se sistematizou de uma maneira mais doutrinária e surge a distinção entre indulgência parcial e plenária. Bonifácio VIII, em 1300 instituiu o primeiro ano santo que incluía a concessão de indulgências, uma prática que permanece até os dias atuais<sup>184</sup>.

<sup>179</sup> Ver SPINA, S. **A cultura literária medieval**: uma introdução. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

<sup>180</sup> “[...] instituit nostro tempore praelia sancta Deus, ut ordo equestris et vulgus oberrans, qui vetustae paganitatis exemplo in mutuas versabantur caedes, novum reperirent salutis promerendae genus [...]”. GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. **Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per Francos [...]**. Omnia studio et opera D. Lucae d’Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica), Prefácio.

<sup>181</sup> Ver também: Verbete sobre “*Indulgences*” no livro *Dictionnaire de Theologie Catholique* (1920); **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja Católica** de Heinrich Denzinger (1819-1883); *Bula Incarnationis mysterium* (O mistério da Encarnação) do papa João Paulo II (1920-2005), itens 9 e 10, disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/bulls/documents/hf\\_jp-ii\\_doc\\_19981129\\_bollaincarnationismysterium.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/bulls/documents/hf_jp-ii_doc_19981129_bollaincarnationismysterium.html)>; *Enchiridion Indulgentiarum (Decretum)* (Decreto – Compêndio das Indulgências) quarta edição de 1999, disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/tribunals/apost\\_penit/documents/rc\\_trib\\_appen\\_doc\\_20020826\\_enchiridion-indulgentiarum\\_it.html](https://www.vatican.va/roman_curia/tribunals/apost_penit/documents/rc_trib_appen_doc_20020826_enchiridion-indulgentiarum_it.html)>.

<sup>182</sup> Atualmente o Código de Direito Canônico, no cân. 992 define que a indulgência é a “remissão, diante de Deus, da pena temporal devida pelos pecados já perdoados quanto à culpa, que o fiel, devidamente disposto e em certas e determinadas condições, alcança por meio da Igreja”. **CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO**. Promulgado por João Paulo II, tradução CNBB. São Paulo: Loyola, 1987.

<sup>183</sup> De acordo com Enrico dal Covolo (1950-), uma lista dessas indulgências concedidas na Idade Média Central está entre as páginas 132 a 211 do livro *Geschichte des Ablasses im Mittelalter* de Nikolaus Paulus (1853-1930).

<sup>184</sup> HORTAL, J. **Os sacramentos da Igreja na sua dimensão canônico-pastoral**. 6ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2015, p. 191. (Série Igreja e Direito)

Existe uma diferença entre uma forma diferente ou mais avançada de remissão dos pecados ligada a Confissão ou Sacramento da Penitência e uma indulgência em si. Mas é de fato a partir do século XI que as indulgências, nesta terminologia e sentido, começaram a ser concedidas pela Igreja<sup>185</sup>. Nos séculos XI e XII a ‘redenção’ se transformou em ‘indulgência’, papas como Alexandre II (1015-1073), Urbano II (1042-1099), Eugênio III (1088-1153) e Gregório VIII (1100-1187) estabeleceram indulgências especialmente para os cruzados. A partir disso, poderíamos, portanto, supor que o movimento das Cruzadas contribuiu para o desenvolvimento doutrinário do que seriam as indulgências, ou poderíamos dizer ainda que as indulgências surgiram com as Cruzadas e em favor delas, como uma forma de motivação para que as pessoas partissem na expedição.

Nesse sentido, a Cruzada foi definida como guerra penitencial, uma alternativa às penitências impostas pelos confessores, isso colocava o ato de lutar “no mesmo plano de mérito que a oração, as obras de caridade e o jejum”<sup>186</sup>. Uma possibilidade de penitência era também a peregrinação.

### 2.3.2 Peregrinação

*“Foi o objetivo de Jerusalém que fez da cruzada uma peregrinação. Não há dúvida de que Urbano pregou a cruzada em Clermont como uma peregrinação e muitas das medidas que ele tomou a alinharam com as práticas de peregrinação”<sup>187</sup>*

Jerusalém é e foi desde o século IV o local de peregrinação por excelência, a tradição iniciada por Santa Helena contribuiu para que o sonho de todo peregrino medieval (e até de nossos dias) fosse visitar a Terra Santa. Peregrinar a Jerusalém, Roma, Santiago de Compostela, Alexandria ou qualquer outro lugar santo constitui para o fiel uma “experiência mística de grande

<sup>185</sup> COVOLO, E. dal [*Pontificio Comitato di Scienze Storiche*]. **The Historical Origin of Indulgences**. Vatican City: L'Osservatore Romano, 1999. [n.p.].

<sup>186</sup> RILEY-SMITH, J. **As Cruzadas**: uma história. Campinas: Ecclesiae, 2019, p. 72.

<sup>187</sup> *Idem*. **The First Crusade and the idea of Crusading**. London/New York: Continuum, 2003, p. 22.

valor”<sup>188</sup>, é a possibilidade de se alcançar o que normalmente é inalcançável, a experiência caminhar pelos espaços que Jesus, os apóstolos e outros santos teriam percorrido e colocar as mãos nas relíquias que tornaram a experiência da fé acessível – sobre as quais discutiremos no último tópico do capítulo 2. Tratar de peregrinação é, mais uma vez, lidar com as sensibilidades religiosas.

A palavra *peregrinus* no latim pode significar ‘aquele que caminha por terras estrangeiras’, aliado ao verbo *peragro* que significa ‘atravessar pelos campos’, uma peregrinação é sempre um movimento de saída, de transposição de uma realidade à outra, seja ela realmente física ou religiosa. Peregrinações acontecem em diversas religiões, elas representam a busca do ser humano pelo sagrado. A peregrinação cristã é sem dúvida herdeira de uma tradição judaica que peregrinava ao Templo em Jerusalém, por ocasião da festa da Páscoa<sup>189</sup>. O peregrino se dispõe por motivações diversas a tomar o que lhe é mais necessário e partir, pela sua fé, sob a providência divina a um lugar santo. Uma dessas motivações, considerando o contexto medieval, é sobretudo o entendimento da peregrinação como forma de remissão dos pecados<sup>190</sup>, que por sua vez é elemento importante na espiritualidade leiga, popular, das massas<sup>191</sup>.

Levando em consideração a centralidade de Jerusalém na fé cristã medieval, a destruição do Santo Sepulcro teve uma enorme reverberação entre os peregrinos. Sentimentos de tristeza, vingança, justiça podem ter tomado estas pessoas, tornando a peregrinação, a possibilidade do aumento dessa prática e a retomada destes lugares, elementos importantes para a propaganda das Cruzadas<sup>192</sup>, corroborando com a afirmação de Riley-Smith de que a Cruzada também foi pregada como uma peregrinação. É concomitante ao período da Primeira Cruzada um aumento nas movimentações humanas, seja pelo comércio, navegações, contatos com a finalidade de conhecimento<sup>193</sup>. Além disso, sabemos que um dos resultados da Primeira Cruzada foi justamente

<sup>188</sup> NASCIMENTO, R. C. S. Nos passos de Cristo e de seus apóstolos: relatos de viagem e peregrinações. In: FRANÇA, S. S. L.; NASCIMENTO, R. C. S.; LIMA, M. P. *Peregrinos e peregrinação na Idade Média*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 74.

<sup>189</sup> Exemplo disso, as diversas menções nos Evangelhos sobre a festa da Páscoa. Um dos exemplos é a cena bíblica em que Jesus se perde dos seus pais durante uma destas peregrinações a Jerusalém, Cf. Lucas 2, 41-52. **BÍBLIA DE JERUSALÉM**. São Paulo: Paulus, 2017. (12ª reimpressão).

<sup>190</sup> FRANÇA, S. S. L. Peregrinos e centros de peregrinação. In: FRANÇA, S. S. L.; NASCIMENTO, R. C. S.; LIMA, M. P. *Peregrinos e peregrinação na Idade Média*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 28.

<sup>191</sup> NASCIMENTO, R. C. S. Nos passos de Cristo e de seus apóstolos: relatos de viagem e peregrinações. In: FRANÇA, S. S. L.; NASCIMENTO, R. C. S.; LIMA, M. P. *Peregrinos e peregrinação na Idade Média*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 118.

<sup>192</sup> CAHEN, C. *Oriente y Occidente en tiempos de las cruzadas*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2016, p. 21.

<sup>193</sup> Ver FRANKOPAN, P. *O coração do mundo: uma nova história universal a partir da Rota da Seda, o encontro do Oriente com o Ocidente*. São Paulo: Planeta, 2019.

o aumento das peregrinações<sup>194</sup>, resultado também de transformações espirituais, reformas religiosas e a preocupação escatológica com o findar do primeiro milênio.

Alcançar os lugares sagrados significava se inserir em tempo transcendental<sup>195</sup> estar em Jerusalém representava mais do que visitar uma importante sé cristã, era se sentir inserido nos cenários e nas cenas bíblicas, reviver por meio dos ritos e celebrações uma memória religiosa de grande importância. Cada espaço sagrado possibilitava aos peregrinos rituais, havia um caminho a seguir como continuidade daquele longo caminho iniciado em suas terras, ou seja, qual igreja visitar primeiro, qual cena da vida de Jesus contemplar. O peregrino assumia o caminho rumo ao lugar sagrado que desejava visitar, como alusão do seu caminho rumo ao Paraíso, e, se compreendermos a peregrinação como uma possibilidade de remissão dos pecados, de fato, o caminhar era para o peregrino um caminhar para a salvação. À Cruzada foi acrescida essa noção de peregrinação.

De acordo com a narrativa cristã havia dificuldades para a peregrinação à Terra Santa desde o século VIII devido à presença muçulmana, leis e proibições por parte dos califados impediam o livre acesso aos lugares santos. Retirar e/ou dificultar o acesso dos cristãos ao seu lugar santo por excelência – Jerusalém – pode ter contribuído para motivar as pessoas a compactuarem com a expedição cruzadística, somado ao encorajamento dos papas em oferecer indulgências aqueles que durante a expedição visitassem determinados lugares na Terra Santa<sup>196</sup>. Outro elemento que corrobora com a ideia de que a Cruzada foi pregada também como uma peregrinação, e que se vincula à remissão dos pecados, é justamente o papel que desempenhava a peregrinação como a “forma suprema” de penitência<sup>197</sup>.

Nesse sentido, entendemos que a peregrinação fazia parte da religiosidade e da espiritualidade da Cristandade medieval, era algo de grande valor e em certa medida comum – àqueles que possuíam as condições. Isso significa que, acrescentar à peregrinação a oportunidade da remissão dos pecados, seja por meio das indulgências ou a substituição das severas penitências

<sup>194</sup> NASCIMENTO, R. C. S. Viagens Reais e Imaginadas: dois olhares sobre a Terra Santa. **Revista de História Comparada** (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 08-20, 2018, p. 10.

<sup>195</sup> NASCIMENTO, R. C. S. Nos passos de Cristo e de seus apóstolos: relatos de viagem e peregrinações. In: FRANÇA, S. S. L.; NASCIMENTO, R. C. S.; LIMA, M. P. **Peregrinos e peregrinação na Idade Média**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 116.

<sup>196</sup> SOT, M. Peregrinação. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J.C (orgs.). **Dicionário analítico do Ocidente medieval**. (Vol. 2). São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 398-399.

<sup>197</sup> FLORI, J. **Guerra santa**: formação da ideia de Cruzada no Ocidente cristão. Campinas: Editora Unicamp, 2013, p. 20.

por ela, foi de forma estratégica mais uma motivação para que as pessoas aderissem às Cruzadas, especialmente os cavaleiros e nobres. Os cruzados se tornaram peregrinos armados, ganharam uma posição de status superior à dos peregrinos<sup>198</sup>.

Além do seu fator penitencial, o estudo sobre as peregrinações é amplo. A sua caracterização enquanto um fenômeno da vida espiritual das massas, ou seja, da religiosidade popular medieval e que “transbordava os limites obrigatórios da instituição eclesiástica, e até do dogma cristão”<sup>199</sup>; os inúmeros benefícios espirituais que eram lucrados através das peregrinações; o seu papel na diminuição das distâncias entre Ocidente e Oriente, permitindo trocas culturais que por sua vez possibilitaram uma “flexibilidade identitária”<sup>200</sup>. O desenvolvimento de uma liturgia das peregrinações<sup>201</sup> e o aspecto escatológico do caminhar do peregrino e a sua relação com uma memória sagrada<sup>202</sup>; o status dos peregrinos, quem eram eles, suas insígnias<sup>203</sup>.

Os cruzados foram sem dúvida peregrinos, apesar de um movimento bélico as motivações religiosas não podem ser olvidadas, e nesse sentido, é consenso que as Cruzadas não só foram tratadas como peregrinação, mas se constituem como uma. O apreço pelos lugares santos, uma topografia bíblica, a necessidade de reviver as cenas sagradas e tocar os objetos que materializavam a fé, era uma forma de alcançar a Deus. A Cruzada se constitui como um fenômeno e movimento de características particulares, foram ao mesmo tempo uma guerra, uma peregrinação, uma forma de penitência e remissão dos pecados. Ora, alguns morrem pela guerra, outros possuem a sua alma salva por ela, essa é a ambiguidade das Cruzadas.

<sup>198</sup> Um sermão alemão do século XIII define: 1- Papa; 2- Cardeais; 3- Patriarcas; 4- Bispos; 5- Prelados; 6- Monges; **7- Cruzados**; 8- Conversos; 9- Monges giróvagos; 10- Sacerdotes Seculares; [...] 15- Imperador; 16- Reis; [...] 25- Camponeses obedientes; 26- Camponeses rebeldes; 27- Mulheres; 28- Irmãos pregadores. In: LE GOFF, J. **A civilização do Ocidente medieval**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

<sup>199</sup> VAUCHEZ, A. **A espiritualidade na Idade Média ocidental**: (séculos VIII a XIII). Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1995, *passim*.

<sup>200</sup> NASCIMENTO, R. C. S. Viagens Reais e Imaginadas: dois olhares sobre a Terra Santa. **Revista de História Comparada** (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 08-20, 2018, *passim*.

<sup>201</sup> GAPOSCHKIN, M. C. **Invisible Weapons**. Liturgy and the Making of Crusade Ideology. Ithaca and London: Cornell University Press, 2017, *passim*.

<sup>202</sup> FRANÇA, S. S. L. Peregrinos e centros de peregrinação. In: FRANÇA, S. S. L.; NASCIMENTO, R. C. S.; LIMA, M. P. **Peregrinos e peregrinação na Idade Média**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 26.

<sup>203</sup> SOT, M. Peregrinação. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J.C (orgs.). **Dicionário analítico do Ocidente medieval**. (Vol. 2). São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 395.

### 3. A PRIMEIRA CRUZADA NA NARRATIVA DE UM ABADE MEDIEVAL

*Os manuscritos de Guiberto são fontes inesgotáveis de estudo*<sup>204</sup>.

Até aqui fizemos um breve estudo sobre o que constitui uma Cruzada e algumas de suas características, ressaltando especialmente os contextos históricos do Oriente e do Ocidente que possibilitaram a formação da ideia de Cruzada, sua realização e as diversas motivações das pessoas que partiram nestas expedições. Neste capítulo, pretendemos analisar uma fonte específica da Primeira Cruzada que foi escrita por Guiberto de Nogent (1055-c.1125), intitulada *Dei gesta per Francos* (*As ações de Deus em favor dos [pelos] francos*). Propusemos uma leitura panorâmica do texto, destacando alguns elementos importantes e/ou diferenciais que o constituem como uma possibilidade de fonte histórica para a Primeira Cruzada.

Assim como no primeiro capítulo, não podemos deixar à margem o contexto no qual o autor viveu e escreveu. Momento de muitas transformações, de reformas religiosas, de expansão demográfica e desenvolvimento urbano, das crises e disputas políticas, da situação econômica e social, da influência do milenarismo e a preocupação escatológica, do aumento da movimentação humana, das trocas culturais e intelectuais, do pensamento e cultura monástica, de outros elementos religiosos que surgem e sofrem modificações neste período, falamos dos séculos XI e XII. Não podemos esquecer ainda de citar a Reforma Gregoriana, o Renascimento<sup>205</sup> do século XII, a Querela das Investiduras e claro, as Cruzadas.

De acordo com Spina<sup>206</sup>, podemos afirmar que as Cruzadas foram um movimento que gerou transformações significativas no Ocidente Medieval, talvez até mais do que no Oriente, por meio das trocas culturais. É possível que proposição de que as peregrinações tenham influenciado na

---

<sup>204</sup> GARAND, M.-C. Le scriptorium de Guibert de Nogent. **Scriptorium**, tome 31 n° 1, p. 3-29, 1977, p. 3.

<sup>205</sup> Renascimento do século XII precisa ser um termo com algumas ressalvas, já que este período evoca mais uma mudança do que um ressurgimento. BLOCH, M. **A sociedade feudal**. São Paulo, SP: Edipro, 2016, p. 118. Compreende dos finais do século XI até a tomada de Constantinopla pelos latinos no início do século XIII e precede as primeiras transformações e mudanças que do Renascimento do século XIV. HASKINS, C. H. **The renaissance of the twelfth century**. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1957, p. 6.

<sup>206</sup> SPINA, S. **A cultura literária medieval**: uma introdução. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007, p. 14.

própria identidade dos cristãos europeus<sup>207</sup> seja também aplicada às Cruzadas, ou seja, este contato com o ‘outro’ – cristãos orientais, judeus e muçulmanos – tenha seu papel na construção de uma identidade europeia ocidental, e talvez até o dito Renascimento do século XII, seja em grande parte resultado das trocas intelectuais entre Oriente e Ocidente.

Os sujeitos históricos sofrem as influências do contexto em que vivem, a realidade determina os olhares, impressões, preconceitos e posicionamentos das pessoas referente ao mundo ao seu redor. Para as mentes intelectuais da Idade Média, isso incide principalmente em suas escritas, na escolha dos referenciais, na formulação dos argumentos. O lugar de pertencimento é também algo a ser considerado, embora um clérigo e um monge compartilhem do mesmo imaginário religioso, a cultura de um clero urbano e a cultura monástica possuíam suas diferenças. Vemos que há vários elementos subjacentes ao estudo de qualquer fonte escrita medieval, não iremos nos atentar a essa discussão teórica, apenas ressaltar alguns aspectos de influência específicos na escrita de Guiberto de Nogent (1055-1125).

A partir do século XIX muitos estudos foram realizados sobre Guiberto de Nogent e seus escritos, compreendendo análises sobre seu vocabulário, aspectos biográficos e psico-históricos, elementos identitários e nacionalistas, sua concepção de história, a sua visão sobre os judeus, seu posicionamento em relação as relíquias etc. Esses estudos foram realizados na Alemanha, Brasil, Canadá, Estados Unidos, França, Grécia, Inglaterra, Itália, considerando a primeira edição das obras de Guiberto no século XVII, posteriormente séculos XIX a XXI. No Brasil, encontramos três estudiosos de Guiberto de Nogent: Carlile Lanzieri Junior, David Léo Levisky e João Gomes da Silva Filho. Além disso, como resultado de nossas pesquisas de Iniciação Científica, realizamos algumas publicações sobre este autor e suas obras.

### **3.1 Guiberto de Nogent, um abade no período das Cruzadas**

Guiberto de Nogent é uma personalidade misteriosa, enigmática, as vezes até obscura, há apenas uma gravura que o retrata nas primeiras páginas de sua obra sobre os profetas (Figura 5). Grande parte daquilo que conhecemos a seu respeito são informações provenientes de sua

---

<sup>207</sup> NASCIMENTO, R. C. S. Viagens Reais e Imaginadas: dois olhares sobre a Terra Santa. **Revista de História Comparada** (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 08-20, 2018, *passim*.



autobiografia intitulada *Monodies* ou *De vita sua*, escrita de uma maneira muito parecida às *Confissões* de Santo Agostinho (354-430):

Tu és grande, Senhor, e demais louvável. Grande é tua potência, e tua sabedoria é inumerável. [...] Faço minha confissão a ti, Senhor do céu e da terra, louvando-te pela minha origem e minha infância, que não lembro. [...] Quero lembrar minhas vergonhas passadas e as corrupções carnis da minha alma, não porque as ame, mas para te amar, meu Deus<sup>208</sup>.

Eu confesso à tua majestade, ó Deus, as inúmeras vezes que me afastei dos teus caminhos, mas as inúmeras vezes me tu me inspiraste a retornar. Confesso as minhas maldades da infância e juventude, que ainda me assombram na vida adulta. Confesso a minha profunda inclinação para a depravação<sup>209</sup> [tradução de Carlile Lanzieri Junior].

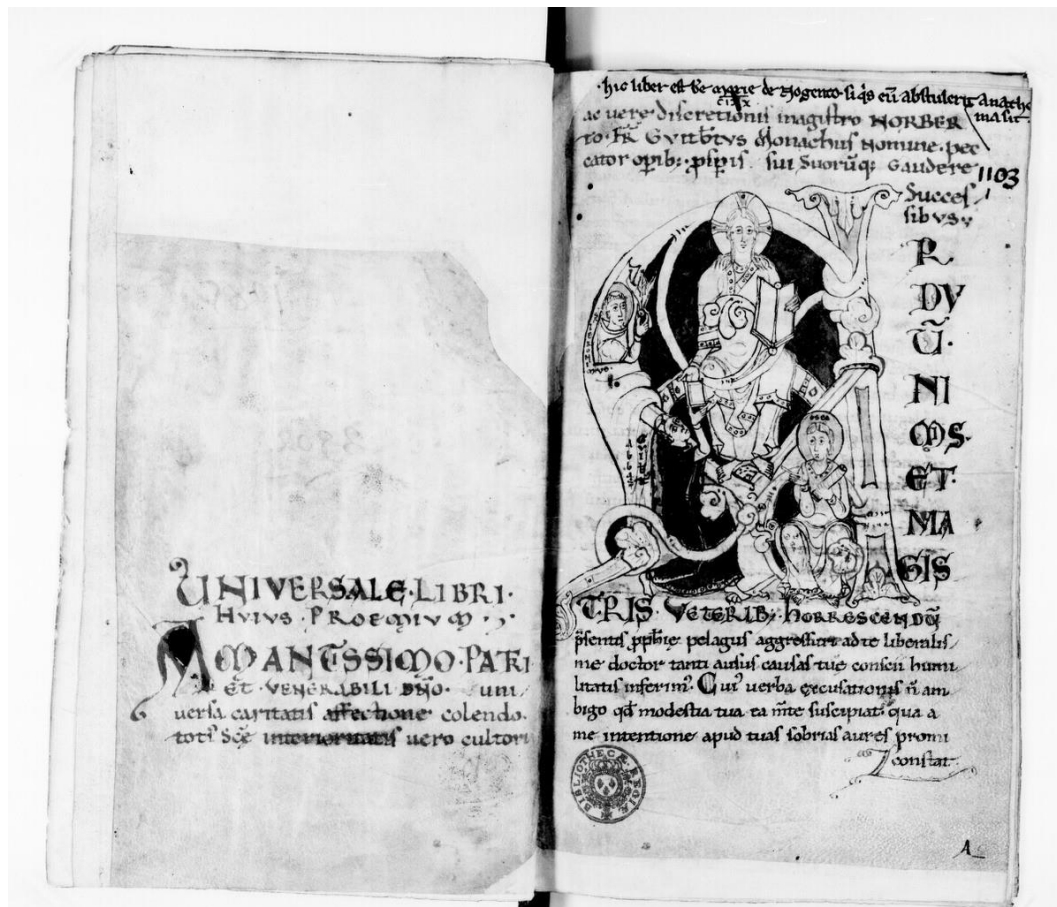
Encontramos aqui um evidente paralelo, podemos dizer que Guiberto se inspirou em Santo Agostinho, afirma a grandiosidade de Deus assumindo um tom condenatório sobre a sua própria vida, buscando uma aproximação de Deus a partir da denúncia e afastamento do pecado<sup>210</sup>. Da mesma maneira, como em sua obra autobiográfica Agostinho “faz uma análise de sua vida, sofrimentos, desejos, temores, sentimento de culpa, arrependimentos. Não só relata passagens de sua vida, mas também, e principalmente, o posicionamento filosófico, religioso e moral”<sup>211</sup>, a obra de Guiberto traz seu percurso de vida e espiritual.

<sup>208</sup> SANTO AGOSTINHO (354-430). *Confissões*. Tradução de Lorenzo Mammi – 1ª edição. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2017, Livro I, I, 1. 10. Livro II, I, 1.

<sup>209</sup> GUIBERT DE NOGENT. *Autobiographie*. Introduction, édition et traduction par Edmond-René Labande. Paris: Société d'Édition 'Les belles lettres', 1981, Livro I, Capítulo I.

<sup>210</sup> MÉTHÉ, X. M. *L'individu, le monastère et l'église*: représentations de la progression spirituelle dans les Monodiae de Guibert de Nogent au XIIe siècle. 2009. 119 folhas. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, Faculdade de Letras, Universidade de Laval, Québec, 2009, p. 23.

<sup>211</sup> LEVISKY, D. L. *Um monge no divã*. O adolescer de Guibert de Nogent (1055-1125?): uma análise histórico-psicanalítica. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004, p. 76.



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France, Département des Manuscrits, Latin 2502

**Figura 05:** Representação de Guiberto de Nogent. O abade é a figura de hábito preto que entrega para Jesus as suas obras, como que oferecendo/consagrando a ele a sua escrita. Fonte: Ms Lat. 2502. Biblioteca Nacional Francesa/BnF.

O termo *Monodies* é uma inspiração grega que pode significar cantar ou proclamar sozinho<sup>212</sup>, mas também pode referir a uma canção triste e melancólica que é entoada por uma única pessoa, indicando um trabalho profundamente pessoal<sup>213</sup>. Percebemos na autobiografia de Guiberto de Nogent (1055-1125) uma importante fonte para o estudo dos sujeitos medievais, abre espaço para a psico-história, para a religiosidade medieval e a cultura monástica, para aspectos da vida cotidiana dos séculos XI e XII, oferece material para estudo dos “elementos históricos do imaginário e da mentalidade medievais” de maneira geral<sup>214</sup>.

<sup>212</sup> KUPPER, J.-L. Guibert de Nogent, *Monodiae* – «Einzelgesänge»: Bekenntnisse und Memoiren eines Abtes aus Nordfrankreich, *Cahiers de civilisation médiévale* [en ligne], p. 250-251, 2020, p. 250.

<sup>213</sup> RUBENSTEIN, J. Introduction. In: GUIBERT OF NOGENT. *Monodies and On the Relics of Saints*. Introduction, traduction and notes by Jay Rubenstein. London: Penguin Classics, 2011, p. viii)

<sup>214</sup> LEVISKY, D. L. *Um monge no divã*. O adolescer de Guibert de Nogent (1055-1125?): uma análise histórico-psicanalítica. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004, p. 78.

Guiberto pertencia a uma família da baixa nobreza da Picardia. Nasceu em Beauvais, cidade próxima a Paris, provavelmente no ano de 1055. Seu destino à vida monástica foi definido no dia de seu nascimento. Seu pai se chamava Evrard e faleceu por ocasião de uma guerra quando Guiberto era ainda um bebê, deixando sua mãe viúva.

Afligida, por muito tempo, de grande dor e sua tortura aumentando à medida que se aproximava a hora, quando ela pensou que finalmente eu tinha chegado ao nascimento, em vez disso retornei para o útero. [...] Surgiu a necessidade de uma reunião e correram para o altar da Mãe do Senhor, para que aquela que foi e sempre será a única virgem a dar à luz, eles fizeram o seguinte voto e o deixaram como uma oferenda no altar de Nossa Senhora: se a criança fosse um menino, deveria ser consagrado como um clérigo no serviço de Deus e dos seus; se a criança fosse de sexo inferior, deveria ser dada a correspondente vocação religiosa<sup>215</sup> [tradução de Carlile Lanzieiri Junior].

Sua mãe contratou um mestre para que o educasse quando criança. Ao longo de sua autobiografia, Guiberto relata como este homem era rígido e exigia que ele tivesse uma formação muito sólida, sem descanso:

Não havia um dia, nenhum momento em que a mim fosse permitida uma folga. Era estudar, estudar e estudar, o tempo todo. Além disso, quando ele aceitou a minha tutela, não lhe foi permitido tomar conta de qualquer outro estudante. [...] Meu mestre era totalmente ignorante nas técnicas de composição ou métrica. Enquanto isso, eu era inundado todos os dias com saraivadas e surras. Esse homem estava tentando me forçar a aprender o que ele mesmo não podia me ensinar. [...] Pessoas que se chamam de professores deveriam encontrar maneiras de variar a educação das crianças e jovens [...] Suas punições eram injustas e excessivamente severas<sup>216</sup> [tradução de Carlile Lanzieiri Junior].

Guiberto escreveu sua autobiografia já no final da vida, provavelmente com mais de 60 anos, a recordação dessas memórias demonstra como a morte de seu pai e a sua rígida criação marcaram sua vida. Esses elementos de sua autobiografia se tornaram no século XX e XXI objetos de estudo da psico-história, alguns estudiosos argumentaram que o abade de Nogent possuía obsessões psicológicas decorrentes da morte do pai, da sua criação. Jonh Benton em sua obra *The personality of Guibert of Nogent* argumentou que ele sofria do complexo de Édipo. Kantor vê

<sup>215</sup> GUIBERT DE NOGENT. **Autobiographie**. Introduction, édition et traduction par Edmond-René Labande. Paris: Société d'Édition 'Les belles lettres', 1981, Livro I, Capítulo III.

<sup>216</sup> *Ibidem*, Livro I, Capítulo V.

Guiberto como um “clérigo cheio de culpa, assombrado por vívidas reminiscências sexuais de sua mãe, e pela terrível realidade castigadora da Virgem Maria”<sup>217</sup>.

Todos estes traumas psicológicos poderiam, por sua vez, explicar a atitude rígida e as acusações de Guiberto em relação aos outros<sup>218</sup>. Algo que veremos mais a frente com seu posicionamento em relação aos cristãos orientais, aos muçulmanos, judeus e as vezes até contra outros monges. De antemão, consideramos de grande valor as visões freudianas a respeito de Guiberto de Nogent (1055-1125), mas não consideramos que esta seja a única forma de análise e/ou explicação dos escritos e posicionamentos deste monge medieval, não podemos esquecer do próprio contexto, das mudanças e transformações contemporâneas a ele. Afinal como afirma Silva Filho, Guiberto recebe a influência da fundação de um estado anglo-normando, das Comunas e das Cruzadas<sup>219</sup>.

Guiberto ingressou na vida monástica na ordem dos beneditinos no mosteiro de Saint-Germer de Fly quando completou 12 anos, neste tempo foi discípulo de Anselmo de Bec (1033-1109) ou Santo Anselmo<sup>220</sup>. Ter um dos principais nomes da filosofia escolástica como mestre, deve tê-lo influenciado a se tornar não só um estudioso da Bíblia, mas também dos autores clássicos. Em todos os seus escritos Guiberto faz o uso recorrente de citações bíblicas, dos autores da patrística e de clássicos latinos como Vírgilio (70-19 a.C.), Ovídio (43 a.C. – 18 d.C.), Cícero (106-43 a.C.) e Horácio (65-8 a.C.). Foi devido a sua boa reputação<sup>221</sup> que Guiberto foi eleito abade de Notre Dame de Nogent em 1104 onde permaneceu até a sua morte em 1125 (Figura 06), abadia que pertencia a extinta diocese de Laon. Por um período de aproximadamente 2 anos, ele foi expulso de seu ofício, mas não explicou em sua autobiografia os motivos deste fato<sup>222</sup>.

<sup>217</sup> KANTOR, J. A psychol-historical source: the Memoirs of Abbot Guibert of Nogent. **Journal of Medieval History** 2, North-Holland Publishing Company, p. 281-304, 1976, p. 281.

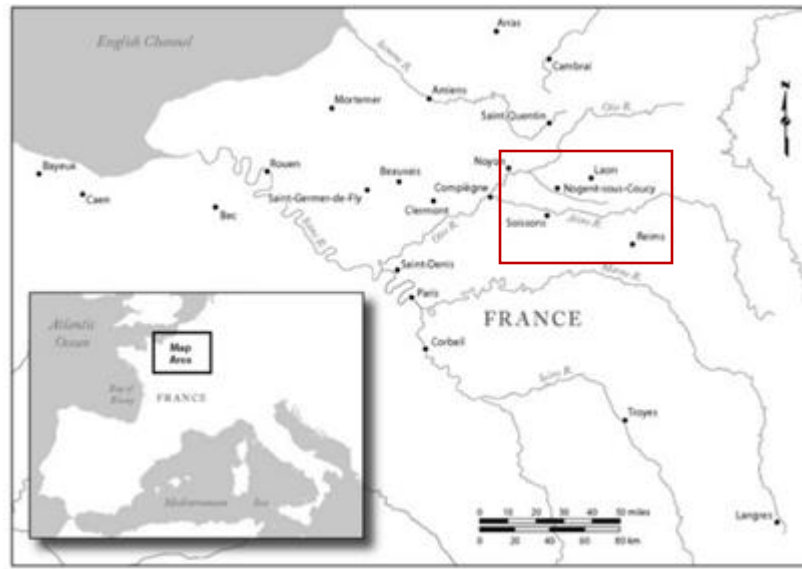
<sup>218</sup> SULKEY, E. Guibet of Nogent: The Development of Rhetoric from Anti-Judaism to Anti-Semitism. **Virginia Tech Undergraduate Historical Review** 5, p. 34-55, 2016, p. 36.

<sup>219</sup> SILVA FILHO, J. G. Guibert de Nogent (c.1055 - c.1125): entre História e exegese no século XII. **Varia Historia**, v. 24, n. 40, jul/dez, p. 569-590, 2008, p. 572.

<sup>220</sup> Conhecido também como Anselmo d’Aosta ou Anselmo da Cantuária. Pela tradição católica é considerado um Doutor da Igreja devido a importância de seus escritos. É um dos grandes nomes da filosofia escolástica, desenvolvendo teses para provar a existência de Deus. Ver KENT, William. St. Anselm. **The Catholic Encyclopedia**. Vol. 1. New York: Robert Appleton Company, 1907. 14 nov. 2022 <<http://www.newadvent.org/cathen/01546a.htm>>.

<sup>221</sup> THUROT, C. Etudes critiques cur les historiens de la Première Croisade: Guibert de Nogent. *Revue Historique*, T. 2, Fasc. 1, p. 104-111, 1876, p. 105.

<sup>222</sup> RUBENSTEIN, J. Introduction. *In: GUIBERT OF NOGENT. Monodies and On the Relics of Saints*. Introduction, traduction and notes by Jay Rubenstein. London: Penguin Classics, 2011, p. xi.



**Figura 06:** Destaque em retângulo vermelho as cidades de Soissons e Nogent-sous-Coucy, onde se encontravam as abadias de Saint-Médard e Notre Dame de Nogent, respectivamente. Imagem originalmente disponível em: GUIBERT OF NOGENT. *Monodies and On the relics of saints: the autobiography and manifesto of a French monk from the time of the crusades*. Translated by Joseph McAlhany and Jay Rubenstein; introduction and notes by Jay Rubenstein. New York, Penguin Classics, 2011.

De acordo com Deploige, *Monodies* de Guiberto de Nogent está junto a outros textos do mesmo contexto que não se enquadram a um gênero literário preciso que existisse na Idade Média, isso significa que ele e outros autores produziram textos “extremamente interessantes” para um estudo das emoções durante o século XII<sup>223</sup>. A obra abre espaço ainda para o estudo da ordem monástica e do próprio monasticismo medieval, sobre relações político-religiosas, sobre espaços sagrados<sup>224</sup>, sonhos visões e milagres<sup>225</sup>.

O século XII é marcado por uma tradição literária preocupada com o registro da memória, *Monodies* registra a memória pessoal de Guiberto, da abadia de Nogent, da Comuna de Laon, de algumas pessoas conhecidas dele. Em grande parte, este movimento ocorreu no interior dos mosteiros espalhados por toda Cristandade Ocidental, ambientes de estudos e interpretações da

<sup>223</sup> DEPLOIGE, J. Meurtre politique, guerre civile et catharsis littéraire au XIIe siècle. Les émotions dans l’œuvre de Guibert de Nogent et de Galbert de Bruges. In: BOQUET, D. et NAGY, P. *Politiques des émotions au Moyen Âge*. Firenze: Edizioni Del Galluzzo, 2010, p. 237. & MINAPETZOΠΟΥΛΟΣ, Γεώργιος. *Το Συναίσθημα Στον Guibert de Nogent*. 2017. Διπλωματική Εργασία. Τμήμα Ιστορίας, Αρχαιολογίας Και Κοινωνικής Ανθρωπολογίας - Σχολή Ανθρωπιστικών & Κοινωνικών Επιστημών, Πανεπιστήμιο Θεσσαλίας, 2017, p. 3.

<sup>224</sup> Em uma parte de *Monodies*, Guiberto conta a história de fundação da abadia de Notre Dame de Nogent. Recorda uma lenda que vincula a fundação da abadia com relíquias da Virgem Maria e dos apóstolos que foram trazidas por um rei bretão no início do cristianismo.

<sup>225</sup> KUPPER, J.-L. Guibert de Nogent, *Monodiae* – «Einzelgesänge»: Bekenntnisse und Memoiren eines Abtes aus Nordfrankreich, *Cahiers de civilisation médiévale* [en ligne], p. 250-251, 2020, p. 250.

Sagrada Escritura e de um “discurso historiográfico extremamente ativo”<sup>226</sup>. Isso poderia levantar a questão de definirmos Guiberto como um memorialista ou como um historiador, sendo uma questão ainda aberta. Chaurand<sup>227</sup> procurou estabelecer uma concepção de história em Guiberto, Garand diz que ele está distante de ser um cronista, é quase um historiador<sup>228</sup>, Kantor<sup>229</sup> o define como um historiador do século XII, enquanto Kupper o vê mais como escritor (a nível literário) do que um historiador<sup>230</sup>. Historiador ou não, Guiberto de Nogent é sem dúvida um monge teólogo, pregador, exegeta, estudioso de filosofia, um monge intelectual formado desde a sua infância.

A Idade Média produziu homens e mulheres de saber, em sua maioria membros do clero e das ordens religiosas, raros leigos. Ainda assim dentro do clero, nem todos eram intelectuais, o alto clero possuía a maior parcela de mentes eruditas. Guiberto fazia parte do alto clero, ocupando a posição de abade<sup>231</sup>. Este contexto dos séculos XI e XII é uma realidade na qual os monges, seus sermões e escritos eram responsáveis por mostrar o caminho para a Cristandade<sup>232</sup> os mosteiros possuíam um papel importante nessa sociedade: eram a fonte de conhecimento, dos estudos, registros, da memória tanto local quanto do cristianismo, lugar de riquezas temporais e espirituais. Essa importância dos mosteiros foi ainda mais corroborada e ampliada com a Reforma Gregoriana, cuja ideia era para que o clero fosse formado de fato por pessoas vocacionadas e em consequência disso, pudessem espiritualizar a sociedade como um todo<sup>233</sup>. O *modus vivendi* monástico deveria ser adotado também pelos leigos.

Duas coisas são essenciais para compreendermos o lugar de Guiberto de Nogent (1055-1125) nesta cultura intelectual-espiritual monástica. Em primeiro, o lugar da Sagrada Escritura, um apoiar-se no passado sagrado, nas ações de Deus na história humana. O Antigo Testamento era compreendido como a prefiguração e fundamentação do Novo, “nada que se possa afirmar é

<sup>226</sup> SILVA FILHO, J. G. Guibert de Nogent (c.1055 - c.1125): entre História e exegese no século XII. *Varia História*, v. 24, n. 40, jul/dez, p. 569-590, 2008, p. 570.

<sup>227</sup> CHAURAND, J. La conception de l'histoire de Guibert de Nogent (1053-1124). *Cahiers de civilisation médiévale*, 8e année (n°31-32), juillet-décembre, p. 381-395, 1965.

<sup>228</sup> GARAND, M-C. Introduction. GUIBERT DE NOGENT. Geste de Dieu par les Francs. Histoire de la première croisade. Introduction, traduction et notes par Monique-Cécile Garand. Turnhout: Brepols, 1998, p. 13.

<sup>229</sup> KANTOR, J. A psychol-historical source: the Memoirs of Abbot Guibert of Nogent. *Journal of Medieval History* 2, North-Holland Publishing Company, p. 281-304, 1976.

<sup>230</sup> KUPPER, J.-L. Guibert de Nogent, Monodiae – «Einzelgesänge»: Bekenntnisse und Memoiren eines Abtes aus Nordfrankreich, *Cahiers de civilisation médiévale* [en ligne], p. 250-251, 2020, p. 250.

<sup>231</sup> VERGER, J. Homens e saber na Idade Média. Bauru: EDUSC, 1999, p. 145.

<sup>232</sup> LE GOFF, J. *A civilização do Ocidente Medieval*. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 67.

<sup>233</sup> SOUZA, J. A. C. R.; BARBOSA, J. M. *O Reino de Deus e o Reino dos Homens*. As relações entre os poderes espiritual e temporal na Baixa Idade Média (da Reforma Gregoriana a João Quidort). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997, p. 15

seguro, salvo o que tem um aval no passado. [...] A autoridade suprema é a Escritura, à qual se acrescenta a dos Padres da Igreja”<sup>234</sup>. Em segundo, sobre o método escolástico que não estabelece uma oposição entre o conhecimento e a fé. Na concepção de Santo Anselmo, expressa em sua obra *Proslogion*, a atividade filosófica era de “esclarecer com a razão aquilo que já se possui com a fé”, ou seja, a um anseio racional em esclarecer e compreender a fé<sup>235</sup>.

Guiberto realizou inúmeras citações bíblicas, dos autores antigos e da Patrística, talvez com a intenção de justificar seus escritos, garantir às suas palavras uma veracidade e uma autoridade. Além disso, ele foi discípulo de Santo Anselmo, é certo que a sua maneira de escrever e argumentar tenha características da filosofia escolástica, como o que apresentaremos a frente de criticar os abusos das relíquias, mas não a crença nestes objetos ou de justificar que as Cruzadas foram guerras promovidas por vontade de Deus. Percebemos em Guiberto a busca por uma autoridade enquanto abade, por uma posição de mestre, seja pela conexão com uma autoridade pretérita, seja por demonstrar uma fé racional, argumentada pela filosofia e outros autores latinos.

Abel Lefranc procurou definir Guiberto de Nogent como um homem a frente de seu tempo, algumas vezes até o definindo como cético em relação a algumas práticas da religiosidade popular medieval, visto como um precursor de Voltaire (1694-1778)<sup>236</sup>. É problemático tentarmos retirar de uma mente medieval os aspectos religiosos, afinal “toda concepção de mundo da qual o sobrenatural estivesse excluído permanecia profundamente estranha aos espíritos da época [...] os destinos dos homens e do Universo se inscrevia quase unanimemente no desenho traçado pela teologia e pela escatologia cristãs”<sup>237</sup>.

Em contrapartida, outros estudiosos refutaram esta ideia e o definiram como um homem moldado pelos aspectos da cultura medieval e pelas circunstâncias de sua infância e adolescência<sup>238</sup>, além disso o foco de seus escritos, a sua preocupação exegética e pastoral coloca-o longe de qualquer possibilidade de ceticismo<sup>239</sup>, o aproxima mais, devido à sua formação

<sup>234</sup> LE GOFF, J. **A civilização do Ocidente Medieval**. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 315-316.

<sup>235</sup> REALE, G.; ANTISERI, D. **História da filosofia**: Patrística e Escolástica, v. 2. São Paulo: Paulus, 2003, p. 153.

<sup>236</sup> LEFRANC, A., Le traité des reliques de Guibert de Nogent et les commencements de la critique historique. In: **Études d'histoire du moyen âge dédiées à G. Monod**, Paris, CERF, 1896, p. 285-306, p. 285.304.

<sup>237</sup> BLOCH, M. A sociedade feudal. São Paulo, SP: Edipro, 2016, p. 101.

<sup>238</sup> BENTON *apud* KANTOR, J. A psychol-historical source: the Memoirs of Abbot Guibert of Nogent. **Journal of Medieval History** 2, North-Holland Publishing Company, p. 281-304, 1976, p. 283.

<sup>239</sup> DALLALI, M. **Débat inexistant ou paroles persistantes**: la théologie des reliques au Moyen Âge, autour du *De pigneribus sanctorum* de Guibert de Nogent. 2010, 110 folhas. Dissertação (Mestrado). Département d'histoire - Faculté des Arts et Sciences. Universidade de Montréal, 2010, p. 71.

intelectual, de um crítico. Portanto, Guiberto é tipicamente um homem e um monge medieval com um pensamento de claustro, sem dúvida erudito e crítico, mas ainda assim um religioso.

### 3.1.1 Sobre a produção escrita de Guiberto de Nogent

Guiberto iniciou o exercício da escrita muito cedo, ainda quando era um adolescente no mosteiro de Saint-Germer de Fly, escreveu versos sobre os quais nada podemos dizer pois se perderam ou propositalmente foram deixados de lado<sup>240</sup>. Contudo, sobreviveram ao tempo dez textos de sua autoria, alguns destes levaram anos para serem concluídos:

- *De virginitate opusculum* (c.1080), sobre a virgindade de Maria;
- *Quo ordine sermo fieri debeat* (c.1083), a respeito de como produzir e realizar um sermão;
- *Dei gesta per francos* (c.1108), uma história da Primeira Cruzada;
- *De laude sanctae Mariae* (c. 1110), sobre o culto à Virgem Maria;
- *Tractatus de Incarnationes contra Iudaeos* (c.1110),
- *De pigneribus sanctorum* (c.1115), sobre as relíquias e culto dos santos;
- *Monodiae* (c.1115), sua autobiografia;
- *Moralium Geneseos* (c. 1113), uma interpretação moral sobre o livro do Gênesis;
- *Epistola de bucella Iudae data et de veritate dominici corporis* (c.1119), sobre a doutrina da transubstanciação;
- *Tropologiae in prophetis Osee, Amos ac Lamentationes Jeremiae* (c.1124), uma análise do sentido real das palavras dos livros proféticos;

Guiberto escreveu sobre uma multiplicidade de temas, em *De pigneribus sanctorum* propõe que haja mais rigor na declaração de alguém como santo ou santa, na epistola *De bucella Iudae* apresenta uma sistematização da doutrina da transubstanciação. Tais temas seriam bem discutidos

---

<sup>240</sup> Guiberto de Nogent fazia parte do alto clero, disputas senhoriais eram comuns nas relações de poder que envolviam abades, bispos e arcebispos, talvez algumas disputas tenham influenciado na circulação de suas obras. Ver BARTHÉLEMY, Dominique. Lectures de Guibert de Nogent (Autobiographie, III, 1-11). In: **Actes des congrès de la Société des historiens médiévistes de l'enseignement supérieur public**, 16<sup>e</sup> congrès, Rouen, 1985. Les origines des libérés urbaines. pp. 175-192.



mais de um século depois no IV Concílio de Latrão (1215), mas vemos já no século XII o desenvolvimento de determinadas doutrinas. Alguns dos manuscritos de Guiberto como *De pigneribus sanctorum*, a *Epistola de bucella Iudae*, *Tropologiae in prophetis* e *Moralia Geneseos* estão conservados em seus manuscritos originais escritos a próprio punho pelo autor, ou pelo menos com partes escritas por ele, como os prefácios, enquanto outras partes são de pessoas a quem ele provavelmente ditou a obra ou fizeram uma revisão. Enquanto as outras obras são conservadas por cópias posteriores, como é o caso de *Dei gesta per Francos*.

Os manuscritos de Guiberto tiveram pequena circulação em seu período, os seus primeiros leitores possivelmente foram os membros do clero aos quais ele destinou os prefácios de algumas obras e os monges de sua abadia, que provavelmente eram os copistas e editores de suas produções<sup>241</sup>. Isso talvez seja resultado da sofisticação e complexidade de seu vocabulário, dificultando a leitura<sup>242</sup>, além de sua atitude crítica. Guiberto só foi retomado em um primeiro momento no século XVII, quando D. Lucae Achery publicou um denso livro, contendo a transcrição destas obras em 1651. Posteriormente, no século XVIII e XIX alguns trechos de suas obras e comentários da parte de intelectuais, e os estudos mais sistematizados e críticos vieram nos séculos XX e XXI.

Uma atenção especial se deve aos séculos XVIII e XIX, quando Guiberto era relido e estudado quase sempre a partir de perspectivas nacionalistas francesas<sup>243</sup>, inclusive em 1782 sua autobiografia foi publicada e comentada em livro intitulado *Historiens de France*<sup>244</sup>. A tradução de *Dei gesta per Francos* feita por François Guizot no século XIX, traduz o termo latino *gentisque* para o francês *notre nation*, atribuindo o conceito de ‘nação’ a um contexto de reinos medievais, ao passo que Robert Levine, em sua edição de 1977, – crítico desta tradução do século XIX – opta por traduzir para o inglês ‘*our people*’, mantendo a noção de ‘*nosso povo*’ ou ‘*nossa gente*’.

Guiberto às vezes possui um tom irônico e satírico, que é interpretado por alguns estudiosos como resultado de uma mente angustiada (relembrando aqui a discussão psico-histórica dos

<sup>241</sup> GARAND, M.-C. Le scriptorium de Guibert de Nogent. **Scriptorium**, tome 31 n° 1, p. 3-29, 1977, p. 29.

<sup>242</sup> MÉTHÉ, X. M. **L'individu, le monastère et l'église**: représentations de la progression spirituelle dans les Monodiae de Guibert de Nogent au XIIe siècle. 2009. 119 folhas. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, Faculdade de Letras, Universidade de Laval, Québec, 2009, p. 17.

<sup>243</sup> LANZIERI JUNIOR, C. Guiberto de Nogent. In: SOUZA, G. Q.; NASCIMENTO, R. C. S. **Dicionário: cem fragmentos biográficos**. A Idade Média em trajetórias. Goiânia: Tempestiva, 2020, p. 230.

<sup>244</sup> BARTHÉLEMY, D. Lectures de Guibert de Nogent (Autobiographie, III, 1-11). In: Actes des congrès de la Société des historiens médiévistes de l'enseignement supérieur public, 16<sup>e</sup> congrès, Rouen, 1985. **Les origines des libertés urbaines**. p. 175-192, 1985, p. 177.

traumas psicológicos), entretanto Robert Levine aposta mais na influência de uma tradição retórica, herdada da escolástica<sup>245</sup>. A personalidade de Guiberto é demonstrada pelos seus escritos, sua trajetória de vida influenciou em sua forma de ver o mundo e de escrever, sua formação desde muito jovem exigiu que se tornasse um intelectual, antes mesmo de ser um monge.

O vocabulário em que foi treinado desde tenra idade se tornou oportunidade de garantir autoridade, almejar superioridade. Há em seus textos tanta riqueza e complexidade na arte das palavras, que alguns estudiosos como H. G. Sybel falam até de uma “insuportável vaidade literária”<sup>246</sup>. Guiberto era um intelectual consciente de sua erudição, considerou a primeira fonte da Cruzada, *Gesta Francorum et aliorum Hierosolimitanorum* (Feitos dos francos e de outras pessoas de Jerusalém), como pobre em vocabulário, sentiu a necessidade de melhorar este relato de uma história que ele considerava sagrada, não só reescreveu em palavras mais eruditas, como acrescentou elementos, e de acordo com ele mesmo, verificou a veracidade dos fatos. A esta obra, deu o nome de *Dei gesta per Francos*, ‘As ações de Deus em favor dos francos’, sobre esta, trataremos a seguir.

### 3.2 A obra *Dei gesta per Francos* como fonte medieval para a Primeira Cruzada

*Que direi, então, daqueles que, marchando sem um senhor, sem um príncipe, apenas pelo impulso de Deus*<sup>247</sup> [tradução nossa]

O movimento da Primeira Cruzada tem início em 27 de novembro de 1095, com o Concílio de Clermont e a pregação de Urbano II (1042-1099), incentivando para que os presentes assumissem os votos da expedição, tomassem a cruz e fossem auxiliar os cristãos do oriente a libertar Jerusalém do domínio muçulmano. Entre 1095 e 1096, o papa continuou viajando pela

<sup>245</sup> LEVINE, R. Satiric Vulgarity in Guibert de Nogent's *Gesta Dei per Francos*. **A Journal of the History of Rhetoric**, University of California Press, v. 7, n. 3, p. 261-273, 1989, p. 262.

<sup>246</sup> BURSTEIN, E. Quelques remarques sur le vocabulaire de Guibert de Nogent. **Cahiers de civilisation médiévale**, 21e année (n°83), juillet-septembre, p. 253-263, 1978, p. 255-256.

<sup>247</sup> “*Quid de illis dicam qui sine domino, sine principe, solo videlicet Deo impulsore*”. GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. **Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per Francos [...]**. Omnia studio et opera D. Lucae d'Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica), Livro I, Capítulo I.

França e pregando em outros lugares. Ademar, bispo de Le Puy, foi escolhido como legado papal a acompanhar a expedição à Terra Santa, e junto com outros clérigos e monges, pregou em outros territórios. O primeiro contingente de pessoas a partir ficou conhecido como *Cruzada Popular* e foi liderada por Pedro, o Eremita (1053-1115), mas grande parte morreu antes que chegassem a Constantinopla.

A expedição não era apenas uma guerra, era uma possibilidade de peregrinação e remissão dos pecados, a situação social e econômica do Ocidente medieval contribuiu para que muitos camponeses partissem junto às tropas. O exército era formado de cavaleiros, monges e clérigos, de camponeses, mulheres e crianças. A Primeira Cruzada contou com a participação de mais de cem mil pessoas. Vários contingentes tomaram o caminho, primeiro chegaram à capital do Império Romano do Oriente, Constantinopla.

A Primeira Cruzada não contou com a participação de reis, na ausência de um líder como esse, os nobres realizaram um juramento ao imperador Aleixo I (1048-1118) prometendo fidelidade e participação nos espólios das batalhas. Em seguida, os cruzados tomaram o caminho para Niceia e iniciaram um cerco, conquistando a cidade com auxílio dos cristãos orientais. Em 1097 chegaram em Antioquia, novamente um cerco, mas desta vez mais longo. Quando as tropas já se encontravam desanimadas, a *inventio* da Lança Sagrada recupera a fé de todos. Ademar de Le Puy morre em decorrência de uma doença e Boemundo de Taranto (1058-1111) é declarado príncipe de Antioquia.

O ano de 1099 é desfecho da expedição – pelos menos aparente –, as tropas seguem em direção ao objetivo principal, a cidade de Jerusalém. Ao redor de seus muros os cruzados ocuparam vários lados da cidade e insistiram nos ataques. Entre 13 e 15 de julho de 1099, as forças expedicionárias do Ocidente, já em menor número, retiram do domínio muçulmano a cidade de Jerusalém. O recém-criado Reino de Jerusalém necessitava de um governante, sob aclamação Godofredo de Bulhão assume o título de *Defensor do Santo Sepulcro*. Os cruzados enfrentam, uma última batalha, em Ascalon contra os Fatímidas do Egito, vencem o conflito e se estabelecem no Oriente – guerras continuaram a acontecer por todo o período das Cruzadas, mesmo na ausência de grandes contingentes de exército. Um ano depois, Balduíno de Edessa toma o lugar como rei de Jerusalém, pouco tempo depois as ordens militares são criadas. É natural que um acontecimento como este tenha despertado a produção escrita e iconográfica, a obra de Guiberto de Nogent (1055-1125), é resultado o impulso da memória da Primeira Cruzada.

O trecho do início deste tópico elucidada o aspecto de *Dei gesta per francos*, escrita provavelmente entre 1108 e 1109, que queremos analisar, um olhar teocrático do autor sobre a Primeira Cruzada, insistindo explicitamente na natureza religiosa da expedição, como teólogo isso transparece em seu texto, defendendo a Cruzada enquanto uma ação divina, uma parte importante da própria história da salvação da humanidade. De acordo com Levine, o interesse dos estudiosos contemporâneos nesta fonte é em grande parte resultado dos problemas teológicos que Guiberto (1055-1125) quis resolver em suas páginas<sup>248</sup>, apresentando a Cruzada como vontade de Deus, liderada por ele e oportunidade de salvação (como discutimos no tópico 3 do primeiro capítulo), além disso, ele se empenha em condenar os infiéis, cristãos gregos, muçulmanos e judeus.

As Cruzadas não são um assunto simples, resumidas em uma sucessão de conflitos bélicos entre dois povos de diferentes religiões, cristãos e muçulmanos<sup>249</sup>. Há outras inúmeras tensões, rivalidades, interesses econômicos e políticos, relações de poder que se afluíram nos campos de batalha. Cristãos latinos não lutaram apenas contra os muçulmanos, havia conflitos com os cristãos orientais desde o Cisma em 1054; havia o desprezo e o preconceito aos judeus, considerados deicidas.

A história da Primeira Cruzada se baseia em uma “tradição historiográfica iniciada no século XII, um tanto quanto limitada, mas que pode nos revelar o que era de mais importante naquele período aos olhos destes memorialistas ou historiadores”<sup>250</sup>. De toda forma, é vã a tentativa de encontrar neste período uma crítica textual, um método histórico moderno, para definirmos ou não estes autores como historiadores<sup>251</sup>, afinal como discutimos anteriormente, estes autores têm as influências da cultura religiosa e intelectual de sua época, estão marcados pelas diversas transformações deste período.

A partir do século XII parece haver uma disputa entre várias narrativas sobre a Primeira Cruzada, uma busca pela autoridade e pela veracidade desta história sagrada e que marcou o imaginário medieval. Guiberto tentou conquistar seu lugar produzindo um texto rebuscado, erudito e com informações que tinham a intenção de superar as outras narrativas. Os estudiosos afirmam

---

<sup>248</sup> LEVINE, R. Satiric Vulgarity in Guibert de Nogent's *Gesta Dei per Francos*. *A Journal of the History of Rhetoric*, University of California Press, v. 7, n. 3, p. 261-273, 1989, p. 261.

<sup>249</sup> GARAND, M-C. Introduction. In: GUIBERT DE NOGENT. *Geste de Dieu par les Francs*. Histoire de la première croisade. Introduction, traduction et notes par Monique-Cécile Garand. Turnhout: Brepols, 1998, p. 25.

<sup>250</sup> TYERMAN, C. *Las guerras de Dios*. Una nueva historia de las Cruzadas. Barcelona: Crítica, 2010, p. xii.

<sup>251</sup> BOEHM, L. “Gesta Dei per Francos” –oder “Gesta Francorum”? Die Kreuzzüge als historiographisches Problem. *Saeculum*, v. 8, n. JG, p. 43-81, 1957, p. 50.

que o autor de *Gesta Francorum et aliorum Hierosolimitanorum* foi provavelmente um cavaleiro devido ao vocabulário, não há dúvidas também de que este cavaleiro anônimo foi uma testemunha ocular da Primeira Cruzada. A fonte contém relatos bastante simplificados dos conflitos entre cristãos e os demais grupos, sempre condenando aqueles que abandonaram a expedição.<sup>252</sup>

Diversas são as fontes contemporâneas e posteriores à Primeira Cruzada<sup>253</sup>, aquelas que foram escritas por pessoas que não participaram da expedição, que provavelmente se inspiraram em *Gesta Francorum* direta ou indiretamente e em outras fontes, como é o caso de Guiberto de Nogent (1055-1125). De acordo com os estudiosos ele se utilizou dos relatos de Roberto II (1065-1111), conde de Flandres e da *Historia Hierosolymitana* de Fulquério de Chartres (1059-1127)<sup>254</sup>. As fontes das Cruzadas não narram apenas os feitos militares, não são apenas relatos bélicos e honrosos aos líderes das expedições, apresentam aspectos religiosos, políticos, sociais e até mesmo individuais, algumas delas são histórias teologicamente refinadas<sup>255</sup>. Narram os sentimentos de pavor, de alegria, de realização nos campos de batalha, a bravura, inteligência, covardia e deserção. Queremos aqui não destacar, como dissemos em outro momento, os grandes nomes da Primeira Cruzada, mas outros aspectos que nos permitem ter um olhar mais abrangente, menos historicista do movimento das Cruzadas.

### 3.2.1 Panorama

À primeira vista, pode parecer estranho a maneira como o texto de Guiberto de Nogent foi produzido, assim podemos querer reduzi-lo a uma cópia ou compilado de informações de outras fontes. Entretanto, este tipo de cópias de obras com acréscimos pessoais atribuindo à sua autoria, era algo comum na Idade Média<sup>256</sup>, e Guiberto faz questão de acrescentar informações que não havia em outras fontes, provavelmente resultado das conversas com testemunhas oculares da Cruzada, que começaram a regressar para a Europa já em 1100.

<sup>252</sup> KOSTICK, C. Courage and cowardice on the First Crusade, 1096–1099. **War in History**, v. 20, n. 1, p. 32-49, 2013, p. 33-36

<sup>253</sup> Ver **CHRONICLES OF THE FIRST CRUSADE**. Introduction, edited and notes by Christopher Tyerman. Penguin Classics, 2012, [n.p.] (epub).

<sup>254</sup> TYERMAN, C. Introduction. In: **CHRONICLES OF THE FIRST CRUSADE**. Introduction, edited and notes by Christopher Tyerman. Penguin Classics, 2012, [n.p.] (epub), p. 58.

<sup>255</sup> SPACEY, B. C. **Miracles and Marvels in latin narrative histories of The Crusades, 1095-1204**. Tese (Doutorado). Department of History, School of History and Cultures, College of Arts and Law. University of Birmingham, 2016, p. 79.

<sup>256</sup> KOSTICK, C. *Op. cit.*, p. 33.

Guiberto considerava uma história da Cruzada um assunto importante, via com bons olhos a expedição pregada por Urbano II (1042-1099) e ao mesmo tempo, que os trabalhos das testemunhas oculares “falharam em extrair as lições teológicas apropriadas”<sup>257</sup>. Sempre vemos em Guiberto de Nogent uma preocupação com um sentido teológico, uma preocupação em ensinar a partir disto, seu ‘ofício’ de exegeta, pregador e intelectual. Ao ler *Gesta Francorum*, considerou o autor muito rústico e simples<sup>258</sup>, e ficou horrorizado com o texto. Ao escrever à sua maneira, acrescentou um tom épico à história e procurou estabelecer o significado da Cruzada, se baseando nas Escrituras, nos Padres da Igreja e nos autores da Antiguidade Clássica<sup>259</sup>, não deixou de criticar o autor de *Gesta Francorum*:

É verdade que esta história já existia, mas escrita em termos mais descuidados do que razoáveis, que muitas vezes ofendem as regras gramaticais, e são capazes pela sua habitual insipidez de frequentemente repugnar o leitor<sup>260</sup> [tradução nossa]

Deparei-me com grandes dificuldades acerca dos nomes de homens, províncias e cidades; sei mesmo, e tive ocasião de verificar, que alguns desses nomes de países tão remotos, e conseqüentemente ainda mais desconhecidos, foram errados pelo autor que segui; e, no entanto, não hesito em adotá-los na sua imperfeição<sup>261</sup> [tradução e grifos nossos]

Já é sabido que, assim como outros escritos de Guiberto de Nogent, a fonte *Dei gesta per francos*, escrita entre 1108 e 1109, não circulou durante a Idade Média, tanto Levine<sup>262</sup> quanto Garand<sup>263</sup> afirmam que nenhum autor medieval a utiliza ou menciona, nem mesmo outros intelectuais, considerados historiadores neste período como Alberto d'Aix (1100-1150?) e Orderico Vital (1075-1142), que escreveram crônicas citam Guiberto. O manuscrito original e uma possível

<sup>257</sup> KOSTICK, C. Courage and cowardice on the First Crusade, 1096–1099. **War in History**, v. 20, n. 1, p. 32-49, 2013, p. 35.

<sup>258</sup> *Idem*. **The Social Structure of the First Crusade**. Leiden-Boston: Brill, 2008, p. 53

<sup>259</sup> GARAND, M-C. Introduction. In: GUIBERT DE NOGENT. **Geste de Dieu par les Francs**. Histoire de la première croisade. Introduction, traduction et notes par Monique-Cécile Garand. Turnhout: Brepols, 1998, p. 09-11.

<sup>260</sup> “*Erat siquidem eadem historia, sed verbis contexta plus aequo simplicibus, et quae multoties grammaticae naturas excederet, lectoremque vapidi insipiditate sermonis saepius exanimare valeret.*” GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. **Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per Francos [...]**. Omnia studio et opera D. Lucae d'Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica), Prefácio.

<sup>261</sup> “*Porro de nominibus hominum, provinciarum et urbium multa mihi est difficultas ingenita. Dum enim quaedam, quorum attigerim notionem, male ab illo auctore expressa cognosco, remota quaelibet, eoque magis incognita, eadem pravitare enuntiata non dubito.*” *Ibidem*, Prefácio.

<sup>262</sup> LEVINE, R. Introduction. ABBOT OF NOGENT-SOUS-COUCY GUIBERT. The deeds of God through the Franks. Introduction, traduction and notes by Robert Levine. Hamburg: Tredition Classics, [2014], p. 5.

<sup>263</sup> GARAND, M-C, *Op. cit.*, p. 34.

cópia dele desapareceram, o que não nos permite analisar como foi a recepção desta obra quando foi produzida<sup>264</sup>. Assim, o texto caiu em esquecimento no século XIII e foi redescoberto no final do século XVI, sendo publicado por François Bongars em 1611, em seguida a publicação de Dom Lucae D’Achery em 1651<sup>265</sup>.

Depois disso, uma tradução foi realizada por François Guizot em 1825, para o francês; uma edição latina no *Cursus Patrologiae Latina* de Jacques Paul Migne em 1853; uma tradução para o inglês feita por Robert Levine em 1977 e uma outra tradução para o francês por Monique-Cécile Garand em 1998. Ambos os tradutores do século XX tecem críticas à tradução de François Guizot, Garand diz que ele tentou utilizar uma linguagem mais harmoniosa e que acabou o distanciando do texto original<sup>266</sup>, e Levine afirma que a tradução de Guizot é útil, porém algumas vezes é errônea ou enganosa<sup>267</sup>. O latim de Guiberto é complexo, o processo de tradução é uma tarefa árdua.

Apesar do desaparecimento do manuscrito original, provavelmente escrito a próprio punho por Guiberto, há 5 manuscritos atualmente que conservam o texto de *Dei gesta per francos*<sup>268</sup>:

- Ms. B. N. Lat. 18417 (Figura 07), provavelmente produzido durante o século XII e doado a Notre Dame, em Paris por Antoine Loysel (1536-1617);
- Ms. B. N. Lat. 18416 (Figura 08), também produzido no século XII com origem em Célestins de Amiens;
- Ms. B. Laur., Ashburnham 1054, produzido no século XII, conservado na Biblioteca Mediceana Laurentina (Florença)<sup>269</sup>;
- Ms. Reg. Lat. 122, de origem desconhecida entre os séculos XII e XIII, conservado nos Arquivos do Vaticano;
- Ms. B. N. Lat. 12945, do século XIII produzido em Corbie. Foi o manuscrito utilizado por D. Lucae D’Achery para a sua edição;

<sup>264</sup> GARAND, M.-C. Introduction. In: GUIBERT DE NOGENT. **Geste de Dieu par les Francs**. Histoire de la première croisade. Introduction, traduction et notes par Monique-Cécile Garand. Turnhout: Brepols, 1998, p. 15.

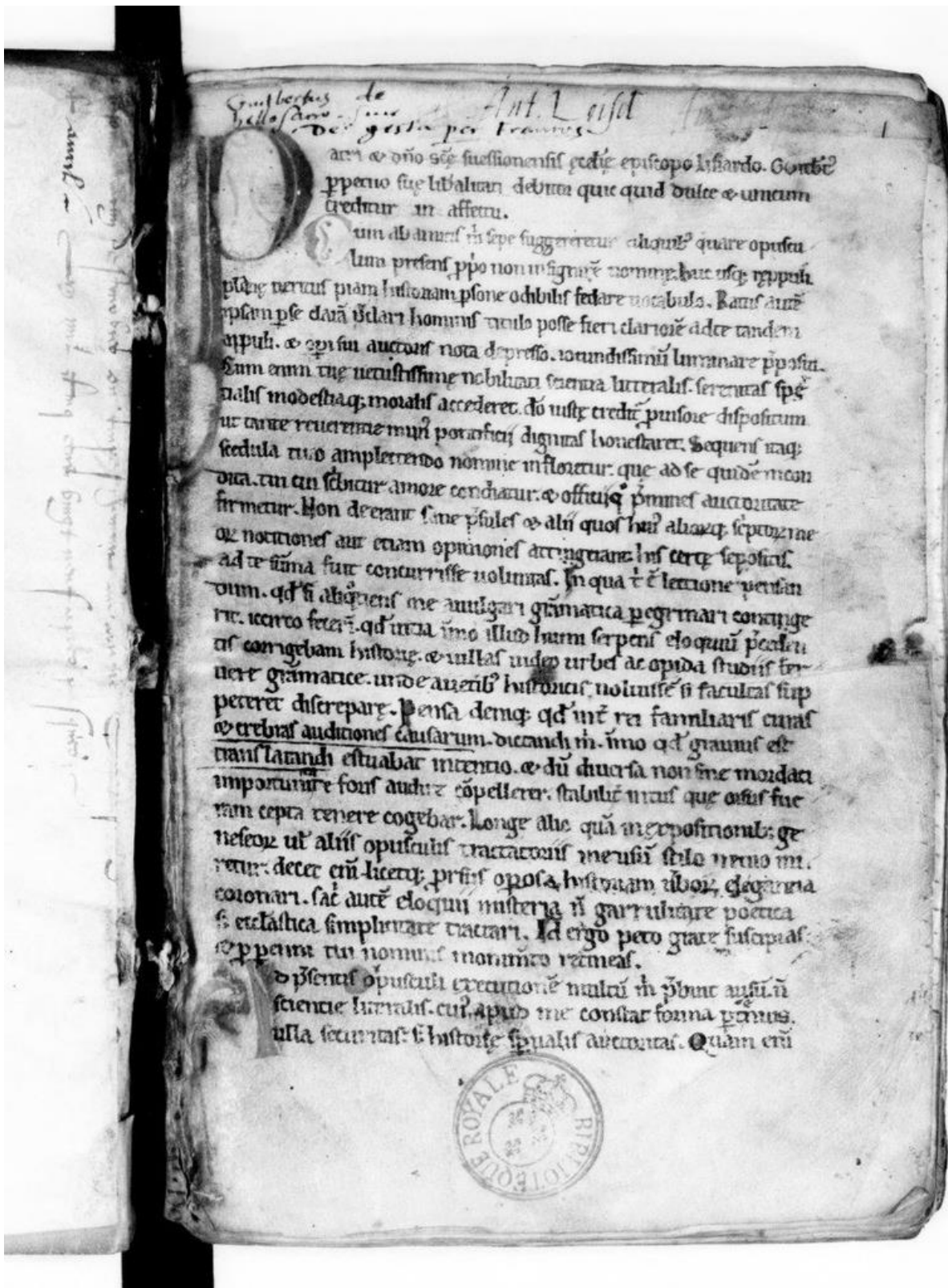
<sup>265</sup> *Ibidem*, p. 34.

<sup>266</sup> *Ibidem*, p. 35.

<sup>267</sup> LEVINE, R. Introduction. ABBOT OF NOGENT-SOUS-COUCY GUIBERT. **The deeds of God through the franks**. Introduction, traduction and notes by Robert Levine. Hamburg: Tredition Classics, [2014], p. 22.

<sup>268</sup> GARAND, M.-C. Le scriptorium de Guibert de Nogent. In: *Scriptorium*, tome 31 n° 1, p. 3-29, 1977, nota de rodapé n° 7.

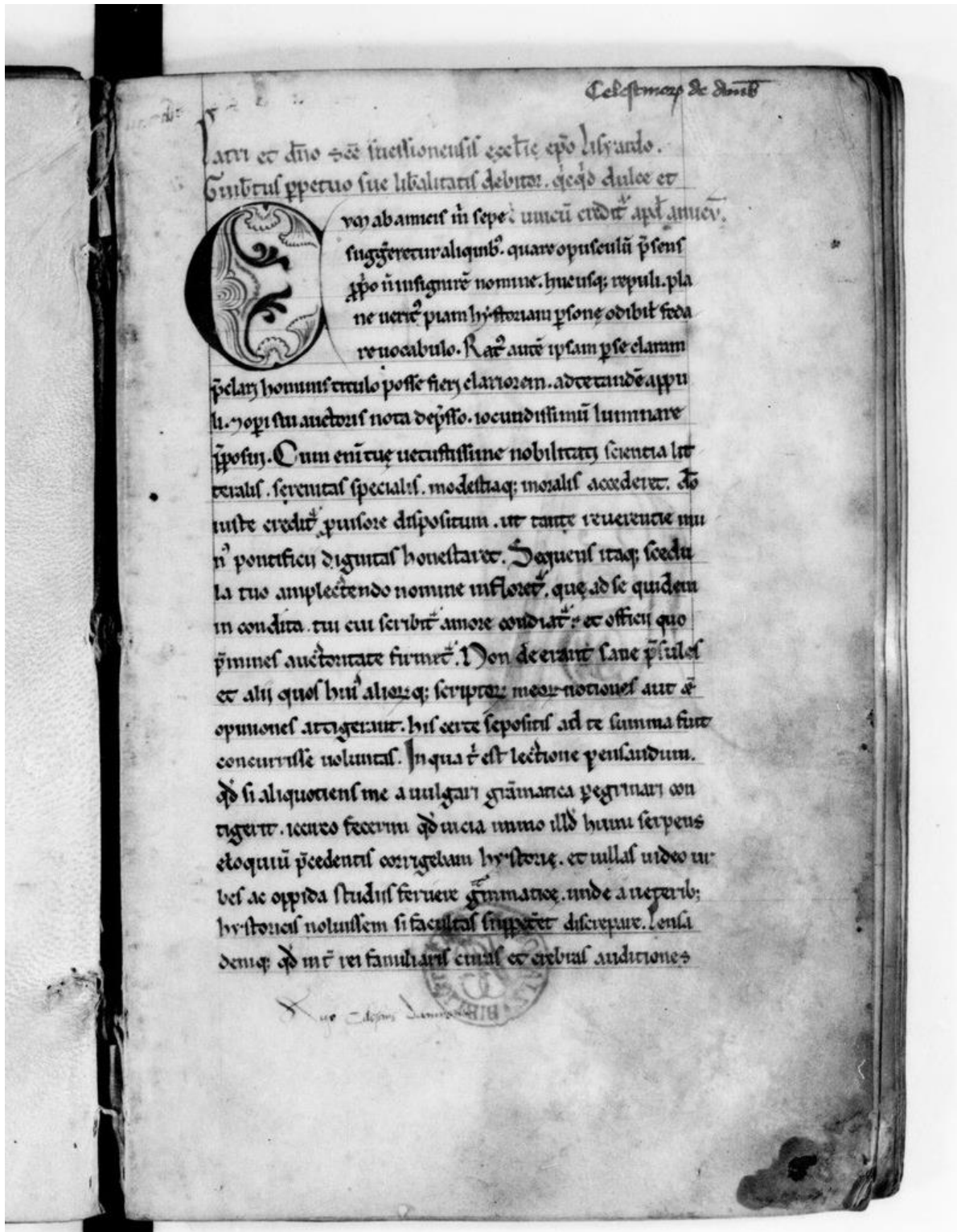
<sup>269</sup> Cf. <https://www.bmlonline.it/la-biblioteca/cataloghi/fondo-ashburnham-catalogo/>.



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France. Département des Manuscrits. Latin 18417

Figura 07. B. N. Lat. 18417. Fonte: Biblioteca Nacional Francesa/BnF. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b10039032/f2.item.r=Dei%20gesta%20per%20francos#>





Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France. Département des manuscrits. Latin 18416  
**Figura 08.** B. N. Lat. 18416. Biblioteca Nacional Francesa/BnF. Disponível em:  
<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b10039031c/f3.item.r=Dei%20gesta%20per%20francos.zoom#>

Não temos como saber a divisão de livros e capítulos feita por Guiberto de Nogent, mas as edições de D'Achery e de Guizot são divididas em oito livros, enquanto as edições de Levine e Garand são divididas em sete:

- No Livro I Guiberto se dedica a falar sobre o Oriente, tanto sobre os cristãos gregos, quanto sobre os muçulmanos. Foca em defini-los como infiéis, é irônico e algumas vezes satírico quando se refere a este outro oriental. Denuncia a maneira como os cristãos gregos definem a Trindade e os condena como hereges. Faz referências diretas e indiretas à Bíblia, a Patrística e a autores latinos. De acordo com Garand<sup>270</sup> este livro é tipicamente a obra de um intelectual e originalmente de Guiberto, somente a partir do segundo livro que ele retomará as informações de *Gesta Francorum*, nos quais segue a mesma ordem cronológica dos eventos<sup>271</sup>;
- No Livro II Guiberto demonstra uma admiração por Urbano II, narra a viagem do papa à França e descreve o Concílio de Clermont acrescentando em seu texto um possível discurso de Urbano II<sup>272</sup>. Fala sobre os votos dos cruzados e exalta os franceses como o povo mais fiel à fé e o papa. Narra a trajetória de Pedro, o Eremita e a primeira onda de pessoas para a Terra Santa, que ficou conhecida como a Cruzada Popular;
- O Livro III já se insere no contexto das ondas expedicionárias dos cruzados. Apresenta Boemundo, descreve as batalhas em Niceia e Dorileia e o estabelecimento de Balduino da Bolonha em Edessa;
- No Livro IV, os cruzados chegam a Antioquia e realizam o cerco, narra algumas regras morais e religiosas que foram impostas a eles. Conta a história de um abade com estigmas, que ele considerava falsos;

<sup>270</sup> GARAND, M-C. Introduction. In: GUIBERT DE NOGENT. **Geste de Dieu par les Francs**. Histoire de la première croisade. Introduction, traduction et notes par Monique-Cécile Garand. Turnhout: Brepols, 1998, p. 16.

<sup>271</sup> *Ibidem.*, p. 17.

<sup>272</sup> No Livro II Guiberto elogia a pregação de Urbano II como um discurso de alto nível e acima de qualquer outro intelectual presente no Concílio. Isso é claramente um acréscimo do autor, uma interpretação já após a conquista de Jerusalém e que coloca como um dos fundamentos do sucesso da expedição a qualidade, elegância, força do discurso do Papa. Além disso, se relaciona com o fato de Urbano II ser um papa francês e o povo franco – na visão de Guiberto – ser o escolhido por Deus para agir nessa história sagrada. Talvez isso explique o porquê François Guizot teve a sua interpretação nacionalista no século XIX (que faz todo sentido à época) de Guiberto de Nogent estar relacionando ou mesmo elogiando uma certa identidade do reino franco, ou de pelo menos parte dessa população.

- O Livro V descreve a tomada de Antioquia,
- No Livro VI Guiberto fala sobre a descoberta da Lança Sagrada ou Lança do Destino e demonstra o seu ceticismo em relação a tal objeto, narra algumas outras batalhas em cidades da Síria;
- No Livro VII os cruzados chegam a Trípoli e a Jerusalém. Guiberto fala sobre a vitória nas duas cidades, descreve o cerco ao redor das muralhas de Jerusalém, a tomada da cidade e o estabelecimento de Godofredo de Bulhão como o primeiro rei de Jerusalém, acrescentando uma história de uma luta com um urso;
- O Livro VIII se inicia com uma louvação as Cruzadas, lembrando guerras do Antigo Testamento e concluindo que o tempo das Cruzadas tem mais esplendor do que este pretérito. Narra os primeiros momentos do recém-criado Reino de Jerusalém e as suas disputas políticas, a eleição dos patriarcas de Jerusalém. Os capítulos IV e V formam uma exegese da Cruzada, retomando a Bíblia para justificá-la. Encerra o livro dizendo que tudo fora realizado pela força da fé.

Por algum tempo Guiberto foi ignorado pelos historiadores, por considerarem seu texto como uma adaptação de *Gesta Francorum* para uma visão moralista e de vocabulário rebuscado<sup>273</sup>. Na realidade, o que notamos é a escrita de um religioso e intelectual consciente de seu saber, plenamente inserido em tradições de pensamento filosófico e teológico-exegético, que enxerga o mundo e o interpreta à rigor dessas influências. Não ignoramos a sua visão moralista, às vezes muito rígida em relação ao ‘outro’, mas não somente, acrescentamos a compreensão de uma visão escatológica da Primeira Cruzada.

Guiberto dedica *Dei gesta per francos* a Lisiardo, bispo de Soissons<sup>274</sup> por quem ele parece nutrir muita admiração. Neste prólogo, afirma que adornou a narrativa com um estilo mais elegante e cuidadoso<sup>275</sup>, por este motivo algumas vezes é interpretado como pretencioso e utilizador de

<sup>273</sup> GARAND, M-C. Introduction. In: GUIBERT DE NOGENT. **Geste de Dieu par les Francs**. Histoire de la première croisade. Introduction, traduction et notes par Monique-Cécile Garand. Turnhout: Brepols, 1998, p. 5.

<sup>274</sup> “*Patri et domino sanctae Suessionensis Ecclesiae episcopo LYSIARDO, GUIBERTUS, perpetuo suae liberalitati debitor, quidquid dulce et unicum creditur in affectu*”. GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per Francos [...]. Omnia studio et opera D. Lucae d'Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica), Prólogo/Dedicatória.

<sup>275</sup> “*Decet enim, licetque prorsus operosa historiam verborum elegantia coornari*”. *Ibidem*.

expressões pouco usuais<sup>276</sup>, mas há nesta fonte uma grande possibilidade de análise de um pensamento. Guiberto provavelmente pretendeu desenvolver uma teologia da Cruzada, como se ela fizesse parte da história da salvação da humanidade, fosse “desejada por Deus e anunciada pelos profetas”<sup>277</sup>, algo extremamente consonante a sua posição como abade, inserido no contexto de uma reforma religiosa que pretendia espiritualizar a sociedade.

Toda a realidade, eventos e fatos precisavam estar inseridos num plano divino e interpretados como a realização desse plano. O título da obra *Dei gesta per francos* indica que foi Deus quem agiu, as ações são de Deus em favor dos francos. A missão dos cruzados foi vontade de Deus e se realizou com o seu auxílio, liderança e proteção<sup>278</sup>. Por exemplo, a ausência de reis e príncipes como líderes da Primeira Cruzada são resultado dos conflitos entre poder temporal e espiritual no contexto do século XII, o rei dos francos neste período estava excomungado. Esse é o contexto político, mas que corrobora com uma visão teológica da Cruzada, no sentido de que a expedição além de querida por Deus foi liderada por ele mesmo.

Tendo Deus guiado os Seus servos na sua expedição, através de tantos obstáculos, e tendo dissipado perante eles tantos perigos sempre iminentes, não pude hesitar em acreditar que Ele me daria a conhecer a verdade dos acontecimentos passados, da forma que melhor Lhe conviria, e me concederia a elegância da linguagem, de acordo com a conveniência do assunto<sup>279</sup> [tradução nossa].

Não tinham rei, pois cada um dos fiéis não tinha outro guia senão Deus sozinho; cada um considerava-se o parceiro de Deus, e ninguém duvidava que o Senhor caminhava diante dele, felicitando-se por empreender esta viagem pela Sua vontade e sob a Sua inspiração, e regozijando-se com a esperança de O ter para apoio e conforto em todas as suas necessidades<sup>280</sup> [tradução nossa].

<sup>276</sup> THUROT, C. Etudes critiques sur les historiens de la Première Croisade: Guibert de Nogent. **Revue Historique**, T. 2, Fasc. 1, p. 104-111, 1876, p. 107.

<sup>277</sup> PLATELLE, H. Guibert de Nogent et le *De pignibus sanctorum*. Richesses et limites d’une critique médiévale des reliques. In: **Les reliques. Objets, cultes, symboles**. L’Anaïs de la Conférence internationale de Université du Littoral-Côte d’Opale (Boulogne-sur-Mer) 4 - 6 de setembro de 1997, p. 109-121, 1999, p. 111.

<sup>278</sup> BURSTEIN, Eytan. Quelques remarques sur le vocabulaire de Guibert de Nogent. **Cahiers de civilisation médiévale**, 21e année (n°83), juillet-septembre, p. 253-263, 1978, p. 256.

<sup>279</sup> “*Qui enim eos per tot difficultates traduxit itinerum, qui succidit ante ipsos tot excrementa bellorum, dubitare non valui, quod rei gestae mihi, quibus sibi placeret modis, inderet veritatem, nec negaret competentium ordini ornamenta dictorum*”. GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. **Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per Francos [...]**. Omnia studio et opera D. Lucae d’Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica), Prefácio.

<sup>280</sup> “*Ipsa regem non habuit, quia quaeque fidelis anima omni ducatu, praeter solius Dei caruit, dum illius se contubernalem aestimat, eumque praevium sibi esse non dubitat, cujus voluntate et instinctu se coepisse, quem in egestatibus solatio sibi futurum conjubilat*”. *Ibidem*, Livro I, Capítulo I.

Os escritos de Guiberto não indicam que ele próprio se sentiu motivado a realizar os votos dos cruzados e tomar a cruz. Contudo, o discurso de Urbano II e toda a movimentação para a Cruzada, sua organização, realização e regresso, ocuparam lugar em sua memória. Provavelmente muitos clérigos e monges acompanharam a expedição à Terra Santa e encorajaram outros a tomarem o mesmo caminho. Dissonante disto, Santo Anselmo, o mestre de Guiberto, encorajou apenas os leigos e proibiu que monges partissem na Cruzada<sup>281</sup>. Como não foi testemunha ocular dos eventos narrados, Guiberto se preocupou em colher o testemunho daqueles que regressavam do Oriente com a finalidade de confirmar a veracidade das informações escritas pelo cavaleiro anônimo de *Gesta Francorum*. Nesse sentido, ele não inventa fatos de sua própria imaginação simplesmente para dar sentido à narrativa, não suprime nem mesmo as informações que parecem desfavoráveis aos cruzados ou aos líderes, não omitindo os erros e pecados cometidos<sup>282</sup>.

Boehm afirma que no final do século XI e ainda mais no XII podemos identificar uma certa “autoconsciência historiográfica”<sup>283</sup>, Edmond Labande concorda que Guiberto seja apreciado como um historiador<sup>284</sup>. Guiberto de Nogent é tipicamente um homem medieval, um monge intelectual, mas percebemos nele centelhas de um historiador, ao passo que desconfia das informações que recebe, assume uma postura crítica em determinados momentos, se preocupa em registrar uma história da Cruzada de uma maneira mais elaborada, erudita e o esforço pela veracidade dos fatos que relatou. Todavia, essa particularidade de Guiberto pode não passar da tentativa de convencer os seus leitores da superioridade do seu relato em contraposição a outras fontes do mesmo período, do seu desejo de ensinar e espiritualizar a sociedade. Sua atitude crítica, e como dissemos em outros momentos, às vezes rígida e até cruel é expressa pelo seu tom condenatório e irônico, se posiciona dessa maneira com aqueles que acreditam em algumas relíquias que ele não considera autênticas; com judeus, cristãos gregos, muçulmanos e eventualmente cristãos latinos que na sua opinião se desviaram da moral<sup>285</sup>.

<sup>281</sup> GARAND, M-C. Introduction. In: GUIBERT DE NOGENT. **Geste de Dieu par les Francs**. Histoire de la première croisade. Introduction, traduction et notes par Monique-Cécile Garand. Turnhout: Brepols, 1998, p. 6-7.

<sup>282</sup> THUROT, C. Etudes critiques sur les historiens de la Première Croisade: Guibert de Nogent. **Revue Historique**, T. 2, Fasc. 1, p. 104-111, 1876, p. 108.

<sup>283</sup> BOEHM, L. “Gesta Dei per Francos” –oder “Gesta Francorum”? Die Kreuzzüge als historiographisches Problem. **Saeculum**, v. 8, n. JG, p. 43-81, 1957, p. 51.

<sup>284</sup> LEVINE, R. Introduction. ABBOT OF NOGENT-SOUS-COUCY GUIBERT. **The deeds of God through the franks**. Introduction, traduction and notes by Robert Levine. Hamburg: Tredition Classics, [2014], p. 09.

<sup>285</sup> *Idem*. Satiric Vulgarity in Guibert de Nogent's Gesta Dei per Francos. **A Journal of the History of Rhetoric**, University of California Press, v. 7, n. 3, p. 261-273, 1989, p. 263.

### 3.2.2 A questão dos judeus, cristãos gregos e muçulmanos em *Dei gesta per Francos*

No segundo tópico do primeiro capítulo discutimos um pouco do contexto Oriental e Ocidental no período das Cruzadas, na discussão notamos que as fronteiras medievais podem ser religiosas, étnicas, culturais e sociais. Essas fronteiras algumas vezes se relacionam e dissolvem, outras vezes entram em conflitos. Antes, durante e depois das Cruzadas esse movimento ambíguo é muito bem notado, apesar das diferenças étnicas e principalmente religiosas entre cristãos, judeus e muçulmanos, em alguns momentos esses grupos ocupavam os mesmos lugares.

Contudo, a presença simultânea desses três grupos se tornou sinônimo de sangrentas batalhas durante as Cruzadas, essas guerras “acrescentaram uma certa hostilidade ou intensidade” a essas diferenças. Cruzadas foram dirigidas a muçulmanos e até a outros cristãos considerados hereges, mas não aos judeus, mesmo assim esse grupo étnico-religioso sofreu a violência dos exércitos cruzados desde a Europa até o Oriente. Os judeus eram desprezados pelos cristãos durante a Idade Média, vistos como pessoas malignas e assassinos de Jesus. Este antissemitismo, seja contra judeus ou muçulmanos, não é resultado apenas dos embates cruzadísticos, mas possuem outras fontes que demandariam um estudo à parte<sup>286</sup>.

Tanto judeus como muçulmanos estavam ao mesmo tempo próximos e distantes dos cristãos, a estes dois grupos eram atribuídos certos significados religiosos, políticos e até emocionais que se relacionavam profundamente com “os processos de autodefinição cristã”<sup>287</sup>. Em *Dei gesta per francos*, Guiberto de Nogent afirma que os judeus foram aqueles que se separaram ou se desviaram de Deus<sup>288</sup>, mas não dedica tantas palavras a eles como aos muçulmanos. Em outra obra especificamente teológica, intitulada *Tractatus de Incarnationes contra Iudaeos*, o autor apresenta de fato a sua posição teológica em relação aos judeus, descritos como possuidores de corpos doentes, como figuras perigosas e sombrias<sup>289</sup>. Essas descrições dos judeus se aproximam

<sup>286</sup> TYERMAN, C. **The Crusades**: a very short introduction. New York: Oxford University Press, 2004, p. 50-51.

<sup>287</sup> KRUGER, S. F. Medieval Christian (Dis)identifications: Muslims and Jews in Guibert of Nogent. **New Literary History**, The Johns Hopkins University Press, v. 28, n. 2, Medieval Studies, p. 185-203, 1997, p. 186.

<sup>288</sup> “*Si enim de his qui nondum a Deo desciverant Judaeis*”. GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. **Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per Francos [...]**. Omnia studio et opera D. Lucae d’Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica), Livro III, Capítulo V.

<sup>289</sup> KRUGER, S. F. *Op. cit.*, p. 187.188.194.

muito de uma demonologia<sup>290</sup>, e, embora não sejam tão apresentadas tão amplamente em *Dei gesta per francos* permanecem arraigadas em seu pensamento. Guiberto é mais explícito em sua obra sobre os cristãos gregos e os muçulmanos.

A falta de unidade entre os cristãos latinos e orientais se apresenta como um problema para Guiberto. Ao falar dos orientais se refere à fé cristã latina como a verdadeira crença, retoma a autoridade dos autores da Patrística – elemento importante na sua construção enquanto teólogo e abade – e considera que estes cristãos, ao se empenharem na busca de novos pensamentos e doutrinas, abandonam a riqueza dessa autoridade. É em decorrência deste abandono da verdadeira fé que estes cristãos caem em heresia, principalmente nas diferenças em relação a concepção da Trindade, da celebração da Eucaristia e o reconhecimento da autoridade do Papa.

Mas a fé dos orientais, sempre hesitante, inconstante, muito obscura, empenhada em busca de novidades, e sempre ultrapassando os limites da verdadeira crença, desertou da autoridade dos primeiros pais da Igreja [...] daí heresias e invenções monstruosas e desastrosas de todos os tipos, que formaram um labirinto tão inextricável que o território mais inculto e fértil não poderia apresentar um maior amontoado de silvas ou urtigas. [...] esta inconsistência da moral que prevaleceu entre os orientais no que diz respeito à sua profissão de fé, bem como aos assuntos mundanos, chegaram agora ao ponto de não terem quase nada em comum conosco, nem mesmo na celebração da Eucaristia e na submissão à Sé Apostólica. Assim, quando celebram os sacramentos com pão fermentado [...] <sup>291</sup> [tradução nossa]

Nesse sentido, os cristãos orientais são vistos como os principais responsáveis pelos seus próprios infortúnios<sup>292</sup>, o seu distanciamento da fé dita verdadeira e práticas que foram consideradas heresias geraram seu sofrimento. A conquista de seus territórios pelos muçulmanos

<sup>290</sup> KANTOR, J. A psychol-historical source: the Memoirs of Abbot Guibert of Nogent. **Journal of Medieval History** 2, North-Holland Publishing Company, p. 281-304, 1976, p. 285.

<sup>291</sup> “*Orientalium autem fides, cum semper nutabunda constiterit, et rerum molitione novarum mutabilis et vagabunda fuerit, semper a regula verae credulitatis exorbitans, ab antiquorum Patrum auctoritate descivit [...] Inde haereses et pestium variarum genera portentuosas: quarum tanta pernicietas et inextricabilis exstitit labyrinthus, ut veprium vel etiam urticarum ferocior uspiam fieri nequaquam incultissima possit humus [...] Unde haec ipsorum, et in actu saeculari, et in Christiana professione nugacitas, ad hoc usque tempus in tantum viguit ut neque in Eucharistiae confessione, neque in apostolicae sedis subjectione pene quidquam illis commune nobiscum sit. Sed si illud quod de panibus fermentatis sacramenta conficiunt*”. GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. **Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per Francos [...]**. Omnia studio et opera D. Lucae d'Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica), Livro I, Capítulo II.

<sup>292</sup> GARAND, M-C. Introduction. In: GUIBERT DE NOGENT. **Geste de Dieu par les Francs**. Histoire de la première croisade. Introduction, traduction et notes par Monique-Cécile Garand. Turnhout: Brepols, 1998, p. 22.

foi considerada como um castigo divino merecido porque haviam se separado da Igreja Latina<sup>293</sup>. Apesar disso, Guiberto recorrentemente insiste no caráter divino da Cruzada, portanto, seria ao mesmo tempo um desejo de Deus que o Oriente não se perdesse, nem pela guerra, nem pelo abandono à verdadeira fé, por isso promoveu esta guerra santa para enviar os cristãos latinos em auxílio dos orientais e de fato, tal plano divino teria ocorrido e a “a Igreja dos fiéis do Oriente foi restaurada pelos esforços daqueles que vieram do Ocidente”<sup>294</sup>.

Esse auxílio latino contém também as suas ambiguidades, o desejo subjacente de Urbano II em unir a Igreja do Ocidente e do Oriente não foi levado a cabo. Já no final da Primeira Cruzada percebemos que os conflitos entre cristãos latinos e gregos permaneceu e acentuou-se. O ápice dessa relação foi a tomada de Constantinopla em 1204 por Balduíno de Flandres (1172-1205), e o estabelecimento de um império cristão latino na cidade. As relações destes dois grupos constituem uma história de proximidade e afastamentos, inúmeras tentativas de diálogo e reunificação marcadas por fatores religiosos, mas também políticos e econômicos. Embora condenados por Guiberto pela sua infidelidade e heresias, os cristãos orientais recebem mais tolerância por parte dos cristãos latinos do que os judeus e muçulmanos.

Em relação aos muçulmanos Guiberto é bem mais rígido e crítico nas palavras. Lembremos que os conflitos com os muçulmanos se iniciaram já nos séculos VII e VIII quando se expandiram e tomaram parte da Península Ibérica e a cidade de Jerusalém. A situação se tornou ainda mais acirrada quando no início do século XI parte da Igreja do Santo Sepulcro fora destruída e restrições de acesso dos peregrinos aos lugares santos foram impostas. Ao tratar sobre o pedido de ajuda de Aleixo I Comneno (1048-1118), Guiberto descreve que

O imperador queixou-se nesta carta<sup>295</sup> que os gentios. Ao destruírem o cristianismo, estavam a tomar conta das igrejas e transformá-las em estábulos para os seus cavalos, mulas e outros animais de carga, do mesmo modo era verdade que estavam a utilizar estas igrejas para a celebração de seu culto [...] esses gentios infringem todas as leis da humanidade, mesmo aquelas que os animais não

<sup>293</sup> GARAND, M-C. Introduction. In: GUIBERT DE NOGENT. **Geste de Dieu par les Francs**. Histoire de la première croisade. Introduction, traduction et notes par Monique-Cécile Garand. Turnhout: Brepols, 1998, p. 12.

<sup>294</sup> “*Fidei nostrae incentivum non minimum praebebat quod Occidentalium labore fidelium Orientalis restauratur Ecclesia.*” GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. **Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per Francos [...]**. Omnia studio et opera D. Lucae d'Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica), Livro VII, Capítulo I.

<sup>295</sup> Uma carta que Aleixo I Comneno teria escrito a Roberto, conde de Flandres (1035-1093), expondo os motivos do pedido de auxílio.



transgridem [...] a perversidade foi exercida sobre os pequenos e humildes, relata que os gentios tinham chegado ao ponto de abusar de um bispo<sup>296</sup> [tradução nossa]

Além disso, ele se escandaliza com a poligamia dos muçulmanos, suas desordens vergonhosas, e os define como “homens de má conduta, excrementos da raça humana”<sup>297</sup>. Em outro momento, o autor narra que os muçulmanos capturam mulheres e as forçam a cantar enquanto estupram suas mães, em seguida este papel se inverte e essas moças são estrupadas ao som do canto de suas mães<sup>298</sup>. Guiberto enfatiza seu escândalo com os excessos sexuais dos muçulmanos, contudo se escandaliza menos com o estupro das mulheres, porque diz haver até uma certa desculpa neste ato devido a inclinação natural<sup>299</sup> – a saber da heterossexualidade –, e mais com o estupro do bispo, tanto por ser um clérigo quanto por ser um ato homossexual/sodomita. Neste ponto percebemos da parte de Guiberto, além das diferenças religiosas com os muçulmanos, uma moral sexual rígida talvez influência da Reforma Gregoriana que definiu o celibato do clero latino, e a castidade das ordens monásticas.

A existência desses desvios morais é resultado dos ensinamentos do profeta Maomé, que no texto de Guiberto é nominado *Mathomus*. Na origem de Maomé como profeta, o autor narra o seu envolvimento com uma profetisa e o discipulado com um adivinho que “pela intervenção do diabo, o eremita herético [o mestre de Maomé] encheu seu pupilo com seus dogmas profanos” e o proclamou profeta<sup>300</sup>. Isso fez com que Maomé se tornasse conhecido e seguido por muitos neste tempo. Assim, seus ensinamentos logo se espalharam e foram aceitos por muitas pessoas,

<sup>296</sup> “*De Ecclesiis querimonia est, quas siquidem gentilitas eversa Christianitate tenebat, in quibus equorum, ac mulorum caeterorumque animalium catabula construebat. Quod in tantum verum fuit ut etiam fana sua [...] in masculinum pecualitate transgressa, solutis humanitatum legibus, itur [...] quae in mediocres et infimos, defurebat petulantia, panderetur, dicit quemdam eos abusione Sodomitica intervenisse episcopum [...]*”. GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. **Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per Francos [...]**. Omnia studio et opera D. Lucae d'Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica), Livro I, Capítulo V.

<sup>297</sup> “*Et cum sit miseris permissa suo ipsorum arbitrio multiplicitas feminarum, parum est apud eos nisi et dignitas tantae spurcitiae volutabro commaculetur marium. Nec mirum si Deus exoletam eorum nequitiam, et in clamorem versam impatienter tulerit, tantaque funestorum habitatorum exsecramenta, more antiquo, terra vomuerit*”. *Ibidem*, Livro I, Capítulo V.

<sup>298</sup> “*Virgines enim fidelium deprehensae, publicum fieri praecipiebantur scortum, cum nusquam pudori deferretur ac honestati conjugum. Matres corruptae in conspectu filiarum, multipliciter repetitis diversorum coitibus, vexabantur, cum filiae assistentes, carmina praecinere saltando nefaria inter hujusmodi cogerebantur*”, *Ibidem*, Livro I, Capítulo V.

<sup>299</sup> “*Cumque sexui feminino, quod tamen excusari poterit, pro competenti natura non parcitur [...]*”, *Ibidem*, Livro I, Capítulo V.

<sup>300</sup> “*Interea per haereticum eremitam ad profana dogmata ille, diaboli fistula, imbuebatur, et ipsius quaqua versum praeunte praeconio, propheta ab universis creditur*”, *Ibidem*, Livro I, Capítulo IV.

Maomé, que alienou completamente os povos do Oriente da crença no Filho e no Espírito Santo, ensinou-os a reconhecer apenas a pessoa do Pai como o único Deus e Criador, disse-lhes que Jesus era apenas um homem, e, para concluir em poucas palavras sobre os dogmas que ensinou, instituiu a circuncisão, e liberou que os homens praticassem todo tipo de impurezas<sup>301</sup> [tradução nossa].

No contexto medieval a intervenção divina era a garantia da verdade, e um acontecimento interpretado sob esta ótica era a confirmação da vontade de Deus. Guiberto narra um episódio em que Maomé, que segundo ele possuía uma vaca de estimação, se utiliza do animal para forjar uma revelação divina, e convencer o povo que seus ensinamentos eram a verdade e deveriam ser seguidos:

Depois reuniu-se uma multidão infinita, e, a fim de seduzir mais seguramente aqueles corações ainda incertos na expectativa da religião que anunciava, prescreveu um jejum de três dias para aqueles que o seguiam, convidando-os a pedir a Deus piedosamente, para que lhes concedesse uma lei, e declarando ao mesmo tempo que, se Deus quisesse dar esta lei, dá-la-ia de uma forma extraordinária e inesperada. Maomé tinha uma vaca de estimação que costumava segui-lo de tal forma que, quando o visse ou ouvisse sua voz, nada a impedia de correr para ele rapidamente. Então Maomé amarrou um pequeno livro que tinha escrito nos chifres desta vaca, depois trancou-a na tenda em que habitava. Ao terceiro dia, apareceu no meio das pessoas que haviam se reunido à sua volta, e, tomando um assento alto, começou a discursar [pregar ou iludir] para aquelas pessoas em alta voz. Logo que a vaca ouviu a sua voz, saiu subitamente da tenda que estava próxima e, avançando através da multidão, carregando o livro preso nos seus chifres, veio e deitou-se aos pés do profeta, como que para o felicitar<sup>302</sup> [tradução nossa].

<sup>301</sup> “*Plebeia opinio est quemdam fuisse, qui, si bene eum exprimo, Mathomus nuncupetur, qui quondam eos a Filii et Spiritus sancti prorsus credulitate diduxerit, solius Patris personae, quasi Deo uni et creatori inniti docuerit, Jesum purum hominem dixerit, et, ut breviter ejus dogma concludam, circumcissione quidem decreta, totius eis impudicitiae laxavit habenas*”, GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. **Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per Francos [...]**. Omnia studio et opera D. Lucae d'Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica), Livro I, Capítulo III.

<sup>302</sup> “*Quo facto, infinitae multitudinis vulgus aggregat, et ut magis vaga corda praemissa religione deciperet, triduo eis jejunare imperat, et ut Deum attente postulent pro legis acceptione sollicitat. Hoc etiam eis signum dat: Quia si Deo sibi legem dare placuerit, more eis insolito, et per manum, de qua non speratur, dabit. Interim vaccam habebat, quam ita manui suae assuefecerat ut quotiescunque aut ejus vocem audiret, vel videret praesentiam, vix eam vis ulla teneret quin ad eum intolerabili quadam aviditate concurreret. Factum igitur libellum cornibus animalis circumligat et in tentorio quo versabatur illud occultat. Tertio denique die super omnem qui convenerat populum eminens, tribunal ascendit, et declamare productis vocibus ad populum coepit. Quae cum, ut ita dixerim, summa aure verborum sonum attigisset, e tentorio subterjacenti confestim egreditur, et per medias coadunatarum gentium turmas, volumine cornibus imposito, ad pedes loquentis quasi congratulatura vacca contendit.*”, *Ibidem*, Livro I, Capítulo IV.

O livro trazido pela vaca foi interpretado como um prodígio pela multidão. O milagre ocupava um espaço importante no imaginário religioso medieval, estes acontecimentos sobrenaturais eram a confirmação da ação divina<sup>303</sup>. Por exemplo, uma pessoa era verdadeiramente santa quando por meio de sua intercessão eram realizados milagres; uma relíquia é entendida como verdadeira, quando por meio dela e ao seu redor curas e milagres acontecem.

Enquanto a multidão inebriada acreditou na suposta revelação, a forma com que Guiberto de Nogent narra o episódio possui um tom satírico e irônico, de associar o profetismo de Maomé e o seu livro sagrado a um animal como uma vaca, isso pode ser lido como uma tentativa de denegrir a reputação da fé islâmica. Os animais frequentemente ocupam posições simbólicas nas religiões, na tradição judaico-cristã frequentemente vemos a presença de alguns animais: cobra, pombas, leões, ovelhas, bovinos, porcos, cachorros, pelicano etc. A simbologia animal foi largamente utilizada durante a Idade Média, a representação e descrição desses animais na arte, na liturgia ou nos textos da Cristandade possuíam uma lição moral, representavam pecados, virtudes e características importantes do cristianismo<sup>304</sup>.

A ambiguidade está presente principalmente nos simbolismos de animais com chifres, muito recorrentes nos bestiários. Ora, eles carregam um sentido virtuoso vistos como animais crísticos, vinculados ao sacrifício, ora carregam o sentido negativo, representam o orgulho, o pecado e encontram paralelo com os chifres encontrados nas figuras demoníacas<sup>305</sup>. O boi carrega o sentido de mansidão<sup>306</sup> - enquanto o touro está mais vinculado a força -, é o símbolo do espírito de sacrifício cristão, seus chifres fazem alusão a Lua, ao Sol e a aureola do cordeiro crístico<sup>307</sup>. Do lado virtuoso, a vaca está associada ao leite, à terra e à fertilidade<sup>308</sup>, contudo, do lado negativo a vaca aparece como oposição ao boi, ao lado do corvo e do cachorro simboliza as “mesquinhas da alma humana”, do pecado<sup>309</sup>. Enquanto o boi é a figura de um livro inspirado por Deus na perspectiva cristã – o evangelho de Lucas – a vaca é a figura que carrega um livro cujo teor sagrado

<sup>303</sup> Ver o verbete *Milagre* escrito por André Vauchez no *Dicionário analítico do Ocidente Medieval* organizado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt.

<sup>304</sup> BRUINELLI, Tiago Oliveira. Simbologia Animal: a pomba e o corvo nos bestiários medievais. *Revista Aedos*, v. 2, n. 2, 2009, p. 230.

<sup>305</sup> AMATO, M. C. Os simbolismos dos animais com chifres em bestiários ingleses. *Medievalista* [online], 25, p. 1-11, 2019, p. 4

<sup>306</sup> CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. – 16 ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2001, p. 137.

<sup>307</sup> DELORT, R. Animais. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J.C. (orgs.). *Dicionário analítico do Ocidente medieval*. São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 71.

<sup>308</sup> CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Op. cit.*, p. 926

<sup>309</sup> MONGELLI, L. M. Animais em desfile. *Língua e Literatura*, n. 23, p. 279-282, 1997, p. 282.

foi forjado para enganar a multidão dos fiéis, na visão de Guiberto de Nogent. Poderíamos ainda, acrescentar a influência da moral sexual do autor, a oposição entre a figura masculina do boi superior à figura feminina da vaca, são hipóteses.

Em seguida a este relato do livro sagrado dos muçulmanos, Guiberto detalha como se deu a morte de Maomé:

Vamos agora relatar o fim deste grande e maravilhoso legislador. Já disse que ele sofria de ataques epiléticos: um dia, enquanto caminhava sozinho, sofreu uma destas convulsões, e enquanto era atormentado por elas, alguns porcos encontraram-no e devoraram-no com tanta gula, que o comeram completamente e apenas os seus calcanhares foram encontrados como os restos do seu corpo [...] <sup>310</sup> [tradução nossa].

De acordo com Guiberto, a doutrina maniqueísta defendia que em tudo o que era consumido havia uma parte impura de Deus, que era purificada pelo triturar dos dentes e pela digestão, esse processo gerava novos anjos. Os porcos que comeram a carne de Maomé criaram muitos anjos e os liberaram por meio de flatulências <sup>311</sup>.

Os termos “grande e maravilhoso” se referem de forma irônica a Maomé, afinal Guiberto o considera o grande causador de heresias e infidelidade no Oriente, um alienador do povo. A epilepsia e ser comido pelos porcos são imagens satíricas se tratando de um homem que era declarado como profeta. Nessa visão de Guiberto, um profeta verdadeiro morreria como mártir ou teria uma morte mais louvável e honrosa. Nesse ponto, temos a presença de uma outra figura simbólica animal, o porco é considerado um animal impuro na religião judaica, vive em ambientes imundos e se alimenta de coisas imundas. Algumas vezes este animal era visto na Idade Média como devorador dos seus filhotes, pisoteavam-se uns outros pela comida em meio a lama e a

---

<sup>310</sup> “*Sed hunc tantum tamque mirificum legislatorem quis exitus de medio tulerit, dicendum est. Cum subitaneo ictu epilepticos saepe corrueret, quo eum superius diximus laborare, accidit semel, dum solus obambulat, ut morbo elisus eodem caderet, et inventus, dum ipsa passione torquetur, a porcis in tantum discerpitur ut nullae ejus praeter talos reliquiae invenirentur [...]*”, GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. **Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per Francos [...]**. Omnia studio et opera D. Lucae d'Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica), Livro I, Capítulo IV.

<sup>311</sup> “*Quod si Manichaeorum sunt vera repurgia sectae, ut in omni quod comeditur pars quaedam maneat commaculata Dei; et dentium comminatione et stomachi concoctione pars ipsa Dei purgetur; et purgata jam in angelos convertatur, qui ructibus et ventositate extra nos prodire dicantur, sues de hujus carnibus pastas, quod credimus angelos effecisse et magis hinc inde flatibus emisisse?*”, *Ibidem*, Livro I, Capítulo IV.

sujeira, era notado pelo prisma da bestialidade<sup>312</sup>, os porcos são associados ao apetite excessivo, e a justiça contra o profeta islâmico se cumpriu quando foi entregue a este apetite bestial<sup>313</sup>.

Num primeiro momento Guiberto narra a ascensão de Maomé como profeta, como inebriou a multidão e converteu muitos aos seus dogmas, em seguida narra uma morte vexatória que é resultado da sua infidelidade e de suas heresias. É um processo de apoteose, como aquela sofrida pelo imperado Cláudio, que ao invés de deus foi transformado em uma abóbora<sup>314</sup>. Essa representação da morte de Maomé é claramente uma ofensa aos muçulmanos vistos, como inimigos por Guiberto. Ter sido devorado por animais bestiais encontra um paralelo com as representações grotescas dos muçulmanos no *Inferno* de Dante, especialmente de Maomé e de seu filha, com corpos fragmentados que por sua vez elucidam o distanciamento da fé islâmica com o cristianismo<sup>315</sup>.

Distanciamento e aproximação são pontos importantes nas relações dos cristãos latinos com outros grupos étnicos-religiosos. Os cristãos orientais, independente das diferenças doutrinárias e teológicas, estão mais próximos pelas matérias principais da fé e ambas as realidades estiveram unidas até o Cisma de 1054, além disso algumas tentativas de reaproximação foram realizadas ao longo dos séculos e diálogos eram mais possíveis.

Os judeus são próximos na matéria da tradição abraâmica, nos textos bíblicos do Antigo Testamento e nas bases do pensamento cristão, as figuras principais do cristianismo foram judias, Jesus viveu e morreu como judeu. Entretanto, há ao longo do desenvolvimento do cristianismo um distanciamento desta identidade, os judeus são diferenciados pelas vestimentas, são agrupados em locais separados das cidades (guetos e judiarias), frequentemente expulsos e objetos da violência cristã. Percebemos no cristianismo medieval uma valorização da história bíblica, uma associação dos reis a Salomão e Davi, os profetas como importantes figuras. Mas ao mesmo tempo, uma profunda negação motivada pela recusa judaica à encarnação de Jesus, e tentativa de rompimento a qualquer associação com o judaísmo.

---

<sup>312</sup> DELORT, R. Animais. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J.C. (orgs.). **Dicionário analítico do Ocidente medieval**. São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 69.

<sup>313</sup> LEVINE, R. Satiric Vulgarity in Guibert de Nogent's *Gesta Dei per Francos*. **A Journal of the History of Rhetoric**, University of California Press, v. 7, n. 3, p. 261-273, 1989, p. 289.

<sup>314</sup> *Ibidem*, p. 273.

<sup>315</sup> KRUGER, S. F. Medieval Christian (Dis)identifications: Muslims and Jews in Guibert of Nogent. **New Literary History**, The Johns Hopkins University Press, v. 28, n. 2, Medieval Studies, p. 185-203, 1997, p. 188.

A presença massiva de judeus e muçulmanos em Jerusalém e em outros lugares santos parece ter se tornado um incômodo aos cristãos, os judeus eram um problema, mas eram também mais inseridos na Cristandade, estavam espalhados por toda a Europa e, embora rechaçados, mantinham melhores relações. A maior problemática eram os muçulmanos e a constante aproximação deste grupo das fronteiras da Cristandade medieval, ocupando a Península Ibérica, o norte da África e o Oriente, o Islã se coloca no cenário do global medieval como uma força que poderia invadir a Europa, não só territorialmente, mas religiosa e culturalmente<sup>316</sup>. Desse modo, qualquer proximidade com os muçulmanos era considerada um perigo.

Algumas vezes, Maomé fora descrito inicialmente como um cristão que rejeitou a fé e a partir dessa ruptura criou uma religião, esse fato é interpretado como uma grande heresia<sup>317</sup>, inclusive em um trecho supracitado, vemos que Guiberto afirma que o profeta muçulmano ensinou deturpações da Trindade. Parece ser mais grave uma “traição” da verdadeira fé a partir de dentro, uma apostasia, do que a recusa judaica à encarnação.

Compreender esta tripla relação – afinal, estes três grupos estavam em constante contato, principalmente no Mediterrâneo e o no Oriente – demandaria um longo, amplo e profundo estudo. Fato, é que as Cruzadas tiveram a sua influência nessas conexões, por meio do comércio, a coabitação ou a guerra, seja pelos intercâmbios intelectuais e culturais, seja ainda pelo aumento da dificuldade dos diálogos, intensificando conflitos e distanciamentos. Notamos neste ponto uma noção de identidade – aquela mesma que começa a despertar com o surgimento de um gênero autobiográfico – de grupos religiosos e étnicos, Guiberto parece se preocupar com essa questão do que é uma Cristandade e do ser cristão, em oposição a um ‘outro’ judeu, muçulmano, até mesmo cristão oriental. Uma perspectiva de um ‘nós’ cristão lutando belicosamente, politicamente ou religiosamente contra o ‘outro’ herege, infiel, pecador.

Guiberto ataca a principal figura do Islã, se refere de maneira muito pejorativa a judeus e muçulmanos, define os cristãos gregos como culpados da desgraça da expansão muçulmana devido aos seus desvios da fé verdadeira. O faz com a intenção de que os cristãos latinos não se misturem ou compactuem com essas outras doutrinas infiéis, deicidas e heréticas. Além disso, as Cruzadas têm sua contribuição na construção de uma consciência de unidade cristã ocidental, mesmo grupos europeus divergiram em seus interesses políticos e religiosos, cruzadas foram realizadas dentro do

---

<sup>316</sup> KRUGER, S. F. Medieval Christian (Dis)identifications: Muslims and Jews in Guibert of Nogent. **New Literary History**, The Johns Hopkins University Press, v. 28, n. 2, Medieval Studies, p. 185-203, 1997, p. 186.

<sup>317</sup> *Ibidem, loc. cit.*

próprio Ocidente<sup>318</sup>. Por exemplo o título da obra de Guiberto ressalta que Deus agiu principalmente em favor dos francos, um povo escolhido, mesmo que o texto cite outros povos europeus, há um destaque deste grupo.

### 3.2.3 *Uma leitura da Primeira Cruzada*

Acreditamos ser importante destacar, mesmo que brevemente, o aspecto divino e providencial atribuído à Cruzada por Guiberto de Nogent. A vitória dos cristãos, que algumas vezes aparecem em menor número nos relatos, sobre um “mar de gentios”, é interpretada como confirmação da intervenção divina e do desejo de que a expedição acontecesse<sup>319</sup>. Isso nos coloca diante de um fator óbvio e de extrema importância, o texto de Guiberto não é somente uma narrativa da Primeira Cruzada, é em maior grau uma interpretação teológica posterior deste acontecimento, influenciada pela vitória nos campos de batalha e a fundação do Reino Latino de Jerusalém e outros territórios no Oriente (Figura 09). Por isso, Guiberto teve as condições necessárias para que a sua argumentação apologética, a rigor da cultural intelectual monástica inspirada na Patrística, fizesse sentido ao narrar a bem-sucedida expedição.

---

<sup>318</sup> BOEHM, L. “Gesta Dei per Francos” –oder “Gesta Francorum”? Die Kreuzzüge als historiographisches Problem. *Saeculum*, v. 8, n. JG, p. 43-81, 1957, p. 45.

<sup>319</sup> GARAND, M-C. Introduction. GUIBERT DE NOGENT. *Geste de Dieu par les Francs*. Histoire de la première croisade. Introduction, traduction et notes par Monique-Cécile Garand. Turnhout: Brepols, 1998, p. 11.



**Figura 09:** Mapa dos territórios cristãos latinos na Primeira Cruzada. Estes territórios estão marcados com uma cruz vermelha: Reino de Jerusalém, Condado de Trípoli, Principado de Antioquia, Condado de Edessa. Este arquivo é derivado originalmente de Near East 1135.svg e foi modificado por Renato de Carvalho Ferreira para a versão em português. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Map\\_Crusader\\_states\\_1135-pt.svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Map_Crusader_states_1135-pt.svg).

Guiberto procurou definir um significado teológico-exegético à Cruzada, se baseando na Bíblia, nos autores da Patrística e nos autores latinos clássicos, atribuindo à expedição um valor superior. Em primeiro lugar, a conquista de Jerusalém foi interpretada como algo superior a qualquer outra conquista que se tinha conhecimento:

Me refiro aqui da vitória incomparável conquistada na expedição a Jerusalém, uma vitória tão gloriosa que se mostra aos olhos de quem não é tolo, que nos



regozijemos muito ao ver o nosso século adquirir um título de júbilo que não fora obtido nos séculos passados<sup>320</sup> [tradução nossa].

Em segundo lugar, Christopher Tyerman afirma que

a guerra santa cristã, portanto, derivou da Bíblia seus elementos essenciais: mandamento divino; identificação com os israelitas, escolhidos por Deus; e um senso de atuação em eventos que levam ao Apocalipse [...] A visão histórica e emocional do santo guerreiro abarcava o temporal e o sobrenatural. A luta era muito material, mas o propósito era transcendente<sup>321</sup> [tradução nossa].

Sabemos que a inspiração desses elementos bíblicos, por si só, não explica a guerra santa, existe uma influência política, social, econômica que discutimos no início deste trabalho. Contudo, este tópico tem por objetivo apresentar que estes mesmos elementos foram usados não somente no desenvolvimento da guerra santa e da Cruzada, mas retomados nas interpretações e escritos posteriores que se referiam à expedição no Oriente para justificar o seu caráter divino.

A perspectiva de um sucesso nunca atingido corrobora com o prisma da grandeza de uma intervenção divina, mesmo diante de todas as dificuldades, desafios e crueldades dos inimigos. A tradição bíblica se torna um sustentáculo dessa interpretação à medida que existe tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, referências a guerras bélicas que são aprovadas e lideradas por Deus e guerras espirituais de um enfrentamento entre bem e mal. Os livros de *Gênesis*, *Êxodo*, *Josué*, *Juízes*, *Samuel*, *Crônicas*, *Macabeus* e *Salmos* são repletos de histórias de guerras travadas pelos hebreus/israelitas, nestas, o exército do povo escolhido recebe o auxílio divino e suas bênçãos, tão marcante é este ambiente bélico que um dos nomes atribuídos a Iahweh é o termo *sabaoth*, que significa ‘senhor dos exércitos’. No caso do Novo Testamento, as cartas de Paulo e os textos apocalípticos joaninos apresentam referências a batalhas espirituais, à perseguição dos primeiros adeptos à fé, o clima de conflitos permanece, mesmo que em uma compreensão mais transcendental.

---

<sup>320</sup> “*De nova et incomparabili Jerosolymitanae expeditionis victoria loquimur, cujus tanta erga eos qui non desipiunt existit gloria ut nostra, quod nulla praeterita meruerunt, tali titulo jubilemus insigniri tempora.*” GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. **Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per francos** [...]. Omnia studio et opera D. Lucae d'Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica), Livro I, Capítulo I.

<sup>321</sup> TYERMAN, C. **The Crusades**: a very short introduction. New York: Oxford University Press, 2004, p. 68.

São evidentes os paralelos destes elementos bíblicos com a interpretação de Guiberto. A presença do mandamento divino, uma guerra que foi despertada pela vontade de Deus e liderada por ele, a identificação dos francos com os israelitas como um povo escolhida para realizar a vontade divina

Ele estendeu a glória do seu povo,  
 Revestiu a couraça como um gigante  
 E cingiu suas armas de guerra;  
 Sustentou muitas batalhas,  
 Protegendo o acampamento com sua espada.  
 Foi semelhante ao leão nas suas façanhas,  
 E ao filhote que ruga sobre a presa<sup>322</sup>.

Eles não tinham rei, cada fiel possuía somente Deus como seu único guia [líder]. Todos se consideravam companheiros de Deus, ninguém jamais duvidou que o Senhor caminhava diante deles, alegrando-se [Deus] por terem assumido essa missão de sua vontade e sob sua inspiração [as divinas], alegrando-se [os homens] com a esperança de ter a Deus como apoio e conforto de todas as necessidades<sup>323</sup> [tradução nossa].

Deus está em seu meio: ela é inabalável  
 Povos estrondam, reinos se abalam,  
 Ele alteia sua voz e a terra se dissolve  
 Iahweh dos Exércitos está conosco,  
 Nossa fortaleza é o Deus de Jacó!  
 Vinde ver os atos de Iahweh,  
 É ele quem na terra faz assombros<sup>324</sup>.

Esta história, que sempre considerei ter sido realizada apenas pelo poder de Deus e pelos homens que ele escolheu [...] Deus guiou os seus servos em sua expedição, por meio de tantos obstáculos, dissipou perante eles todos os perigos<sup>325</sup> [tradução nossa].

<sup>322</sup> I Macabeus, 3, 3.4. **BÍBLIA DE JERUSALÉM**. São Paulo: Paulus, 2017. (12ª reimpressão).

<sup>323</sup> “*Ipsa regem non habuit, quia quaeque fidelis anima omni ducatu, praeter solius Dei caruit, dum illius se contubernalem aestimat, eumque praevium sibi esse non dubitat, cujus voluntate et instinctu se coepisse, quem in egestatibus solatio sibi futurum conjubilat.*”, GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. **Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per francos [...]**. Omnia studio et opera D. Lucae d'Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica), Livro I, Capítulo I.

<sup>324</sup> Salmo 46 (45), 6.9. Ver também Salmo 18 e Salmo 144. **BÍBLIA DE JERUSALÉM**. São Paulo: Paulus, 2017. (12ª reimpressão).

<sup>325</sup> “*Quam enim certum semper tenui solo Dei numine, et per quos voluit consummatam [...] Qui enim eos per tot difficultates traduxit itinerum, qui succidit ante ipsos tot excrementa bellorum*”. GUIBERT DE NOGENT, *Op. cit.*, Prefácio.

Pois tu és um povo consagrado a Iahweh teu Deus; foi a ti que Iahweh teu Deus escolheu para que pertences a ele como seu povo próprio, dentre todos os povos que existem sobre a face da terra<sup>326</sup>.

Enquanto as convocações da Sé Apostólica pareciam especialmente dirigidas ao povo franco, que pessoas, vivendo sob o direito cristão, não saíram imediatamente em grupos, acreditando que deviam a Deus a mesma fidelidade que os francos possuíam, não se empenharam com esforço para se unirem à missão com eles [os francos] e enfrentarem juntos os perigos?<sup>327</sup> [tradução nossa]

Não sabemos se Guiberto se inspirou e buscou retomar em sua obra exatamente estes textos bíblicos, todavia eles já nos servem de parâmetro a fim de compreendermos que o autor desenvolveu uma apologia à Cruzada, baseada nos textos sagrados para o cristianismo que por sua vez atribuíam a seu escrito uma determinada autoridade e valor religioso. Este não é o único aspecto religioso presente nesta fonte da Primeira Cruzada, uma outra temática se relaciona mais com o campo doutrinário e da religiosidade popular medieval.

---

<sup>326</sup> Deuteronomio 7, 6. **BÍBLIA DE JERUSALÉM**. São Paulo: Paulus, 2017. (12ª reimpressão).

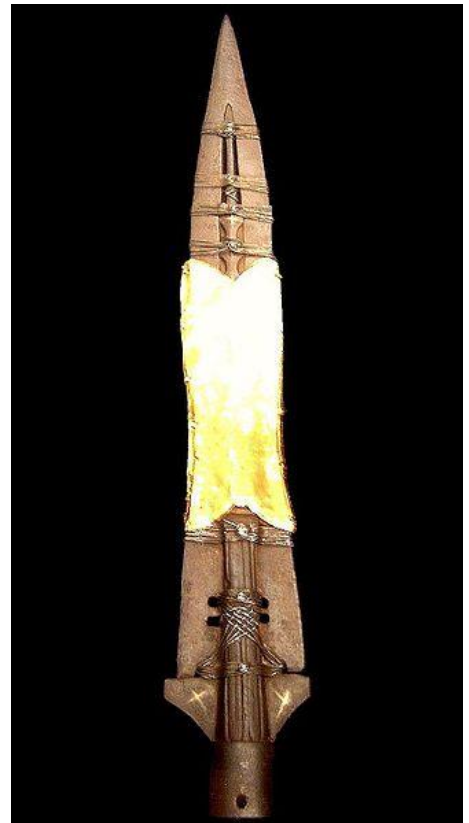
<sup>327</sup> “*Cum solam quasi specialiter Francorum gentem super hac re commonitorium apostolicae sedis attigerit, quae gens Christiano sub jure agens non illico turmas edidit: et dum pensat se Deo eamdem fidem debere quam Franci, Francorum quibus possunt viribus, nituntur et ambiunt communicare discrimini?*”, GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. **Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per francos [...]**. Omnia studio et opera D. Lucae d'Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica), Livro I, Capítulo I.

### 3.3 As Cruzadas, a Lança Sagrada e outras relíquias

*“A partir do inverno de 1099-1100 eles [os cruzados] começaram a reaparecer na Europa, levando consigo não riquezas, mas relíquias, as quais entregaram para igrejas locais [...]”<sup>328</sup>*

Assim como em relação aos muçulmanos, um dos posicionamentos mais críticos de Guiberto de Nogent, é em relação às relíquias cristãs que são objetos tratados por ele em mais de uma obra, tanto em *Dei gesta per francos* quanto em *De pigneribus sanctorum*, que se constitui um tratado teológico sobre as relíquias dos santos. Estes objetos sagrados são símbolos da santidade, confirmação da ação divina na vida dessas pessoas consideradas santas, e, aquelas atribuídas à vida de Jesus são as relíquias de maior prestígio<sup>329</sup>. Em sua história da Primeira Cruzada, Guiberto de Nogent se refere em alguns momentos à Lança Sagrada ou Lança do Destino (Figura 10), que de acordo com a tradição cristã, seria a lança que o soldado chamado Longinus (posteriormente reconhecido com São Longuinho) perfurou as costelas de Jesus na cruz. Antes de tratarmos propriamente deste trecho da fonte, se faz necessário compreendermos as relíquias neste contexto medieval.

A etimologia da palavra *reliquia* em português costuma derivar do termo latino *reliquae*, ao qual é atribuído o significado de ‘aquilo que restou’, ‘sobra’/‘resto’, isto é o que por primeiro caracteriza uma relíquia, um resto sagrado de alguém sagrado ou alguma coisa ligada a esta pessoa. Contudo, é possível que se estabeleça uma segunda etimologia, esta por



**Figura 10.** Lança Sagrada ou Lança do Destino. De acordo com a tradição essa seria a lança encontrada por Pedro Bartolomeu durante a Primeira Cruzada e está conservada no Tesouro Imperial da Áustria, em Viena. Além da Lança conservada em Viena, há uma em Etchmiadzin na Armênia, outra em Esmirna na Turquia e outra em Cracóvia na Polónia. Disponível em: [https://pt.frwiki.wiki/wiki/Sainte\\_Lance](https://pt.frwiki.wiki/wiki/Sainte_Lance)

<sup>328</sup> RILEY-SMITH, J. **As Cruzadas**: uma história. Campinas: Ecclesiae, 2019, p. 119.

<sup>329</sup> NASCIMENTO, R. C. S. Relíquias e peregrinações na Idade Média. In: SILVA, P. D; NASCIMENTO, R. C. S. (org.). **Ensaio de História Medieval**: temas que se renovam. Curitiba: CRV, 2019, p. 79.

sua vez baseada nos escritos de Guiberto de Nogent. Na citação da morte do profeta islâmico, o autor se refere aos calcanhares de Maomé como *reliquae*<sup>330</sup>, dizendo que o que restou de seu corpo foram apenas estas partes. Mas em *De pigneribus sanctorum* Guiberto se utiliza do termo *pigneribus* que pode significar ‘penhor’, ‘prova’, ‘sinal’ e ‘objeto de afeição’, ao verbo latino *pigneror* é atribuído o significado de ‘receber como garantia’, sendo assim, em sua concepção uma relíquia verdadeira é aquela que é um sinal divino, uma garantia da santidade.

A existência de relíquias não é de forma alguma, algo presente apenas no cristianismo, existem objetos sagrados em diversas religiões pelo mundo, as tábuas dos Dez Mandamentos e o Cajado de Moisés eram importantes relíquias para os judeus; os dentes de buda venerados no Sri Lanka por algumas tradições budistas; a Pedra Negra para os muçulmanos que remonta à Adão e Eva e se situa na Caaba, são todas relíquias. No caso do cristianismo essas relíquias podem ser diferentes objetos: as relíquias de primeiro grau podem ser corpos inteiros e membros – relíquias insignes – ou fragmentos destes corpos (ossos, unha, cabelo, pele etc); as de segundo grau são objetos que pertenceram a essas pessoas ou estiveram em contato com elas durante a vida (roupas, livros, instrumentos etc.); as relíquias de terceiro grau são objetos que entraram em contato com o corpo já morto do santo (normalmente pedaços de tecido que são tocados nos ossos).

O Ocidente Medieval foi marcado pela religiosidade cristã, em suas diversas expressões populares ou oficiais (aquela definida pelo clero), além disso o pensamento cristão estava em expansão tanto territorialmente quanto em termos de pensamento, novas doutrinas surgiram no contexto das Cruzadas. Dentro desse aspecto da amplitude da religiosidade, Henri Platelle<sup>331</sup> afirma que o culto às relíquias penetrou a vida religiosa e social da Idade Média. Desde o século IV a Cristandade foi o palco da proliferação de relíquias nas igrejas, mosteiros e castelos, contando com um novo vigor expansionista a partir da Primeira Cruzada e o transporte de muitas relíquias oriundas do Oriente.

Estes objetos assumem mais do que um valor religioso, muitas igrejas disputavam a primazia na posse de relíquias, o que gerava conflitos entre os clérigos, reis e nobres, afinal a

<sup>330</sup> “[...] *a porcis in tantum discerpitur ut nullae ejus praeter talos reliquiae invenirentur*” GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. **Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per francos [...]**. Omnia studio et opera D. Lucae d'Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica), Livro I, Capítulo IV.

<sup>331</sup> PLATELLE, H. Guibert de Nogent et le De pigneribus sanctorum. Richesses et limites d'une critique médiévale des reliques. In: **Les reliques. Objets, cultes, symboles**. L'Annuaire de la Conférence internationale de Université du Littoral-Côte d'Opale (Boulogne-sur-Mer) 4 - 6 de setembro de 1997, p. 109-121, 1999, p. 109.

presença de uma relíquia era uma forma de *status* religioso, legitimação do poder político e o poder divino de governar. Os reis possuíam este apresso pela posse de relíquias, já que estas, entendidas neste período como uma materialização do sagrado, lhes garantia não somente a proteção divina para o reino, mas significava a legitimidade de seu poder e influência<sup>332</sup>. Os conhecidos livros de milagre narravam prodígios e curas realizadas por meio das relíquias, a fama taumatúrgica atraía peregrinos e conseqüentemente doações materiais para as igrejas (moedas, oferendas, terras). Estes fatores contribuíram para uma intensa rivalidade de clérigos e nobres pela posse de relíquias, que por sua vez resultou em inúmeros roubos, falsificações e abusos deste culto<sup>333</sup>.

Ao lado das relíquias, não podemos deixar de mencionar os relicários, espécies de urnas em formatos e materiais variados – normalmente em ouro e pedras preciosas – que não somente conservavam as relíquias, mas as ostentavam para veneração. De acordo com Hahn<sup>334</sup>, os relicários se tornam assim suportes da memória, em que as pessoas declaradas santas serão rememoradas por meio da veneração às relíquias e, cujos materiais de alta qualidade e extremamente caros à época, demonstram o valor e importância de determinado objeto. As relíquias possuíam uma importância na vida social, cultural e política das pessoas na Idade Média, e as Cruzadas contribuíram para isto. Na medida que muitas relíquias surgiram no Ocidente depois dessas expedições, principalmente objetos atribuídos à vida de Jesus, de Maria e dos apóstolos, e que foram espalhadas por toda Cristandade europeia.

Os fiéis estavam convencidos de que os santos continuavam presentes na terra por meio dos seus corpos, para a experiência da fé medieval, as relíquias não eram representações da santidade, mas eram interpretadas como objetos de ligação entre o mundo humano e o divino. As relíquias são objetos de memória, por meio delas as pessoas não caem no esquecimento, seus nomes e ações são lembrados, e um culto se desenvolve ao seu redor. Uma relíquia é um fragmento material com imenso significado espiritual, se torna na visão dos fiéis um pedaço vivo do corpo morto. Nota-se uma noção de *pars pro toto* (uma parte pelo todo), o menor fragmento possuía o mesmo valor que o corpo todo, o santo já se encontrava no Paraíso junto de Deus, suas relíquias correspondentes

---

<sup>332</sup> NASCIMENTO, R. C. S. Dos corpos santos à redistribuição dos ossos: a sacralidade aos pedaços. In: SOUZA, A. M. & NASCIMENTO, R. C. S. **Cultura, palavra e fé: narrativas e sacralidades no mundo ibérico**. Curitiba: Brazil Publishing, 2019, p. 149.

<sup>333</sup> GUIANCE, A. Santos, reliquias y milagros en la hagiografía visigoda. *Pecia*, v. 8, p. 245-260, 2005, p. 252.

<sup>334</sup> HAHN, C. **The Reliquary Effect: enshrining the sacred object**. London: Reaktion Books, 2016, p. 20.

eram a garantia do sagrado, uma ligação direta com o divino que poderia se espalhar, quando outros objetos entravam em contato com aquele objeto santo<sup>335</sup>.

É consenso que o culto às relíquias se iniciou ao redor dos túmulos dos mártires, a narrativa do martírio de São Policarpo de Esmirna explicita a preocupação da comunidade de fé em preservar o seu corpo<sup>336</sup> e ao seu redor realizar as celebrações. Isso nos coloca diante de um outro aspecto das relíquias, a sua relação com os lugares onde são depositadas. A existência de uma relíquia sacraliza um lugar, sua presença, os rituais ali realizados, a presença de peregrinos transforma o lugar em um espaço sagrado. Cidades nascem ao redor de relíquias, igrejas e espaços urbanos se transformam com as transladações desses objetos<sup>337</sup>.

Os séculos XI em diante foram cenários de uma rápida expansão do culto às relíquias, muitas hagiografias, transladações e igrejas construídas com o objetivo de ostentar estes objetos para veneração e projetadas para receber peregrinos. É perceptível ainda um aumento da devoção em relação ao sofrimento de Jesus e um maior apego à Virgem Maria, de modo geral os camponeses foram os que mais se atraíram por esta fé devocional<sup>338</sup>. Percebemos isso quando em *De pigneribus sanctorum*, em relação ao mosteiro de Saint-Médard em Soissons, Guiberto afirma que os peregrinos eram oriundos de todos os lugares, até os mais distantes e que em sua maioria eram camponeses<sup>339</sup>.

Duas coisas são resultantes da expansão desse culto, a primeira delas, sobre a qual já falamos “a fragmentação ilimitada das relíquias e sua *translatio* de um extremo ao outro do Império contribuíram para a propagação do cristianismo e a unidade da experiência cristã coletiva. Os abusos, as fraudes, as rivalidades eclesiásticas e políticas, é certo, aumentaram com o passar do tempo”<sup>340</sup>. A segunda é a presença cada vez maior do culto dos santos e das relíquias nos escritos

<sup>335</sup> WHARTON *apud* SMITH, J. M. H. Rulers and Relics c. 750- c. 950: Treasure on Earth, Treasure in Heaven, Past & Present, Volume 206, Issue suppl\_5, Pages 73–96, 2010, p. 74-75.

<sup>336</sup> Ver PÍONIO DE ESMIRNA. Martírio de São Policarpo bispo de Esmirna: 400. In: **PADRES APOSTÓLICOS**. – trad. Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. – São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística)

<sup>337</sup> Ver ÀLVAREZ, M. R. A.; NASCIMENTO, R. C. S. **A sacralização do Espaço Ibérico**: vivências religiosas na Idade Média. Curitiba: CRV, 2020. Ver NASCIMENTO, R. C. S. As relíquias cristãs e a apropriação simbólica do território. **Opsis**, v. 18, n. 1, p. 142-153, 2018.

<sup>338</sup> MORRIS, C. A critique of popular religion: Guibert of Nogent on The relics of the saints. *Studies in Church History*, 8, p. 55-60, 1972, p. 56-58.

<sup>339</sup> “*Tumba superstruitur, locus ille domo aedificata praecingitur, ab ipsis certe Britanniae finibus ad eum peregrinantium soli rusticorum, nullorum vero procerum cunhei tendebantur*”. GUIBERT DI NOGENT. **De pigneribus sanctorum: 1115-1119**. – Ed. Jacques Paul Migne. Paris, [s.n], 1853, Livro III.

<sup>340</sup> ELIADE, M. **História das crenças e das ideias religiosas III**. De Maomé à Idade das Reformas. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 61.

medievais a partir do século XI, esse movimento tem em grande parte defensores deste culto, mas também aqueles que o criticavam e eram associados pelo primeiro grupo como hereges<sup>341</sup>. Guiberto de Nogent permanece no meio destes dois grupos, veremos que ele não nega o culto às relíquias e nem se demonstra cético a elas, mas estabelece que há relíquias verdadeiras, outras falsas e se propõe a criticar o abuso deste culto e ao culto dos santos, que estão intrinsicamente ligados.

Antes de apresentar a narrativa do achado da Lança Sagrada, Guiberto nota que a cidade de Constantinopla era um berço de relíquias. O imperador Aleixo I Comneno (1048-1118) afirmava possuir em sua residência a cabeça de São João Batista, contendo ainda pele e cabelo, tendo assim a aparência de uma cabeça viva. O abade de Nogent, afirma que esta relíquia era falsa<sup>342</sup> e que estas falsificações e abusos eram resultados da maldade de não permitirem que os santos pudessem permanecer enterrados<sup>343</sup>.

De acordo com capítulo IV do Livro V, os cristãos se encontravam desencorajados diante dos muros da cidade de Antioquia realizando o cerco que já se estendia por muito tempo. De acordo com Guiberto, neste momento Santo André apareceu diante de Pedro Bartolomeu e lhe revelou a localização da Lança Sagrada:

Antes que a cidade de Antioquia fosse conquistada pelos cristãos, a figura de Santo André, o apóstolo, apareceu diante de um homem do exército chamado Pedro e lhe disse: “O que você está fazendo?” Pedro ficou espantado, não respondeu à pergunta e questionou quem estava em sua frente. A figura não lhe escondeu que era o apóstolo André e disse: “Tenha conhecimento, meu filho, que quando Deus abrir as portas da cidade aos virtuosos Francos e eles entrarem, você deve ir à Igreja de São Pedro, meu irmão e apóstolo como eu, neste local encontrará a Lança, que transpassou o lado do nosso Salvador Jesus Cristo, como foi escrito<sup>344</sup> [tradução nossa].

<sup>341</sup> DALLALI, M. **Débat inexistant ou paroles persistantes**: la théologie des reliques au Moyen Âge, autour du *De pigneribus sanctorum* de Guibert de Nogent. 2010, 110 folhas. Dissertação (Mestrado). Département d'histoire - Faculté des Arts et Sciences. Universidade de Montréal, 2010, p. 43.

<sup>342</sup> “*et dicit 'apud se beati Joannis Baptistae caput haberi' Quod, quamvis falso dicat: «Hodieque, ac si viventis capillis, et cute videatur insigniri»* GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. **Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per francos [...]**. Omnia studio et opera D. Lucae d'Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica), Livro I, Capítulo V.

<sup>343</sup> “*Quod totum contentionis malum inde sumit originem quod sancti non permittuntur habere debita et immutabilis sepulturae quietem*”, *Ibidem*, Livro I, Capítulo V.

<sup>344</sup> “*Antequam quoque Antiochena civitas caperetur, cuidam de exercitu, Petro nomine, beati Andreae apostoli species apparuit, dicens: 'Quid tecum agitur?' Cui ille stupidus non ad interrogata respondit, sed, quis esset, quae sivit. Ille Andream apostolum se esse non tacuit. 'Noverisque, ait, fili, quia cum urbem, Deo aperiente, Francorum virtus intraverit, ad beati Petri coapostoli mei ac fratris Ecclesiam ibis, ibique tali in loco lanceam, qua Salvatoris nostri Jesu Christi perforatum legitur latus, invenire poteris'.*”. *Ibidem*, Livro V, Capítulo IV.



Inicialmente, Pedro não acreditou muito em sua visão e pensou que fosse um simples sonho e não relatou a ninguém o que havia acontecido. Santo André apareceu-lhe uma segunda vez, para dar a Pedro uma prova com que pudesse convencer as pessoas, e o levou em espírito para o lugar onde a Lança estava escondida<sup>345</sup>. Tendo os cristãos conquistado a cidade, Pedro e alguns homens se dirigiram até a Igreja de São Pedro (sede do patriarcado de Antioquia) e trabalharam por horas para escavar o lugar indicado por Santo André. Ao encontrar a Lança, Pedro anunciou a todos, que receberam o objeto com muita cerimônia. O milagroso achado foi interpretado como um sinal divino e os cruzados retomaram sua coragem e confiança para continuarem a guerra<sup>346</sup>.

Ademar, bispo de Le Puy e legado papal acompanhava a expedição e na batalha contra os turcos levou a Lança consigo para batalha, como sinal do auxílio divino<sup>347</sup>. Após a morte do bispo de Le Puy, que foi enterrado no mesmo lugar em que encontraram o objeto sagrado, algumas pessoas começaram a duvidar e questionar a veracidade da Lança e exigiam de Pedro Bartolomeu uma prova da veracidade da relíquia

Este homem foi obrigado a testemunhar diante daqueles que duvidavam, foi obrigado a aceitar as condições impostas, com a finalidade de esclarecer aos incrédulos. A pedido destes homens, duas piras foram erguidas, separadas entre si por um côvado; a multidão estava ávida pelo que aconteceria e empilharam grande quantidade de lenha, grandes chamas se estendiam de todos os lados. O pobre Pedro elevou uma oração de lamento ao Deus misericordioso, que é a própria Verdade, dizendo que o Senhor sabia que ele jamais agiu com invenções [excessos] e contra a vontade divina sobre a Lança. Velozmente, Pedro correu em meio aquele corredor tenebroso que atravessava as grandes chamas e retornou pelo mesmo caminho<sup>348</sup> [tradução nossa].

<sup>345</sup> “*Ad haec verba gloriosus apostolus hominem corripuit, et ad beati fratris basilicam, in eum quo erat reposita lancea locum spiritaliter asportavit.*”. GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. **Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per Francos [...]**. Omnia studio et opera D. Lucae d'Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica), Livro V, Capítulo IV.

<sup>346</sup> “*Indice itaque illo, ad locum, quem designaverat, ab omnibus curritur, et in Ecclesia Beati Petri secus altare Dominicum fieri fossa iubetur. Tredecim ergo hominibus, a luce prima in vesperum, haustam efferentibus terram, homo ipse invenit lanceam. Videntes autem auditae visioni omnimodis concinuisse rem gestam, magnam cuncti concepere laetitiam, nec minorem laetitiam, jam contra omnis hostis audaciam. Acceptam hoc modo lanceam cum ingenti extulere gloria, et ab illa die, de bello agendo coepere fidenter inire concilia*”. *Ibidem*, Livro VI, Capítulo, I, I.

<sup>347</sup> “*Quartae praefuit vir spectabilis Podiensis epicopus, ferens secum lanceam quae recens inventa fuerat Salvatoris*”. *Ibidem*, Livro VI, Capítulo II, VI.

<sup>348</sup> “*Compellitur ut dubiis vir ille fidem reddat; quae extorquentur ab ipso, cogitur, solius eorum causa curandae infidelitatis, ut subeat. Ipso igitur imperante, rogi duo vix cubiti brevissimi spatium a se distantes instruuntur, multae a populis, rerum novarum cupidis, materiei strues ingeritur, ac utrarumque partium flamine confluentibus globis,*

Segundo a narrativa, quando a multidão viu que Pedro saíra ileso das chamas, a multidão ficou estarelecida e interpretou a prova de fogo como um sinal divino e de sua santidade, todos correram em sua direção e quiseram guardar algo de suas roupas ou de seu corpo como relíquias. Puxaram Pedro de todos os lados, pelo impulso da obtenção de relíquias as pessoas esquetejaram-no e assim o mataram<sup>349</sup>. Após esse episódio, algumas pessoas voltaram a duvidar da veracidade da Lança, afinal Pedro havia morrido e a Lança não o protegeu da morte, apenas do fogo. Neste ponto Guiberto diz que apesar das opiniões contrárias, Ademar de Le Puy ter recebido a Lança com veneração e ter sido enterrado no local de seu achado, é um sinal da veracidade de tal objeto<sup>350</sup>.

Em outro momento do texto, no Livro VIII, Guiberto diz que Fulquério de Chartres nega a *inventio* da Lança da Sagrada, afirmando que Pedro Bartolomeu saiu completamente queimado da prova de fogo como prova de sua falsidade. Guiberto de Nogent discorda da posição de Fulquério, afirma que os testemunhos contemporâneos (provavelmente se referindo aos cruzados que retornaram do Oriente), dizem que a Lança era verdadeiramente uma relíquia de Jesus e que textos antigos que relatavam visitas aos lugares santos, relatam que as pessoas que passavam por Antioquia antes do domínio muçulmano veneravam a Lança. O abade de Nogent ofende Fulquério, afirmando que enquanto os cruzados morriam de fome no cerco de Antioquia, ele se esbaldava com banquetes na cidade de Edessa e acrescenta que o senhor da cidade, Balduíno reconheceu a veracidade da Lança<sup>351</sup>.

---

*inter ardentia ligna semita admodum angusta relinquitur. Deum ergo, qui veritas est, et praeter cujus nutum super hac re nil se egisse cognoscit, misericordem, miserabili, ut par erat, oratione compellat, et per opacum pyrae furentis tramitem tota vivacitate praetervolat, et per hunc ipsum callem mox rediit quo venerat*", GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. **Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per Francos [...]**. Omnia studio et opera D. Lucae d'Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica), Livro VI, Capítulo VIII.

<sup>349</sup> *"et dum incolumem focus excessisse conspiciunt quasi de ejus aliqua, pro reliquiis retenturi, aut corpore aut vestibus, dum hinc et inde vellicant, hac illacque distendunt, ei, in tanto diripientium et impellentium constituto tumultu, animam extorserunt"*, *Ibidem*, Livro VI, Capítulo VIII.

<sup>350</sup> *"illum gloriosum praesulem, omni sacrosantam lanceam scimus veneratione complexum, adeo ut in eo ipso, quo reperta fuerat, loco, sit ejusdem pontificis corpus ipso praecipiente sepultum"*, *Ibidem*, Livro VI, Capítulo VIII.

<sup>351</sup> *"Lanceae Dominicae inventoem cassare dicitur, e quia falsitati obnoxius erat, hominem damnatum praesumpti ignis adustione testatur. Cui non modo super hac re modernorum testimonia refragantur; sed etiam vetustissimi quique fide plenissima stipulantur quod, cum olim loca sancta expeterent, antequam Turci Orientis ac Syriae regna pervaderent, eamdem in eadem urbe lanceam adorare deoscularique solerent. Nunquid nam Fulcherii presbyteri, qui, nostris apud Antiochiam fama periclitantibus, feriatu epulabatur Edessae, tot prudentium, qui interfuere dum reperiretur, ingeniis praevaleret argutia? cum etiam Balduinus, que post regem Balduinum Edessae praefatae praefuit, in sua ad archiepiscopum Manassem profiteatur epistola, cum eam beato revelante Andrea repertam, tum a nostris audaciam, contra Turcos ingruentes praeliandi, fiducia ipsius admissam."*, *Ibidem*, Livro VIII, Capítulo IX

Em seguida, Guiberto relata outro episódio que, para ele, poderia ser tomado como prova da veracidade da relíquia. Ademar de Le Puy toma a Lança ao marchar em uma guerra em Antioquia e os inimigos

deram a ordem de incendiar a floresta [campo de batalha], o bispo ao ver a espessa fumaça que vinha na direção das fileiras dos francos, que estavam ansiosos para lutar, e cobria seus rostos e atrapalhavam a visão, brandiu a lança sagrada com uma mão, com muita piedade traçou com a outra o sinal da cruz sob as nuvens de fumaça, implorando, em meio a profundo pranto, pelo auxílio do onipotente [todo poderoso] Jesus, que atendeu com piedade e fez retornar rapidamente as nuvens negras de fumaça sobre os inimigos que as causaram<sup>352</sup> [tradução nossa].

Em um primeiro momento, Guiberto defende a falsidade das relíquias que o imperador Aleixo I (1048-1118) possui, depois afirma a veracidade da Lança Sagrada, detalha sua *inventio*, as provas que a confirmam e denigre a imagem daqueles que duvidaram da Lança e falaram contra ela (ressaltando a crueldade da multidão e o esgarçamento de Pedro Bartolomeu e a indiferença de Fulquério sobre a fome dos cruzados em Antioquia). Nesse sentido, notamos que assim como em *De pigneribus sanctorum*, Guiberto não tem uma posição contrária a crença e ao culto das relíquias, em nenhum momento retira desses objetos seu aspecto sagrado. A abadia de Notre Dame de Nogent, à qual ele foi eleito em 1104, foi fundada sob a lenda de um rei que trouxera de Jerusalém relíquias da Virgem Maria e dos apóstolos<sup>353</sup>, e que provavelmente eram veneradas pelos monges.

O posicionamento de Guiberto se apresenta como uma aparente visão crítica a este culto. Em *De pigneribus sanctorum* o autor defende que a invenção de santos e relíquias tem como um dos motivos a intenção de alguns membros do clero em atrair para suas igrejas mais peregrinos, conquistarem mais poder e riquezas<sup>354</sup>. Esses monges estavam se aproveitando da piedade deste período, que havia aumentado fervorosamente seu interesse pela Terra Santa, e cuja devoção foi

---

<sup>352</sup> “*Sicne spectabilis Podiensis ille episcopus desipuisse putabitur, ut uncerti nominis lanceam sub tanta reverentia ferret, dum adversus Curbaran congressurus egreditur? Ibi certe finding quiddam memorabile factum, quod scilicet, dum Curbaran idem herbae ignem jussisset subjici, praesulque idem Francorum ad bella properantium conspiceret ora ac oculos profluentes fumi densitate suffundi, hinc sacram praeferens lanceamtera, Jesulque ditto pingbulens emergentes omnipotentis evocavit auxilium em eos qui emiserant, ejus pietas tetri vaporis globum torcido*”, GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. **Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per Francos [...]**. Omnia studio et opera D. Lucae d'Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica), Livro VIII, Capítulo IX.

<sup>353</sup> Pode-se ler tal relato em sua autobiografia.

<sup>354</sup> “*Dum ecclesiam vestram peregrinis opibus vultis attollere, et de vestro statu longe nobiliora, longe ab aliis excellentiora jactare*”. GUIBERT DI NOGENT. **De pigneribus sanctorum**: 1115-1119. – Ed. Jacques Paul Migne. Paris, [s.n], 1853, Livro III.

alimentada pela grande quantidade de relíquias que vinham de Jerusalém<sup>355</sup>. Guiberto escreve este tratado sobre as relíquias aproximadamente quinze anos após a Primeira Cruzada, significando que a Europa estava realmente repleta de relíquias de todos os tipos. Por exemplo, neste tempo, à Jesus estavam atribuídas desde os fragmentos da cruz, os pregos, o feno da manjedoura, seu sangue, prepúcio, cabelo, dente de leite<sup>356</sup> (que é o assunto principal de *De pigneribus sanctorum*, o dente de leite de Jesus venerado em Saint-Médard de Soissons).

Henri Platelle<sup>357</sup> vê em Guiberto uma atitude pastoral em relação ao culto das relíquias, ele pretende com os seus escritos orientar as pessoas a refletirem sobre o que elas estavam venerando e se fazia sentido à fé, talvez por esse motivo insiste em narrar as provas que confirmam a veracidade da Lança Sagrada. Poderíamos supor que Guiberto estaria propondo uma religião mais ascética e reflexiva. Ele estava inserido na cultura intelectual monástica, tinha as influências do pensamento filosófico de Santo Anselmo era incutido das ideias da Reforma Gregoriana, de uma espiritualização da sociedade.

Na perspectiva guibertina, a Lança Sagrada foi um sinal da ação e auxílio divino durante a expedição. Se tornou uma prova de que Deus acompanhava e agia em favor dos francos, olhando para eles com piedade livrando-os dos perigos. É interessante notar que um divino palpável em uma época repleta de incertezas e na qual a morte era uma realidade constante – tanto na Cruzada quanto no cotidiano –, uma relíquia significava para os fiéis o que Guiberto definiu como *pigneribus*, uma possibilidade de conforto, uma garantia da presença divina.

Jerusalém e todo a região próxima eram berços de relíquias, espaços nos quais se desenrolaram as cenas bíblicas e lugares que preservavam essa memória eram os destinos dos peregrinos e viajantes, logo, a Primeira Cruzada inaugura um novo contexto que “corroborou com este interesse” pelas relíquias e permitiu a proliferação desses objetos. As relíquias possuem um “papel mobilizador, ao lado do milenarismo, também impulsionando a busca pelos lugares que emanavam santidade”<sup>358</sup>.

<sup>355</sup> RILEY-SMITH, J. **As Cruzadas**: uma história. Campinas: Ecclesiae, 2019, p. 74.

<sup>356</sup> Cf. NICKEL, J. **Relics of the Christ**. Lexington: University Press of Kentucky, 2007.

<sup>357</sup> PLATELLE, H. Guibert de Nogent et le *De pigneribus sanctorum*. Richesses et limites d'une critique médiévale des reliques. In: **Les reliques. Objets, cultes, symboles**. L'Anais de la Conférence internationale de Université du Littoral-Côte d'Opale (Boulogne-sur-Mer) 4 - 6 de setembro de 1997, p. 109-121, 1999, p. 122.

<sup>358</sup> NASCIMENTO, R. C. S. Viagens Reais e Imaginadas: dois olhares sobre a Terra Santa. **Revista de História Comparada (UFRJ)**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 08-20, 2018, p. 9-10.

As relíquias solidificaram “a espiritualidade das massas, favorecendo a criação de um complexo sistema, que tinha poder inclusive para ligar os vivos aos mortos [...] e aproximava o homem comum de se Deus”<sup>359</sup>, essa perspectiva nos coloca diante de uma realidade clara no contexto medieval, de uma religião popular e de uma religião mais clerical/erudita. Não havia neste período um credo rigidamente uniforme e o cristianismo estava muito distante de “definir plenamente a sua dogmática”<sup>360</sup>. Nesse sentido, a preocupação de Guiberto em refutar a veracidade de algumas relíquias é algumas vezes interpretada como resultado de uma dicotomia entre religião popular e religião de elite<sup>361</sup>.

A partir do final do século XII há uma preocupação por parte de alguns clérigos em definir verdadeiros santos, verdadeiros milagres e verdadeiras relíquias<sup>362</sup>, de acordo com Le Goff é neste período também que “o papado começa a se reservar a canonização dos santos, até então no mais das vezes designados pela *vox populi*, coloca os milagres entre as condições obrigatórias que o candidato à canonização deve preencher”<sup>363</sup>. Assim percebemos em Guiberto uma ideia de religião mais interior, expoente desse impulso de espiritualizar a sociedade, mas se preocupando de forma interessante às evidências históricas de certos aspectos da fé, como é o caso das relíquias<sup>364</sup>.

---

<sup>359</sup> NASCIMENTO, R. C. S. Dos corpos santos à redistribuição dos ossos: a sacralidade aos pedaços. In: SOUZA, A. M. & NASCIMENTO, R. C. S. **Cultura, palavra e fé: narrativas e sacralidades no mundo ibérico**. Curitiba: Brazil Publishing, 2019, p. 149.

<sup>360</sup> BLOCH, M. **A sociedade feudal**. São Paulo, SP: Edipro, 2016, p. 101.

<sup>361</sup> DALLALI, M. **Débat inexistant ou paroles persistantes: la théologie des reliques au Moyen Âge, autour du De pigneribus sanctorum de Guibert de Nogent**. 2010, 110 folhas. Dissertação (Mestrado). Département d'histoire - Faculté des Arts et Sciences. Universidade de Montréal, 2010, p. 77.

<sup>362</sup> PLATELLE, H. Guibert de Nogent et le De pigneribus sanctorum. Richesses et limites d'une critique médiévale des reliques. In: **Les reliques. Objets, cultes, symboles**. L'Anaïs de la Conférence internationale de Université du Littoral-Côte d'Opale (Boulogne-sur-Mer) 4 - 6 de setembro de 1997, p. 109-121, 1999, p. 119.

<sup>363</sup> LE GOFF, J. **A civilização do Ocidente Medieval**. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 319.

<sup>364</sup> MORRIS, C. A critique of popular religion: Guibert of Nogent on The relics of the saints. **Studies in Church History**, 8, p. 55-60, 1972, p. 59.

## 4. CONCLUSÃO

As Cruzadas transformaram a vida dos povos envolvidos, sejam eles diretamente envolvidos ou não, estas expedições se expressaram pela guerra, mas também pela oração, penitência, peregrinação, auxílio aos cristãos e outros elementos espirituais. Elas evidenciam uma concepção social em que a violência e a guerra são tomadas como uma alternativa à proteção, à disciplina, meio pelo qual se expressava a força política e a possibilidade de ganho de terras e espólios<sup>365</sup>.

Notamos que o pensamento cruzadístico e a sua realização foram resultados de contextos complexos e repletos de instabilidades. O cristianismo foi aos poucos convertendo as heranças do Império Romano que resguardou, sejam heranças materiais ou intelectuais, culturais, organizacionais. Em um contexto de intensa fragmentação política, conflitos por terras e poder se tornaram comuns, esse clima favoreceu a violência e tornou a guerra uma realidade constante na Idade Média.

Essa aparente proeminência eclesiástica, favoreceu que os clérigos e religiosos ditassem, ou pelo menos tentassem, as regras religiosas, sociais e morais que nunca foram plenamente aceitas e seguidas, mas tinham tremenda força. Em grande parte deste período o clero e os monges foram os únicos detentores da habilidade de leitura e escrita e, portanto, formavam a maior – senão toda – parcela dos intelectuais. Tendo herdado a tradição intelectual e inseridos em um contexto conflituoso, é óbvio que o pensamento cristão precisaria se posicionar em algum momento sobre as guerras.

Como vimos, a Igreja nunca proibiu as guerras ou conflitos na Idade Média, muitas vezes inclusive se apropriou delas em seu próprio benefício, contratando cavaleiros em defesa das terras, construções e tesouros. O que percebemos são normas morais-religiosas que visam controlar a violência, mas não a exterminar. O surgimento da *Trégua de Deus*, as proibições de lutar em dias santos, os territórios e pessoas que deveriam ser poupados demonstram esse controle, sem a preocupação mais direta com a extinção da violência.

Na Europa, percebemos um contexto altamente fragmentado e uma tradição intelectual cristã que aos poucos inseriu o belicismo e o vinculou à fé. Agostinho herdou do pensamento

---

<sup>365</sup> TYERMAN, C. **Las guerras de Dios**. Una nueva historia de las Cruzadas. Barcelona: Crítica, 2010, p. ix.

romano a noção de guerra justa e a inseriu no contexto cristão, ao longo dos séculos a guerra justa foi adquirindo status de santa, desde que fosse legítima, em defesa da igreja e dos seus e possuísse uma autoridade inspirada por Deus. Os papas Gregório VII (1020-1085) e Urbano II (1042-1099) tomaram essa concepção e a aproximaram ainda mais da fé, Gregório VII almejou uma primeira expedição à Jerusalém, não concretizada. Urbano II a almejou, a realizou e o sucesso de sua empreitada garantiu a continuidade de tal pensamento e realização.

A Europa não era um conjunto de realidades isoladas, relações com a África e o Oriente aconteciam, essas relações eram comerciais, intelectuais, do fluxo de viajantes e peregrinos, de trocas culturais, que com certeza também sofreram transformações após a Primeira Cruzada. O Oriente também possuía um complexo contexto, cristãos gregos, judeus e muçulmanos partilhavam dos mesmos espaços, mantinham relações políticas e conflituosas. A realidade muçulmana também era de fragmentação político-religiosa, a questão da descendência de Maomé e a liderança religiosa dividiu o islamismo em grupos. Abássidas e Fatímidas reivindicavam cada um para si o governo do islamismo e disputavam importantes cidades no Oriente Médio. Dentro de seus territórios haviam também diversas tentativas de independência política dos líderes de algumas cidades, a guerra mais uma vez era uma realidade constante.

A ameaça muçulmana sobre Constantinopla, conduziu o imperador Aleixo I (1048-1118) a pedir auxílio aos recém separados cristãos latinos. Uma concepção que definia muçulmanos como inimigos se consolidou ainda mais, embates já aconteciam na Península Ibérica desde o século VIII. Urbano II enxergou uma imensa oportunidade de retomar os lugares santos que estavam sob os domínios muçulmanos, provavelmente tentar expandir a influência papal, especialmente Jerusalém, lugar por excelência da fé e da memória cristãs. Se aproveitando do impulso bélico dos nobres e cavaleiros europeus, apelando às sensibilidades religiosas e oferecendo a remissão dos pecados, o lucrar de indulgência e a oportunidade de peregrinação, o papa fez uma viagem pela França e pregou no Concílio de Clermont em 1095 uma expedição que teria como objetivo retomar os lugares santos das mãos muçulmanas e libertar os cristãos gregos, assim se desenvolveu a Primeira Cruzada.

Urbano II pregou em outros lugares, clérigos e monges realizaram pregações em seu nome. A oportunidade de peregrinação e remissão dos pecados, o impulso bélico se aliara à fome, ao desejo de diversas pessoas em conquistar no Oriente terras, se libertarem das dívidas e da vassalagem, diversas são as motivações, todas formam o conjunto da Cruzada. A primeira foi

essencialmente popular e liderada por Pedro, o Eremita (1050-1115), que sem sucesso foi um dos poucos a sobreviver e chegar em Constantinopla. Por alguns meses, Ademar de Le Puy (1055-1098), legado papal encarregado da expedição de outros nobres organizaram exércitos e partiram em 1096 em direção a Jerusalém. Exército de cavaleiros, exército de monges e clérigos, de camponeses, mulheres e crianças, a Primeira Cruzada contou com a participação de mais de cem mil pessoas.

Várias frentes e exércitos tomaram o caminho, em sua maior parte francos. Primeiro atingiram Constantinopla, na ausência de um líder maior, os nobres realizaram um juramento a Aleixo I (1048-1118) e prometeram a ele fidelidade e a devolução ao império dos territórios tomados pelos muçulmanos. Com suprimentos, os cruzados partiram para Niceia e iniciam um cerco, conquistam a cidade com auxílio de tropas vindas de Constantinopla. Em 1097 chegam à cidade de Antioquia, onde o cerco se perpetuou por meses, desânimo, fome, incredulidade tomaram conta dos cruzados. A *inventio* da Lança Sagrada foi tomada como sinal divino e reavivou os ânimos a fim de insistirem nas batalhas e conquistarem a cidade. Ademar de Le Puy morre, assim como outros tantos em decorrência das doenças, o clima na cidade era sangrento, a fome conduziu os cruzados a atitudes extremas de canibalismo, após a conquista Boemundo de Taranto (1058-1111) é declarado príncipe de Antioquia.

Já em 1099, com menos pessoas, a expedição seguiu em direção ao objetivo principal, a cidade de Jerusalém. Ao redor das muralhas da cidade os cruzados se dividiram em várias frentes e ocuparam diferentes pontos para o cerco, até que entre 13 e 15 de julho de 1099, as forças expedicionárias do Ocidente conquistam dos muçulmanos a cidade de Jerusalém. Uma assembleia foi realizada, o recém-criado Reino de Jerusalém teve como primeiro governante Godofredo de Bulhão (1060-1100) que assumiu o título de *Defensor do Santo Sepulcro*. Godofredo faleceu no ano seguinte e seu irmão Balduíno assume como rei da Cidade Santa.

Embora o objetivo tenha sido conquistado, outras batalhas continuaram acontecendo e novos territórios conquistados, em todo o período das cruzadas no Oriente a guerra se fez presente. É evidente que as Cruzadas tiveram altos custos “em meios e em homens, além de terem provocado nos muçulmanos fortes rancores, ainda existentes nos dias de hoje”<sup>366</sup>. Jacob Burckhardt afirma que

---

<sup>366</sup> MARCHINI NETO, D.; LIMA, D. R. História, memória e comemoração: os 900 anos da Ordem de Malta. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 6, n. 17, p. 243-249, 2014.



Ocidente como unidade geográfica e comunidade cultural-espiritual de povos em contraste com o “Oriente” seria não seria possível sem as Cruzadas, ou seja, sem aqueles dois séculos de história em que ocorreram repetidamente encontros tão profundos com o “não-cristão”, trouxe “outro” mundo e assim tornou possível no Ocidente pela primeira vez entender-se como “Ocidente” em contraste com o “Oriente”<sup>367</sup>

Desse modo, entendemos que as Cruzadas se constituem como um importante objeto de análise histórica, para além de questões militares e políticas. É possível que realizemos análises de questões identitárias, de pensamento, da religiosidade, das motivações, ou seja, de aspectos pluralistas aos quais nos referimos no início de nosso trabalho. Para isso, é preciso que escolhamos fontes históricas que nos possibilitem essa análise, a obra *Dei gesta per francos* de Guiberto de Nogent é sem dúvida uma importante fonte para a análise pluralista da Primeira Cruzada.

A narrativa guibertina, como vimos, foi realizada a partir de outras narrativas e do contato com algumas pessoas que retornaram do Oriente. Além de relatar as batalhas, a ação dos líderes, as derrotas e conquistas da Cruzada, Guiberto expôs a sua interpretação deste evento, a sua visão em relação aos judeus, cristãos orientais e muçulmanos; o seu posicionamento em relação às relíquias; sua visão teocrática e providencial de um evento, cuja história ele considerou como sagrada. Assim, *Dei gesta per francos* não se constitui apenas como uma narrativa da Primeira Cruzada, mas como um texto pelo qual o autor pudesse expressar o seu pensamento teológico, as suas impressões e emoções, Guiberto deixa-se transparecer por meio de seu texto.

Guiberto de Nogent escreve de uma forma para testemunhar a implementação do plano divino<sup>368</sup>, este é o ponto marcante de seu texto, enfatizar que a Cruzada foi uma vontade divina, que esta história, este acontecimento era parte da história de salvação dos homens, como oportunidade da remissão de seus pecados, oportunidade de morte gloriosa pelo martírio. O título da obra *Ações de Deus em favor dos francos* é bem claro nesta discussão, pois indica que os cruzados, especialmente os francos, tinham uma missão divinamente inspirada, contudo, foi Deus quem agiu por meio deles. Burstein afirma que Guiberto atribui à Cruzada um propósito espiritual

<sup>367</sup> *Apud* BOEHM, L. “Gesta Dei per Francos” –oder “Gesta Francorum”? Die Kreuzzüge als historiographisches Problem. *Saeculum*, v. 8, n. JG, p. 43-81, 1957, p. 44.

<sup>368</sup> SALAROLI, M. Introduzione, *In: GUIBERT DI NOGENT. De Sanctis et eorum pigneribus: 1115-1119* – ed. R.B.C. Huygens – trad. it. Le reliquie dei santi. Introduzione, traduzione e note a cura di Matteo Salaroli, Turnhout, Brepols, 2015, p. 12.

que supera toda crueldade e violência que foram praticadas, assume de fato que a expressão *Deus vult* é verdadeira<sup>369</sup>.

A atitude de Guiberto de Nogent em reescrever *Gesta Francorum* em uma linguagem mais erudita, em conferir as informações e corrigir os possíveis erros, acrescentando elementos que não aparecem em outras narrativas, evidencia uma história escrita por um intelectual e destinada a outros do mesmo grupo. Ao ressaltar o caráter espiritual, a escolha e liderança divinas, essa história da Primeira Cruzada pode “indicar uma atividade profética”, de reconhecer os planos divinos e a sua vontade neste acontecimento<sup>370</sup>. A atitude profética é relacionada à formação de Guiberto, às influências da filosofia, da exegese, da sua inserção nos pensamentos e propostas da Reforma Gregoriana, como intelectual e monge, ele se vê no dever de pregar e ensinar<sup>371</sup>, no dever de demonstrar a ação divina na história e interpretar esta história à luz da ação divina.

Os estudiosos de Guiberto notaram em seus escritos uma “sensibilidade sistemática e racional, rara no século XII”, além disso, um “ceticismo impressionante, no contexto de um imaginário religioso”<sup>372</sup>. Já discutimos sobre seu ceticismo, é improvável que Guiberto tenha sido um cético, preferimos analisá-lo mais como um crítico, como um típico monge medieval, que entretanto propunha uma religião mais racional, mais ascética<sup>373</sup>. Essa posição condiz com o contexto do século XII em que alguns historiadores notaram um processo de “autoconsciência histórica”, do despertar de um olhar mais crítico a informações e relatos que pareciam conter falsidade<sup>374</sup>. Jamais poderemos atribuir a Guiberto uma percepção de um historiador aos moldes da historiografia atual, como um homem medieval, possuía uma concepção de história vinculada à história da salvação, da ação divina na humanidade. Entretanto, concordamos com Labande<sup>375</sup>, Guiberto pode, dentro das concepções de uma produção historiográfica medieval, ser apreciado

---

<sup>369</sup> BURSTEIN, E. Quelques remarques sur le vocabulaire de Guibert de Nogent. *Cahiers de civilisation médiévale*, 21e année (n°83), juillet-septembre. pp. 253-263, 1978, p. 256.

<sup>370</sup> CHAURAND, J. La conception de l'histoire de Guibert de Nogent (1053-1124). *Cahiers de civilisation médiévale*, 8e année (n°31-32), juillet-décembre 1965. pp. 381-395.

<sup>371</sup> LANZIERI JÚNIOR, C. **Aprender para ensinar, doutrinar para salvar: a formação da sabedoria cristã do Abade Guiberto de Nogent (c. 1055-c. 1125) Monodiae (c. 1115)**. Tese (Doutorado) – Curso de História, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2013, p. 86.

<sup>372</sup> KANTOR, J. A psychol-historical source: the Memoirs of Abbot Guibert of Nogent. *Journal of Medieval History* 2, North-Holland Publishing Company, p. 281-304, 1976, p. 283.

<sup>373</sup> BURSTEIN, E. *Op. cit. Loc. cit.*

<sup>374</sup> BOEHM, L. “Gesta Dei per Francos” –oder “Gesta Francorum”? Die Kreuzzüge als historiographisches Problem. *Saeculum*, v. 8, n. JG, p. 43-81, 1957, p. 51.

<sup>375</sup> *Apud* LEVINE, R. Introduction. In: ABBOT OF NOGENT-SOUS-COUCY GUIBERT. **The deeds of God through the franks**. Introduction, traduction and notes by Robert Levine. Hamburg: Tredition Classics, [2014], p. 09.

como um autor com preocupações historiográficas. Uma personalidade crítica, de certo modo misteriosa, satírica e irônica, Guiberto e seus escritos possuem o seu valor para a pesquisa historiográfica.

Em *Dei gesta per francos* Guiberto de Nogent expressa a percepção de uma época, um imaginário religioso, deixa transparecer as transformações e mudanças, expressa principalmente as marcas deixadas pelas Cruzadas na Idade Média, seus resultados políticos, culturais, religiosos e nas relações entre judeus, cristãos e muçulmanos. O interesse por Jerusalém não diminui após o fim das Cruzadas no Oriente e o fim do Reino de Jerusalém, o término deste movimento estabelecido em 1291 não corresponde ao fim do pensamento cruzadístico, outras expressões deste ideal são perceptíveis em conflitos e ações posteriores. Sobre as Cruzadas, há o aspecto sagrado no nível de quem as realizou, de quem as interpretou sob uma determinada perspectiva, jamais no nível a quem elas foram dirigidas.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

ABBOT OF NOGENT-SOUS-COUCY GUIBERT. **The deeds of God trough the franks.** Introduction, traduction and notes by Robert Levine. Hamburg: Tredition Classics, [2014]<sup>376</sup>.

**BÍBLIA DE JERUSALÉM.** São Paulo: Paulus, 2017. (12ª reimpressão)

**CHRONICLES OF THE FIRST CRUSADE.** Introduction, edited and notes by Christopher Tyerman. Penguin Classics, 2012, [n.p.] (epub).

GUIBERT DE NOGENT (1053-1125?). Auteur du texte. **Venerabilis Guiberti, Abbatis B. Mariae De Novigento. Opera omnia, [...] Gesta Dei per Francos [...].** Omnia studio et opera D. Lucae d'Achery. Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Ioannis Billaine, MDCLI [1651]. Cum privilegio Regis & Approbatione Doctorum (Biblioteca Nacional Francesa/Gallica).

GUIBERT DE NOGENT. **Autobiographie.** Introduction, édition et traduction par Edmond-René Labande. Paris: Société d'Édition 'Les belles lettres', 1981.

GUIBERT DE NOGENT. **Geste de Dieu par les Francs.** Histoire de la première croisade. Introduction, traduction et notes par Monique-Cécile Garand. Turnhout: Brepols, 1998.

GUIBERT DE NOGENT. **Histoire des croisades.** Traduit du latin par François Guizot, 1825. [S. l.]: FV Éditions, 2017. [ebook não paginado]. ISBN 979-10-299-0495-0.

GUIBERT DI NOGENT. **De Sanctis et eorum pigneribus: 1115-1119** – ed. R.B.C. Huygens – trad. it. *Le reliquie dei santi.* Introduzione, traduzione e note a cura di Matteo Salaroli, Turnhout, Brepols, 2015.

GUIBERT OF NOGENT. **Monodies and On the Relics of Saints.** Introduction, traduction and notes by Jay Rubenstein. London: Penguin Classics, 2011.

MARCO TULLIO CICERONE. **De Officiis.** Quel che è giusto fare. - A cura di Giusto Picone e Rosa Rita Marchese. Turim, Giulio Einaudi Editore, 2019 (ebook).

PIÔNIO DE ESMIRNA. Martírio de São Policarpo bispo de Esmirna: 400. In: PADRES APOSTÓLICOS. – trad. Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. – São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística)

SANTO AGOSTINHO. **A Cidade de Deus.** Vol 1 e 2. Tradução, prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira. 2ª ed. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 1996

---

<sup>376</sup> A edição original deste texto foi realizada por Robert Levine na Universidade de Boston em 1977. Este livro é uma edição alternativa realizada pelo projeto/série *Tredition Classics*, que tem por objetivo facilitar o acesso a textos de domínio público, idealizado por Sandra Latusseck e Soenk Schulz em Hamburgo na Alemanha.

SANTO AGOSTINHO (354-430). **Confissões**. Tradução de Lorenzo Mammì – 1ª edição. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2017.

SANTO AGOSTINHO (354-430). **O livre-arbítrio**. São Paulo: Paulus, 1995.

## **Bibliografia**

ALBERIGO, G. et al. **Historia de los Concilios Ecumenicos**. Salamanca: Ediciones Sigüeme, 1993.

ÀLVAREZ, M. R. A.; NASCIMENTO, R. C. S. **A sacralização do Espaço Ibérico: vivências religiosas na Idade Média**. Curitiba: CRV, 2020.

AMATO, M. C. Os simbolismos dos animais com chifres em bestiários ingleses. **Medievalista**, 25, p. 1-11, 2019.

ASBRIDGE, T. **A chegada dos cruzados**. Barueri: Novo Século Editora, 2021.

BARROS, J. D'A. Cristianismo e política na Idade Média: as relações entre o papado e o império. **Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, vol. 7, nº. 15, p. 53-72, 2009.

BARROS, José D.'Assunção. História, imaginário e mentalidades: delineamentos possíveis. **Conexão-Comunicação e Cultura**, v. 6, n. 11, 2007.

BARROS, J. D'A. Imaginário, Mentalidades e Psico-História – uma discussão historiográfica. **Revista Labirinto, UNIR**, vol 7, dez, p. 1-28, 2005.

BARTHÉLEMY, D. Lectures de Guibert de Nogent (Autobiographie, III, 1-11). *In: Actes des congrès de la Société des historiens médiévistes de l'enseignement supérieur public*, 16<sup>e</sup> congrès, Rouen, 1985. Les origines des libertés urbaines. p. 175-192, 1985.

BELLITTO, C. M. **História dos 21 Concílios da Igreja: de Nicéia ao Vaticano II**. São Paulo: Loyola, 2010.

BLOCH, M. **A sociedade feudal**. São Paulo, SP: Edipro, 2016.

BOEHM, L. “Gesta Dei per Francos” –oder “Gesta Francorum”? Die Kreuzzüge als historiographisches Problem. **Saeculum**, vol. 8, n. JG, p. 43-81, 1957.

BORGONGINO, B. U. A Guerra Santa e a participação da cavalaria nas Cruzadas no Oriente. **Medievalis**, vol. 5, nº. 1, p. 1-14, 2014.

BRAUDEL, F. História e ciências sociais: a longa duração. **Revista de História**, v. 30, n. 62, p. 261-294, 1965.

BRUINELLI, T. O. Simbologia Animal: a pomba e o corvo nos bestiários medievais. **Revista Aedos**, vol. 2, n.º. 2, 2009.

BURSTEIN, E. Quelques remarques sur le vocabulaire de Guibert de Nogent. *In: Cahiers de civilisation médiévale*, 21e année, n.º 83, juillet-septembre, p. 253-263, 1978.

BYNUM, C. W. The Blood of Christ in the Later Middle Ages. **Church History**, Dec., vol. 71, n.º. 4, p. 685-714, 2002.

CAHEN, C. **Oriente y Occidente en tiempos de las cruzadas**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2016.

CHAURAND, Jacques. La conception de l'histoire de Guibert de Nogent (1053-1124). *In: Cahiers de civilisation médiévale*, 8e année, n.º.31-32, juillet-décembre, p. 381-395, 1965.

CHAVES, T. S. R. A Primeira Cruzada e o Reino de Jerusalém: novas perspectivas historiográficas. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**, ANPUH - São Paulo, julho de 2011.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. – 16 ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

CLAUSEWITZD, C. von. **Da Guerra**. [S. l. n.] - Versão do tradutor: Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle, 2014. (Ebook)

COLLAR, A. **Religious networks in the Roman Empire**: The spread of new ideas. Cambridge University Press, 2013.

COVOLO, E. dal [Pontificio Comitato di Scienze Storiche]. **The Historical Origin of Indulgences**. Vatican City: L'Osservatore Romano, 1999. [n.p.].

COWDREY, H. E. J. Pope Urban II's preaching of the First Crusade. **History**, vol. 55, n.º. 184, p. 177-188, 1970.

DALLALI, M. **Débat inexistant ou paroles persistantes**: la théologie des reliques au Moyen Âge, autour du *De pigneribus sanctorum* de Guibert de Nogent. 2010, 110 folhas. Dissertação (Mestrado). Département d'histoire - Faculté des Arts et Sciences. Université de Montréal, 2010.

DELORT, R. Animais. *In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J.C. (orgs.). Dicionário analítico do Ocidente medieval*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

DEPLOIGE, J. Meurtre politique, guerre civile et catharsis littéraire au XIIe siècle. Les émotions dans l'œuvre de Guibert de Nogent et de Galbert de Bruges. *In: BOQUET, D. et NAGY, P. Politiques des émotions au Moyen Âge*. Firenze: Edizioni Del Galluzzo, 2010, p. 225-254.

ELIADE, M. História das crenças e das ideias religiosas III. De Maomé à Idade das Reformas. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FERNANDES, F. A hagiografia de Martinho de Soure e a fronteira de Coimbra na primeira metade do século XII: guerra, fé e memória. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, n.º. 6, p. 113-131, 2014.

FLORI, J. **A Cavalaria**: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média. São Paulo: Madras, 2005.

FLORI, J. **Guerra santa**: formação da ideia de Cruzada no Ocidente cristão. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

FRANÇA, S. S. L. Peregrinos e centros de peregrinação. *In*: FRANÇA, S. S. L.; NASCIMENTO, R. C. S.; LIMA, M. P. **Peregrinos e peregrinação na Idade Média**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. (Série A Igreja na História)

FRANKOPAN, P. **O coração do mundo**: uma nova história universal a partir da Rota da Seda, o encontro do Oriente com o Ocidente. São Paulo: Planeta, 2019.

FRANKOPAN, P. **The First Crusade**: the call from the east. Cambridge / Massachusetts: Harvard University Press, 2012.

FROHLICH, R. **Curso básico de História da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1987.

GAPOSCHKIN, M. C. **Invisible Weapons**. Liturgy and the Making of Crusade Ideology. Ithaca and London: Cornell University Press, 2017.

GARAND, M.-C. Le scriptorium de Guibert de Nogent. *In*: **Scriptorium**, vol. 31 n.º 1, p. 3-29, 1977.

GUIANCE, A. Santos, reliquias y milagros en la hagiografia visigoda. **Pecia**, vol. 8, p. 245-260, 2005.

HAHN, C. **The Reliquary Effect**: enshrining the sacred object. London : Reaktion Books, 2016.

HARRIS, J. **Byzantium and the Crusades**. London / New Delhi / New York / Sydney: Bloomsbury, 2014.

HASKINS, C. H. **The renaissance of the twelfth century**. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1957.

HORTAL, J. **Os sacramentos da Igreja na sua dimensão canônico-pastoral**. 6ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2015. (Série Igreja e Direito)

KANTOR, J. A psychol-historical source: the Memoirs of Abbot Guibert of Nogent. **Journal of Medieval History 2**, North-Holland Publishing Company, p. 281-304, 1976.

KOSTICK, C. Courage and cowardice on the First Crusade, 1096–1099. **War in History**, vol. 20, n.º. 1, p. 32-49, 2013.

KOSTICK, C. **The Social Structure of the First Crusade**. Leiden-Boston: Brill, 2008.

KRUGER, S. F. **Medieval Christian (Dis)identifications: Muslims and Jews in Guibert of Nogent**. *New Literary History*, The Johns Hopkins University Press, vol. 28, n.º 2, *Medieval Studies*, p. 185-203, 1997.

KUPPER, J.-L. Guibert de Nogent, *Monodiae* – «Einzelgesänge»: Bekenntnisse und Memoiren eines Abtes aus Nordfrankreich, **Cahiers de civilisation médiévale** [en ligne], p. 250-251, 2020.

LANZIERI JÚNIOR, Carlile. **Aprender para ensinar, doutrinar para salvar: a formação da sabedoria cristã do Abade Guiberto de Nogent (c. 1055-c. 1125) *Monodiae* (c. 1115)**. Tese (Doutorado) – Curso de História, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2013.

LANZIERI JUNIOR, C. Guiberto de Nogent. In: SOUZA, G. Q.; NASCIMENTO, R. C. S. **Dicionário: cem fragmentos biográficos**. A Idade Média em trajetórias. Goiânia: Tempestiva, 2020.

LEFRANC, A., Le traité des reliques de Guibert de Nogent et les commencements de la critique historique. In: **Études d'histoire du moyen âge dédiées à G. Monod**, Paris, CERF, p. 285-306, 1896.

LE GOFF, J. **A civilização do Ocidente Medieval**. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 315-316.

LEVINE, R. Satiric Vulgarity in Guibert de Nogent's *Gesta Dei per Francos*. **A Journal of the History of Rhetoric**, University of California Press, vol. 7, n.º 3, p. 261-273, 1989.

LEVISKY, David Léo. **Um monge no divã**. O adolescer de Guibert de Nogent (1055-1125?): uma análise histórico-psicanalítica. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

MAALOUF, A. **As Cruzadas vistas pelos árabes**. Lisboa: Edições 70, 2013.

MARCHINI NETO, D. *Expeditio crucis: cruzadas e peregrinos*. In: NASCIMENTO, R. C. S. (org.). **Sacralidades Medievais: Textos e temas**. Goiânia: Tempestiva, 2021.

MARCHINI NETO, D.; LIMA, D. R. História, memória e comemoração: os 900 anos da Ordem de Malta. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 6, n. 17, p. 243-249, 2014.

MÉTHÉ, X. M. **L'individu, le monastère et l'église: représentations de la progression spirituelle dans les *Monodiae* de Guibert de Nogent au XIIe siècle**. 2009. 119 folhas. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, Faculdade de Letras, Universidade de Laval, Québec, 2009.

MILHOMEM, T. D. P. **A peregrinação a Meca em tempos de Cruzadas: o testemunho de Ibn Jubayr (século XII)**. 2018. 187f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.



MINAPETZOΠΟΥΛΟΣ, Γεώργιος. **Το Συναίσθημα Στον Guibert de Nogent**. 2017. Διπλωματική Εργασία. Τμήμα Ιστορίας, Αρχαιολογίας Και Κοινωνικής Ανθρωπολογίας - Σχολή Ανθρωπιστικών & Κοινωνικών Επιστημών, Πανεπιστήμιο Θεσσαλίας, 2017.<sup>377</sup>

MONGELLI, L. M. Animais em desfile. **Língua e Literatura**, n. 23, p. 279-282, 1997.

MORRIS, C. A critique of popular religion: Guibert of Nogent on The relics of the saints. **Studies in Church History**, 8, p. 55-60, 1972.

NASCIMENTO, R. C. S. As relíquias cristãs e a apropriação simbólica do território. **Opsis**, vol. 18, nº. 1, p. 142-153, 2018.

NASCIMENTO, R. C. S. Conceito, Significado e Discursos. *In*: COSTA, P. P; NASCIMENTO, R. C. S. **A Visibilidade do Sagrado**: relíquias cristãs na Idade Média. Curitiba: Prismas, 2017.

NASCIMENTO, R. C. S. Dos corpos santos à redistribuição dos ossos: a sacralidade aos pedaços. *In*: SOUZA, A. M. & NASCIMENTO, R. C. S. **Cultura, palavra e fé**: narrativas e sacralidades no mundo ibérico. Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

NASCIMENTO, R. C. S. Nos passos de Cristo e de seus apóstolos: relatos de viagem e peregrinações. *In*: FRANÇA, S. S. L.; NASCIMENTO, R. C. S.; LIMA, M. P. **Peregrinos e peregrinação na Idade Média**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. (Série A Igreja na História)

NASCIMENTO, R. C. S. Relíquias e peregrinações na Idade Média. *In*: SILVA, P. D; NASCIMENTO, R. C. S. (org.). **Ensaio de História Medieval: temas que se renovam**. Curitiba: CRV, 2019.

NASCIMENTO, R. C. S. Viagens Reais e Imaginadas: dois olhares sobre a Terra Santa. **Revista de História Comparada** (UFRJ), Rio de Janeiro, vol. 12, nº. 1, p. 08-20, 2018.

NEOTTI, F. C. Animais no altar: iconografia e simbologia. **Boletim do Ceib**, vol. 20, nº. 63, p. 01-06, 2016.

PAREDES, J. et al. **Diccionario de los Papas y Concilios**. Ariel, 1998.

PLATELLE, H. Guibert de Nogent et le De pigneribus sanctorum. Richesses et limites d'une critique médiévale des reliques. *In*: Les reliques. Objets, cultes, symboles. **L'Anais de la Conférence internationale de Université du Littoral-Côte d'Opale** (Boulogne-sur-Mer) 4 - 6 de setembro de 1997, p. 109-121, 1999.

PIERRARD, P. **A história da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1982.

---

<sup>377</sup> MINARETZÓPOULOS, Γεώργιος. **Το Synaisthima Ston Guibert de Nogent**. 2017 [118 folhas]. Diplomatiki Ergasia. Tmima Istorias, Archaiologias Kai Koinonikis Anthropologias - Scholi Anthropistikon & Koinonikon Epistimon, Panepistimio Thessalias, 2017.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da filosofia**: Patrística e Escolástica, vol. 2. São Paulo: Paulus, 2003.

RILEY-SMITH, J. **As Cruzadas**: uma história. Campinas: Ecclesiae, 2019.

RILEY-SMITH, J. **The First Crusade and the ideia of Crusading**. London/New York: Continuum, 2003.

RUST, L. D. A medida da Terra Santa: a bula Ad liberandam (1215) e a institucionalização das cruzadas. **Mirabilia**: electronic journal of Antiquity and Middle Ages, nº. 10, p. 85-105, 2010.

RUST, L. D. **Bispos guerreiros**: violência e fé antes das cruzadas. Petrópolis: Vozes, 2018.

SAID, E. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SALLES, B. T. **A conquista do Paraíso se faz pela guerra**: São Bernardo de Claraval e sua concepção acerca da luta e da cavalaria (1090-1153). Dissertação (Mestrado). Mestrado em História e Cultura Política. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

SILVA FILHO, J. G. Guibert de Nogent (c.1055 - c.1125): entre História e exegese no século XII. **Varia Historia**, vol. 24, nº. 40, jul/dez, p. 569-590, 2008.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de Conceitos Históricos**. – 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009

SILVEIRA, A D. Cristão, Muçulmanos e Judeus na Medievalística Alemã: reflexões “para um novo conceito de Idade Média”. **Revista Aedos**, vol. 2, nº. 2, 2009.

SMITH, J. M. H. Rulers and Relics c .750- c. 950: Treasure on Earth, Treasure in Heaven, **Past & Present**, vol. 206, nº. 5, p. 73–96, 2010.

SOUZA, J. A. C. R.; BARBOSA, J. M. **O Reino de Deus e o Reino dos Homens**. As relações entre os poderes espiritual e temporal na Baixa Idade Média (da Reforma Gregoriana a João Quidort). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

SOT, M. Peregrinação. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J.C (orgs.). **Dicionário analítico do Ocidente medieval**. (Vol. 2). São Paulo: Editora Unesp, 2017.

SPACEY, B. C. **Miracles and Marvels in latin narrative histories of The Crusades, 1095-1204**. Tese (Doutorado). Department of History, School of History and Cultures, College of Arts and Law. University of Birmingham, 2016, 340 f.

SPINA, Sigismundo. **A cultura literária medieval**: uma introdução. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

SULKEY, E. Guibert of Nogent: The Development of Rhetoric from Anti-Judaism to Anti-Semitism. **Virginia Tech Undergraduate Historical Review** 5, p. 34-55, 2016.

THUROT, C. Etudes critiques sur les historiens de la Première Croisade: Guibert de Nogent. **Revue Historique**, vol. 2, n°. 1, p. 104-111, 1876.

TYERMAN, C. **Las guerras de Dios**. Una nueva historia de las Cruzadas. Barcelona: Crítica, 2010.

TYERMAN, C. **The Crusades**: a very short introduction. New York: Oxford University Press, 2004.

VAUCHEZ, A. **A espiritualidade na Idade Média ocidental**: (séculos VIII a XIII). Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1995.

VERGER, J. **Homens e saber na Idade Média**. Bauru: EDUSC, 1999.

ZUMTHOR, P. **Falando de Idade Média**. São Paulo: Perspectiva, 2009, (Coleção debates)

### Dicionários e manuais

BURSTEIN, E. Quelques remarques sur le vocabulaire de Guibert de Nogent. *In*: **Cahiers de civilisation médiévale**, 21e année, n° 83, juillet-septembre, p. 253-263, 1978

**CAMBRIDGE DICTIONARY**. Inglês-Português. [Online]. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/>.

**DICIONÁRIO FRANCÊS-PORTUGUÊS**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2012.

**DICIONÁRIO LATIM-PORTUGUÊS**. Termos e expressões. – ed. Jair Lot Vieira. – São Paulo: Edipro, 2016.

**DICIONÁRIO DE LATIM-PORTUGUÊS**. – 2ª ed. – Porto, Portugal: Porto Editora, 2001.

**DICIONÁRIO PRIBERAM DE INGLÊS-PORTUGUÊS**. [S. l.]: Priberam, 2013. (ebook)

GOULLET, M. **Aprenda o latim medieval**: manual para um grande começo. Campinas: Editora da Unicamp, 2019.

JONES, P. V. **Aprendendo latim**: textos, gramática, vocabulário, exercícios. São Paulo: Odysseus Editora, 2012.

POPPELMANN, C. **Dicionário de máximas e expressões em latim**. – trad. e adap. Ciro Mioranza. – São Paulo: Editora Escala, 2010.

**THE WORDREFERENCE GERMAN-SPANISH DICTIONARY**. [Online]. Disponível em: <https://www.wordreference.com/>